



Universidade de Brasília  
Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília  
Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais

**THIAGO DINIZ MAGNO PINTO**

**“CALIPHATE-BUILDING”: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O PROCESSO  
DE FORMAÇÃO, EXPANSÃO E CONTENÇÃO DO ESTADO ISLÂMICO.**

Brasília  
2017

## FICHA CATALOGRÁFICA

PINTO, Thiago Diniz Magno

**“CALIPHATE-BUILDING”: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A FORMAÇÃO, A ASCENSÃO E A CONTENÇÃO DO ESTADO ISLÂMICO**

**/ Thiago Pinto – Brasília, 2017. 95 f.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Relações Internacionais. Área de concentração: Política Internacional e Comparada.

Orientadora: Dra. Maria Helena de Castro Santos.

1. Terrorismo; 2. Estado Islâmico; 3. Iraque; 4. Síria; 5. Estados Unidos da América

Thiago Diniz Magno Pinto

**“CALIPHATE-BUILDING”: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A FORMAÇÃO,  
A ASCENSÃO E A CONTENÇÃO DO ESTADO ISLÂMICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Relações Internacionais.

Área de concentração: Política Internacional e Comparada

Aprovado em: \_\_/\_\_/\_\_\_\_

**ORIENTADORA**

---

Prof. Dra. Maria Helena de Castro Santos  
Instituto de Relações Internacionais – Universidade de Brasília (Orientadora)

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Virgílio Caixeta Arraes  
Departamento de História – Universidade de Brasília

---

Prof. Dr. Ulysses Tavares Teixeira  
Doutor em Política Internacional e Comparada (2016) pela Universidade de Brasília

---

Prof. Dr. Alcides Costa Vaz  
Instituto de Relações Internacionais – Universidade de Brasília (Suplente)

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, não posso deixar de agradecer à minha orientadora, Prof<sup>a</sup>. Maria Helena de Castro Santos, por toda a paciência, empenho, profissionalismo e objetividade com que sempre me orientou nessa pesquisa. Muito obrigada por me ter corrigido quando necessário sem nunca ter me desmotivado.

Desejo igualmente agradecer os professores que me apoiaram nessa pesquisa, especialmente o Prof. Virgílio Caixeta Arraes e a Prof<sup>a</sup>. Vânia Carvalho Pinto.

Aos membros da banca examinadora, Prof. Virgílio Caixeta Arraes e Prof. Ulysses Tavares Teixeira, que tão gentilmente aceitaram participar e colaborar com esta dissertação.

Por último, quero agradecer aos meus pais, Maria José Diniz Magno Pinto e Gabriel Raimundo Magno Pinto, pelo apoio e amor incondicionais que me deram durante toda minha vida.

*If everyone is thinking alike, then somebody isn't thinking.*  
Gen. George S. Patton Jr.

## RESUMO

A organização terrorista autointitulada Estado Islâmico, originada da al-Qaeda do Iraque, conquistou um vasto território no Iraque e na Síria, entre os anos de 2014 e 2016, e declarou a instituição de um califado na região. Essa pesquisa analisa o processo de formação e de declínio dessa organização terrorista, desde sua composição inicial (al-Qaeda d Iraque) até a formação do “Califado”, com ênfase nas consequências da invasão norte-americana no Iraque, em 2003, para a formação do Estado Islâmico, assim como da prematura retirada das tropas norte-americanas do Iraque, entre 2009 e 2011, e da Guerra Civil na Síria, iniciada no contexto da Primavera Árabe. Por último, será analisada a reação militar da comunidade internacional contra essa organização terrorista.

**Palavras-chave:** Terrorismo, Estado Islâmico, Iraque, Síria, Estados Unidos da América.

## ABSTRACT

The so-called Islamic State, which is an offshoot of al Qaeda in Iraq, has conquered a vast territory in Iraq and Syria between 2014 and 2016 and managed to establish new a caliphate in the region. This research analyzes the process of creation and decline of that terrorist organization, from its initial composition (al-Qaeda d Iraq) to the formation of the "Caliphate", with emphasis on the consequences of the United States-led invasion of Iraq in 2003 to the formation of the “Islamic State” as well as the premature withdrawal of US troops from Iraq, between 2009 and 2011, and the Civil War in Syria, which has began in the context of the Arab Spring. Finally, the international community's military reaction against this terrorist organization will be analyzed.

**Keywords:** Terrorism, Islamic State, Iraq, Syria, United States do America.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Ondas terroristas segundo David C. Rapoport .....	29
Quadro 2 – Tipos de terrorismo religioso.....	31
Quadro 3– Cronologia do avanço do Estado Islâmico pelo Iraque e pela Síria .....	76
Quadro 4 – Número estimado de apoiadores do Estado Islâmico por país .....	83
Quadro 5 – Estrutura geográfica do Estado Islâmico .....	84

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Cadeias Causais.....	19
Figura 2 – Relação entre os conceitos de radicalismo, extremismo e salafismo-jihadista .....	25
Figura 3 – A “guerra fria” do Oriente Médio .....	73
Figura 4 – Posições estratégicas controladas pelo Estado Islâmico .....	85



## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Número estimado de insurgentes no Iraque (dezembro de 2003 a dezembro de 2004) .....	52
Gráfico 2 – Número de Foreign Fighters no Iraque (janeiro de 2004 e setembro de 2006) .....	54
Gráfico 3 – Número de baixas sofridas pela Coalizão no Iraque (2003-2011) .....	60
Gráfico 4 – Número de atentados terroristas no Iraque (2003 e 2015) .....	64

## LISTA DE SIGLAS

AQI – Al-Qaeda do Iraque  
AQC – Al-Qaeda Central  
CC – Carro de Combate  
CSNU – Conselho de Segurança das Nações Unidas  
DAESH – *al-Dawla al-Islamiya fi al-Iraq wa al-Sham* (EIIS)  
EAU – Emirados Árabes Unidos  
EI – Estado Islâmico  
EII – Estado Islâmico do Iraque  
EIIS – Estado Islâmico do Iraque e da Síria  
EUA – Estados Unidos da América  
FBI – Federal Bureau of Investigation  
FIRC – Foreign Imposed Regime Change  
FSA – Free Syrian Army  
JAN – Jabhat al-Nusra  
ISF – Iraqi Security Forces  
MANPADS – Man-portable air defence system  
MoD – Ministry of Defence (Reino Unido)  
MRAP – Mine Resistant Ambush Protected  
MRE – Ministério das Relações Exteriores (Brasil)  
OPEP – Organização dos Países Exportadores de Petróleo  
ONU – Organização das Nações Unidas  
OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte  
START - National Consortium for the Study of Terrorism and Responses to Terrorism  
UE – União Europeia  
URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas  
VBMT - Viatura Blindada Multitarefa  
VBTB - Viatura Blindada para Transporte de Tropa  
YPG – Kurdish People’s Protection Units

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>13</b>
<b>1. A relevância do Estado Islâmico</b> .....	<b>14</b>
<b>2. Considerações Metodológicas</b> .....	<b>17</b>
<b>Capítulo I - Terrorismo: o Mal do Século</b> .....	<b>23</b>
<b>1.1 Radicalismo, extremismo, jihadismo, salafismo-jihadista: como caracterizar o Estado Islâmico?</b> .....	<b>23</b>
<b>1.2 Terrorismo: teorias e debates</b> .....	<b>28</b>
<b>1.3 As ondas de terrorismo</b> .....	<b>29</b>
<b>1.4 Abordagens sobre o terrorismo contemporâneo</b> .....	<b>32</b>
1.4.2 Terrorismo Suicida.....	35
1.4.3 Teorias da comunicação sobre o terrorismo.....	36
1.4.4 Nível sistêmico de análise .....	36
1.4.5 Nível diático de análise.....	40
<b>1.5 Conclusões Parciais</b> .....	<b>40</b>
<b>Capítulo II - <i>State-builder</i>, <i>Insurgency-maker</i>: como a invasão do Iraque pelos Estados Unidos, em 2003, possibilitou a formação da al-Qaeda do Iraque e do Estado Islâmico do Iraque.</b> .....	<b>44</b>
<b>2.1 A formação do Estado Islâmico e sua relação com a al-Qaeda</b> .....	<b>44</b>
<b>2.2 A construção institucional, o processo de empoderamento dos xiitas e o aprofundamento das rivalidades sectárias:</b> .....	<b>50</b>
<b>2.3 O grande expurgo do exército iraquiano e do partido Baath</b> .....	<b>51</b>
<b>2.4 A resistência à al-Qaeda e a formação do estado islâmico do Iraque (EI)</b> .....	<b>56</b>
<b>2.5 O Império Contra-Ataca: “Anbar Awakening” e “The Surge”</b> .....	<b>57</b>
<b>2.6 <i>The Surge: o contra-ataque americano</i></b> .....	<b>58</b>
<b>2.7 Conclusões Parciais</b> .....	<b>60</b>
<b>Capítulo III – O renascimento e o ocaso de uma organização terrorista</b> .....	<b>63</b>
<b>3.1 Saída à americana: como a retirada dos EUA no Iraque favoreceu a formação do Estado Islâmico da Síria e do Iraque (EIS) e do Estado Islâmico (EI)</b> .....	<b>63</b>
<b>3.2 O grande expurgo de al-Maliki</b> .....	<b>66</b>
<b>3.3 A primavera do “Califado”</b> .....	<b>70</b>
3.3.1 A Guerra Civil na Síria .....	70
3.3.2. As “guerras frias” do Oriente Médio .....	72
<b>3.4 A fundação do Estado Islâmico do Iraque e da Síria</b> .....	<b>75</b>
<b>3.5 O Leviatã jihadista</b> .....	<b>79</b>
3.5.1 A institucionalização da jihad .....	82
3.5.2 A geografia do “Califado” .....	84
3.5.3 A economia do “Califado” .....	85

<b>3.6</b>	<b>O contra-ataque dos “cruzados”</b>	<b>86</b>
3.6.1	O bloco americano	87
4.6.2	O bloco russo	88
<b>3.7</b>	<b>Conclusões Parciais</b>	<b>89</b>
<b>4.</b>	<b>Resumo e conclusões</b>	<b>92</b>
<b>ANEXO – I</b>		<b>97</b>
<b>ANEXO – II</b>		<b>98</b>
<b>ANEXO – III</b>		<b>101</b>
<b>ANEXO – IV</b>		<b>104</b>
<b>ANEXO – V</b>		<b>105</b>
<b>ANEXO - VI</b>		<b>107</b>
<b>ANEXO - VII</b>		<b>109</b>
<b>ANEXO - VIII</b>		<b>111</b>
<b>Bibliografia</b>		<b>113</b>

## INTRODUÇÃO

A organização terrorista autointitulada Estado Islâmico (EI) ganhou notoriedade internacional em meados de 2014, quando, por meio de rápidos e violentos ataques, conquistou importantes cidades na no Iraque e na Síria, chegando a controlar uma área com mais de 10 milhões de pessoas. Além das conquistas territoriais, os líderes do EI conseguiram revitalizar a ofensividade do discurso anti-Modernidade e declararam o propósito de refundar um califado transnacional<sup>1</sup> na região do Oriente Médio e da África do Norte (BYMAN, 2016). O Estado Islâmico pode ser caracterizado como uma organização viés ideológico salafista-jihadista, que emprega recorrentemente táticas terroristas na busca pela consecução seus objetivos políticos e religiosos<sup>2</sup>.

O termo “organização terrorista” é controverso. Neste trabalho, em consonância com o projeto *Mapping Terrorist Organizations*, uma das principais fontes de referência dessa pesquisa, o termo será utilizado para indicar: “ [...] *non-state actors opposing government authority through the use of terrorism, a form of violence that does not aim to defeat the government’s military or security forces but to influence popular attitudes* [...]”. Martha Crenshaw (2010), do *Center for International Security and Cooperation (Stanford University)*, uma das responsáveis pelo projeto, reitera, ademais, que o emprego do termo “organização terrorista” não implica, necessariamente, que a referida organização empregue somente táticas terroristas em suas ações.

---

<sup>1</sup> O Acordo de Sykes-Picot, celebrado entre a França e o Reino Unido em 1916, dividiu o Oriente Médio em esferas de influência. A Síria e o Líbano foram destinados à França; a Mesopotâmia, mais tarde Iraque, foi colocada sob a influência britânica; e a Palestina e a Transjordânia tornaram-se o “mandato britânico para a Palestina”, indo da costa do Mediterrâneo até o Iraque (KISSINGER, 2015; BRITO, 2016 pp.35-41; HOURANI, 2006, p.19; STANSFIELD, 2016, p.37). Além do Acordo de Sykes-Picot, da Conferência de San Remo (1920) e do Tratado de Lausanne (1923), a Conferência do Cairo de 21 de março de 1921, que se deu sob os auspícios de Winston Churchill, então “*Colonial Secretary*” do Reino Unido, foi de grande relevância para a formação do que viria a ser o atual Estado do Iraque (STANSFIELD, 2016, p.47-48; 278).

<sup>2</sup> A maior parte dos muçulmanos no mundo, no entanto, é sunita, constituindo-se em 85-90% do total, contudo representam uma minoria no Iraque. A corrente jihadista salafista, preconizada pela al-Qaeda e pelo Estado Islâmico, é um “derivado” do Islamismo sunita. Atualmente, o EI apresenta-se como uma minoria sunita no Iraque e uma maioria sunita na Síria, que é vitimizada e perseguida. Os seus membros entendem que a organização compõe uma linha de defesa contra os ataques de diversos inimigos: os Estados Unidos infiéis; os Estados apóstatas do golfo; o ditador alauita da Síria; o Supremo líder iraniano e o governo opressor de Bagdá (WEISS & HASSAN, 2015, p. 11; GUIDÈRE, 2012, p.100).

O Estado Islâmico se distingue de outras organizações terroristas, pois conseguiu desenvolver táticas avançadas de conquista territorial e grande aptidão para realizar operações militares, assim como conseguiu obter know-how para a implementação mecanismos eficientes de governança nas localidades ocupadas e para se autofinanciar. O EI estabeleceu-se como um novo paradigma para organizações extremistas de viés jihadista, sendo ainda mais violento, mais sectário e mais ousado do que os grupos que o precederam, em especial, em relação a al-Qaeda (STERN & BERGER, 2015, pp. 269-271; ANNA CARLETTI; MARCOS ALAN S. V. FERREIRA, 2016 p.307).

O objetivo principal dessa pesquisa foi identificar os mecanismos causais que levaram à formação e à expansão do Estado Islâmico em um período de tempo relativamente curto e ao seu atual declínio territorial. Nesse sentido, argumenta-se que, entre as diversas variáveis incidentes no fenômeno da formação, da expansão e da contenção do Estado Islâmico (EI), destaca-se a política externa norte-americana para o Oriente Médio, tanto no que diz respeito à invasão militar no Iraque, em 2003, e à precoce retirada de suas tropas do Iraque, entre 2009 e 2011.

## **1. A relevância do Estado Islâmico**

Em setembro de 2014, estimava-se que o Estado Islâmico (EI)<sup>3</sup> controlava um território maior que o do Reino Unido (STANSFIELD, 2016 p.237), que incluía partes do Iraque e da Síria, e lucrava cerca de 600.000,00 libras esterlinas por dia, em atividades que incluíam a venda de petróleo, comércio de relíquias históricas e sequestros (JOHNSTON, 2014). Após rápidas e incisivas vitórias militares contra as forças iraquianas e sírias, que culminaram com a queda de importantes cidades desses países, como Fallujah, Ramadi, Mosul, Raqqa e Palmyra, a organização, que já havia declarado a formação do novo “Califado”, expandia, efetivamente, suas operações para a Líbia e

---

<sup>3</sup> De acordo com o *Office of the Coordinator for Counterterrorism*, órgão especializado do Governo norte-americano, o EI tem sido designado com as seguintes nomenclaturas: Al-Qaida Group of Jihad in Iraq; Al-Qaida Group of Jihad in the Land of the Two Rivers; Al-Qaida in Mesopotamia; Al-Qaida in the Land of the Two Rivers; Al-Qaida of Jihad in Iraq; Al-Qaida of Jihad Organization in the Land of The Two Rivers; Al-Qaida of the Jihad in the Land of the Two Rivers; Al-Tawhid; Jam'at al-Tawhid Wa'al-Jihad; Tanzeem Qaidat al Jihad/Bilad al Raafidaini; Tanzim Qaidat al-Jihad fi Bilad al-Rafidayn; The Monotheism and Jihad Group; The Organization Base of Jihad/Country of the Two Rivers; The Organization Base of Jihad/Mesopotamia; The Organization of al-Jihad's Base in Iraq; The Organization of al-Jihad's Base in the Land of the Two Rivers; The Organization of al-Jihad's Base of Operations in Iraq; The Organization of al-Jihad's Base of Operations in the Land of the Two Rivers; The Organization of Jihad's Base in the Country of the Two Rivers (Country Reports on Terrorism, 30 de abril de 2017). Acesso em 20/10/2017 <<https://www.state.gov/j/ct/rls/crt/2006/82738.htm>>.

para o Iêmen, planejando também operações na Arábia Saudita, na França, na Turquia, na Bélgica, no Egito, em Bangladesh, no Paquistão e na Indonésia. Entre 2014 e 2017, acredita-se que a organização tenha sido responsável por mais de 143 ataques terroristas distribuídos por, pelo menos, 29 países (LISTER, SANCHEZ, et al., 2017).

No ano de 2015, o Iraque encontrava-se na primeira posição do ranking do *Global Terrorism Index*, publicado pelo *The Institute for Economics and Peace (IEP)*, em colaboração com o *National Consortium for the Study of Terrorism and Responses to Terrorism*<sup>4</sup>, esse último vinculado à *University of Maryland*. O relatório produzido em 2015 indica que o Boko Haram<sup>5</sup> e o Estado Islâmico teriam sido responsáveis por mais da metade das 7.512 mortes causadas em decorrência de atos terroristas no ano de 2014. Além disso, o IEP estima ainda que o EI ainda esteve envolvido em outras 20.000 mortes impostas no “campo de batalha”, ou seja, combatendo as forças da Coalizão liderada pelos EUA.

O avanço do EI contribuiu também e decisivamente para o drástico aumento do número de refugiados em diversos países do Oriente Médio e da Europa (CRONIN, 2016; KIRIŞCI, 2015), causando grande instabilidade regional. De fato, a organização é responsabilizada pela massiva onda de violência sexual que varreu os territórios por ela ocupados (HUMAN RIGHTS WATCH, 2016), pela limpeza étnica e pelo genocídio de yazidis<sup>6</sup> no Iraque (THE OFFICE OF THE UNITED NATIONS HIGH COMMISSIONER FOR HUMAN RIGHTS, 2015), pelos danos ambientais ao nível regional (SCHWARTZSTEIN, 2017) e pela destruição deliberada de patrimônio histórico e cultural (CURRY, 2015; BOWKER et al., 2016).

Uma coalizão de 68 países, excluída a Rússia e liderada pelos EUA, e que seria a maior da história segundo o Secretário de Estado americano Rex Tillerson (U.S. STATE DEPARTMENT, 2017; MILLS, 2017) foi formada, a partir de 2014, para combater o Estado Islâmico. Em 28 de fevereiro de 2017, calculava-se que cerca de 18.666 ataques aéreos da Coalizão haviam sido realizados com o propósito de neutralizar a organização,

---

<sup>4</sup> The National Consortium for the Study of Terrorism and Responses to Terrorism (START) was established in 2005 as a U.S. Department of Homeland Security Center of Excellence, tasked with utilizing state-of-the-art theories, methods, and data from the social and behavioral sciences to improve the understanding of the origins, dynamics, and social and psychological impacts of terrorism (START, 2017).

<sup>5</sup> “[...] The Boko Haram was founded in 2002 when Mohammad Yusuf opened a religious complex with an Islamic school in Maiduguri, Nigeria, which attracted students from poor Muslim families across the country. Reportedly, Yusuf used the school to convert and recruit future jihadis [...]” (MAPPING TERRORIST ORGANIZATIONS, 2017).

<sup>6</sup> Grupo étnico-religioso curdo praticante de uma religião heterodoxa que contempla elementos cristãos e pré-islâmicos (DEMANT, 2015).

seus aliados. Na campanha aérea contra o EI, os EUA não só utilizaram pela primeira vez em combate os sofisticados caças F-22 (CENCIOTTI, 2016), como também detonaram, no Afeganistão, em 2017, a maior bomba não-nuclear já empregada efetivamente em uma campanha militar.

Em 30 setembro de 2015, ademais, a Rússia, que não participara de nenhuma campanha militar fora das fronteiras da ex-URSS desde o fim da Guerra Fria, iniciou sua própria campanha aérea contra o EI, em apoio às forças sírias. Para ilustrar o porte das operações militares anti-EI, destaca-se que os russos empregaram bombardeiros estratégicos Tupolev-22M3 (AIRFORCE TECHNOLOGY, 2017) e, pela primeira vez na sua história, um porta-aviões, o Almirante Kuznetsov, em operações reais de ataque (AL-MONITOR<sup>7</sup>, 2016; SPUTNIK, 2016). O Irã, também interessado na permanência de Assad à frente do governo sírio, colocou sua “Brigada 65” no conflito contra o EI, a qual não operava, ao menos oficialmente, fora de seu país desde a Guerra Irã-Iraque, nos anos de 1980 (QAIDAARI, 2016).

Dessa forma, dada a magnitude das suas ações, a reação militar internacional que provocou e o “proto-estado” que formou, o EI diferencia-se de outras organizações terroristas e justifica a atenção especial e específica desse trabalho. Audrey K. Cronin (2015), analista da revista *Foreign Affairs*, ao comentar a colocação do então Presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, de que a organização extremista conhecida como Estado Islâmico era pura e simplesmente uma “organização terrorista”<sup>8</sup>, argumenta que:

“[...] terrorist networks, such as al Qaeda, generally have only dozens or hundreds of members, attack civilians, do not hold territory, and cannot directly confront military forces. ISIS, on the other hand, boasts some 30,000 fighters, holds territory in both Iraq and Syria, maintains extensive military capabilities, controls lines of communication, commands infrastructure, funds itself, and engages in sophisticated military operations. If ISIS is purely and simply anything, it is a pseudo-state led by a conventional army. And that is why the counterterrorism and counterinsurgency strategies that greatly diminished the threat from al Qaeda will not work against ISIS [...]”. (CRONIN, 2015).

---

<sup>7</sup> O International Press Institute (IPI) agraciou o jornal (online) Al-Monitor, fundado em 2012 pelo árabe-americano Jamal Daniel, com o prêmio “Free Media Pioneer Award” no ano de 2014. IPI yesterday also honoured Al-Monitor as the recipient of IPI’s 2014 Free Media Pioneer Award. The media organisation provides original reporting and analysis by prominent journalists and experts from the Middle East, and offers an in-depth focus on Egypt, the Gulf, Iran, Iraq, Israel, Lebanon, Palestine, Syria and Turkey. <<http://www.almonitor.com/pulse/originals/2014/04/ipi-press-freedom-award-capetown.html#ixzz4t1zvFw3o>

<sup>8</sup> White House, Office of Press Secretary, Statement by the President on ISIL, September 10, 2014 <<https://obamawhitehouse.archives.gov/the-press-office/2014/09/10/statement-president-isil-1>> Acesso em 06/05/2017.



Com efeito, como aponta o relatório do *Mediterranean and Middle East Special Group* da OTAN (2015), “[...] undoubtedly, [the IS] is a new phenomenon, characterised by peculiar traits which set it apart from other forms of international terrorism [...]”. É interessante, portanto, compreender melhor os mecanismos causais por meio dos quais o grupo extremista conhecido como Estado Islâmico veio a se formar e se expandir, principalmente na região do Iraque e da Síria, nos anos que se seguiram à invasão do Iraque pelos Estados Unidos<sup>9</sup>, em 2003, e sobretudo, após a retirada das tropas americanas desse país, em 2011.

## 2. Considerações Metodológicas

A presente dissertação constitui-se em um Estudo de Caso, que consiste em um estudo detalhado e minucioso do fenômeno da formação, expansão e contenção de uma organização terrorista. Segundo Yin (2003, p. 32-33), o estudo de caso pode ser entendido como uma investigação científica que estuda um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos; enfrentando uma situação tecnicamente única em que haverá muito mais variáveis de interesse, baseando-se, dessa forma, em várias fontes de evidência e beneficiando-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir análise dos dados.

Para a identificação dos mecanismos causais que levaram à formação e a expansão do EI, fenômeno complexo e multicausal, empregar-se-á o método de *process tracing*. George & Bennett (2005) definem esse método como:

“[...] a methodology well-suited to testing theories in a world marked by multiple interaction effects, where it is difficult to explain outcomes in terms of two or three independent variables—precisely the world that more and more social scientists believe we confront [...]” (HALL apud GEORGE; BENNETT, 2005).

---

<sup>9</sup> No ano de 2006, o efetivo norte-americano no Iraque era de aproximadamente 130.000 homens, ao passo que o Reino Unido, segundo país com o maior contingente nas forças de ocupação, contava com 7.200 militares. Destacam-se, ainda, os efetivos da Coreia do Sul, estimado em 3.000 militares, da Itália, com cerca de 1.700 homens, e da Polônia, que perfazia 900 homens. Dessa forma, procura-se enfatizar que os EUA tiveram, no período em análise, mais tropas estacionadas no Iraque do que o somatório de todos os demais países que fizeram parte da coalizão. (Cf. UK Operations in Iraq, Thirteenth Report of Session 2005-06, Report, Together with Formal Minutes, Oral and Written Evidence: HOUSE OF COMMONS PAPERS 2005-06, p.10).

O *process-tracing*, portanto, se configura pela identificação das variáveis intervenientes que fazem parte do processo causal. Viabiliza a verificação de formas pelas quais essas relações entre as variáveis são estabelecidas e o seu contexto, isto é, além da observação do estudo em si, a análise da conjuntura em que ele está inserido e que possa ter impactado as citadas relações, considerando ainda o que levou determinado ator a empreender determinada ação, ter determinados comportamentos e as convicções presentes em todo o processo (GEORGE E BENNETT, 2005). Esse método, justamente por levar em consideração o impacto das variáveis independentes combinadas sobre a dependente é, dessa forma, particularmente adequado aos estudos de casos que acolhem, por assim dizer, um grande número de variáveis independentes, sem que se tenha por objetivo isolar o efeito de cada uma na variável dependente.

Assim, como ressalta Tannenwald (2015):

“[...] more methodological reason for the importance of process tracing in security studies is its advantages for studying “complicated multicausality”. The kinds of events at the core of security studies—wars, revolutions, crises, and normative, institutional, and systemic change—are complex, irregular, and unpredictable, with numerous interacting effects (for example, the end of the Cold War, the Arab Spring) [...]” (TANNENWALD, 2015).

Buscar-se-ão, dessa forma, mecanismos e sequências causais, utilizando-se observações particulares, de contextos específicos, que possam explicar o surgimento, a expansão e o declínio do Estado Islâmico. Empregou-se a abordagem indutiva

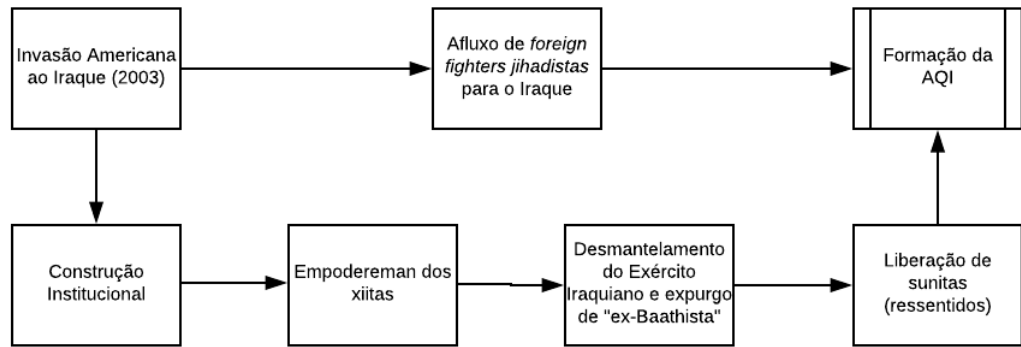
Durante o processo de formação e crescimento (evolução) do EI, a organização adotou vários nomes, teve vários líderes e atuou em vários países (ver Anexo II).

A análise avançará no tempo, acompanhando as diversas fases do EI: (1) formação al-Qaeda do Iraque (AQI); (2) contenção da al-Qaeda do Iraque e sua reformulação como Estado Islâmico do Iraque (EII); reformulação do EII como Estado Islâmico do Iraque e da Síria (EIIS); (4) contenção do Estado Islâmico.

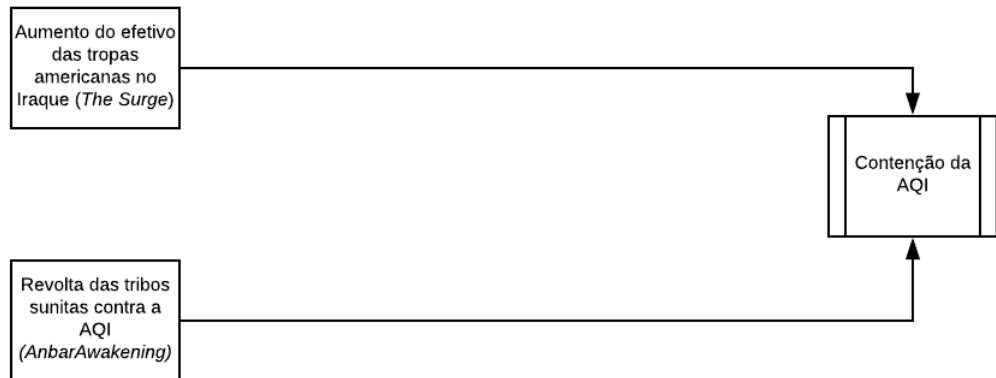
Apresenta-se, em seguida, as cadeias causais que se pretende demonstrar.

**Figura 1 – Cadeias Causais (Hipóteses)**

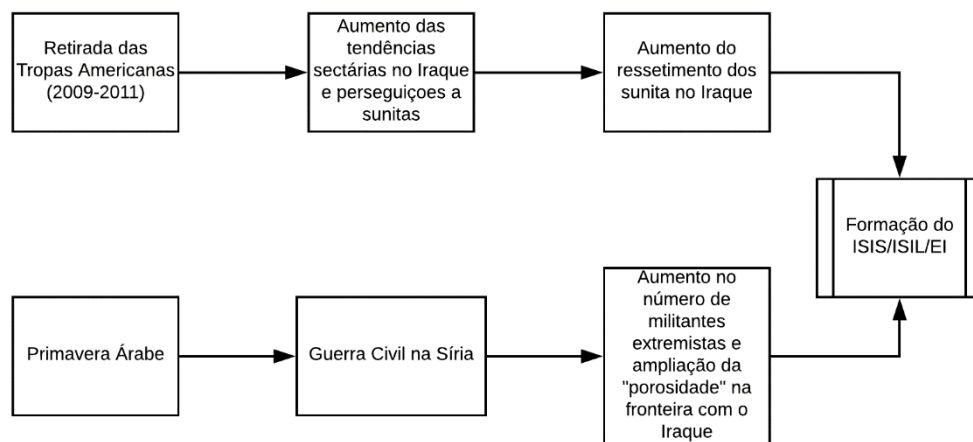
I) 2003-2006



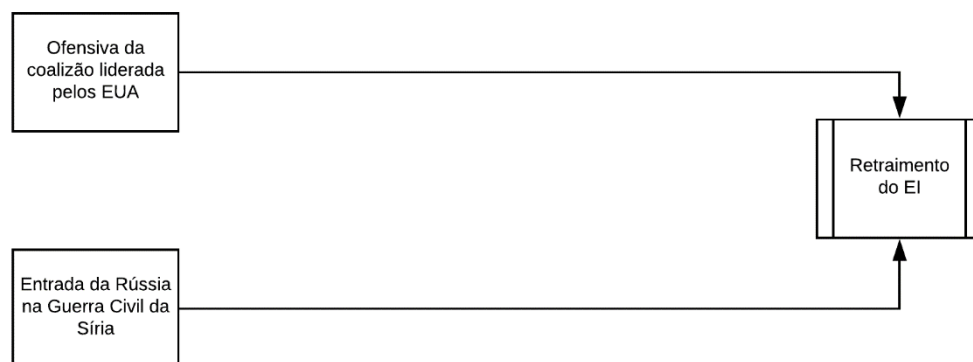
II) 2007-2008



III) 2009-2014



IV) 2015-2017



Os dados serão coletados por meio de pesquisa bibliográfica; documental e de informações providas por órgãos institucionais. Entre esses últimos, será dada ênfase às informações providas pelo projeto *Mapping Militant Organizations*, do *Center for International Security and Cooperation* da Universidade de *Stanford* e pelo *Global Terrorism Index (GTI)*, desenvolvido pelo *Institute for Economics and Peace (IEP)*. Além desses, foram utilizados dados providos pelo *Iraq Study group (ISG)*, pelo *Stratfor*, pelo *Empirical Studies of Conflict Project (ESOC)*, da *Princeton University*, pelo *Fund for Peace*, pelo *Conflict Barometer*, do *Heidelberg Institute for International Conflict Research (HIIC)*, pela *Brookings Institution*; pelo *Institute for the Study of War (ISW)*; pelo *Global Terrorism Database (GTD)*”; pelo *Center for the Analysis of Terrorism*; pelo *RAND Database of Worldwide Terrorism Incidents (RDWTI)*; pelo *Chicago Project on Security and Terrorism (CPOST)* pelo *University of Uppsala Conflict*

*Data Program* (UCDP); pelo Departamento de Estado dos EUA; Departamento de Defesa dos EUA; pelos relatórios do Parlamento e do Ministério da Defesa do Reino Unido e pelo *Combating Terrorism Center at West Point*.

Essa dissertação será composta dos seguintes capítulos:

No Capítulo I (Terrorismo: o Mal do Século) proceder-se-á a uma breve revisão da literatura sobre o terrorismo, procurando apresentar os conceitos relacionados ao “radicalismo”, ao “extremismo”, “jihadismo” e ao “salafismo-jihadista”, assim como suas relações com o EI. Além disso, pretende-se conceituar o que se entende por “terrorismo” atualmente e apresentar as principais abordagens teóricas e níveis de análise utilizadas para se analisar o fenômeno do terrorismo contemporâneo

No Capítulo II (*State-builder, Insurgency-maker*: como a invasão do Iraque pelos Estados Unidos, em 2003, possibilitou a formação da al-Qaeda do Iraque e do Estado Islâmico do Iraque.): analisar-se-á o fluxo de jihadistas para o Iraque após a invasão de 2003; o processo de empoderamento dos xiitas e suas consequências para o aprofundamento das clivagens étnico-religiosas desse país; a decisão de dispensar o exército de Saddam Hussein<sup>10</sup> e suas consequências para o aprofundamento da insurgência iraquiana e para a formação de organizações terroristas; o papel da Constituição iraquiana de 2005 no acirramento de conflitos étnico-sectários no Iraque e, por fim, como as tropas estadunidense e as tribos sunitas conseguiram conter o avanço da AQI pelo país, após 2006.

No Capítulo III (A retirada das tropas americanas do Iraque e a Primavera Árabe): analisar-se-á, portanto, nesse capítulo, as implicações da retirada das tropas norte-americanas do Iraque, finalizado em 2011, para a formação do EIIS e do EI; o aprofundamento do sectarismo étnico-religioso no Iraque após 2011; a influência da Primavera Árabe e do conflito civil da Síria na evolução do EIIS/EI; aspectos operacionais, táticos e estratégicos que possibilitaram o rápido avanço do EIIS/EI pelo Iraque e pela Síria; o processo de retraimento do EIIS/EI após a formação de uma coalizão

---

<sup>10</sup> Muito embora o regime de Saddam tenha se caracterizado pelo secularismo, durante o período de sanções econômicas impostas pela ONU ao Iraque nos anos de 1990, salafistas, com o seu incentivo, acabaram por ganhar maior notoriedade na máquina estatal iraquiana (*Faith Campaign*). A religião se tornava, assim, uma fonte de conformação para a empobrecida sociedade iraquiana, e o Islã, conseqüentemente, um instrumento para enfrentar as dificuldades criadas pelo próprio Regime Baathista (1968-2003) (Napoleoni, 2016). Essa perspectiva também é sustentada por Amatzia Baram (2014)<sup>10</sup>, por Kyle W. Orton (2015)<sup>10</sup> e por Liz Sly (2016).

liderada pelos EUA e da participação da Rússia na Guerra Civil da Síria, em 2015. Por fim, será apresentada a conclusão da presente dissertação.

## Capítulo I - Terrorismo: o Mal do Século

“La terreur n'est autre chose que la justice prompte, sévère, inflexible; elle est donc une émanation de la vertu; elle est moins un principe particulier, qu'une conséquence du principe général de la démocratie, appliqué aux plus pressants besoins de la patrie” (ROBESPIERRE, 2000 p.165).

### 1.1 Radicalismo, extremismo, jihadismo, salafismo-jihadista: como caracterizar o Estado Islâmico?

O Estado Islâmico<sup>11</sup>, que é descendente da al-Qaeda do Iraque (CSNU, 2014), se caracteriza como uma organização de viés ideológico salafista-jihadista, que emprega, recorrentemente, táticas terroristas na busca da consecução de seus objetivos políticos e religiosos.

Nesse capítulo pretende-se realizar uma breve revisão da bibliografia acerca do terrorismo contemporâneo.

Charles Tripp (2007) define “*jihad*” como “[the] war against unbelievers according to the shari’a”, enquanto para Esposito (2002), *jihad* “[is the] strive, effort, struggle” to follow Islam; can include defense of faith, armed struggle, holy war [...]”.

Jeff Haynes (2008), contudo, observa que

“[...] in mainstream Islamic thought, conventional interpretations of ‘jihad’ are far from its common – and erroneous – translation, especially but not exclusive in the West, as ‘holy war’. ‘Jihad’ translates as ‘striving’, but the historical theorisation of this struggle, still by far the most dominant today, could hardly be farther from that of a ‘holy war’ [...]” (p.98)

Para o propósito dessa pesquisa, adotou-se a definição de “*jihad* como “guerra santa”, no mesmo sentido de Tripp (2007) e Esposito (2002), muito embora se reconheça que a “*jihad*” é um fenômeno mais complexo, que vai muito além da ideia de “guerra santa”.

Jeffrey Haynes (2008), distingui dois tipos de “*jihad*”:

“[...] conventional interpretations distinguish between at least two kinds of jihad: the ‘greater jihad’ entails striving against one’s own negative inclinations, behaving piously. The ‘lesser jihad’, or ‘jihad of the sword’, permits the use of force to defend the faith only when Muslims are actively prevented from practising their religion [...] The gradual evolution of the concept of jihad into an attempt to justify armed struggle against political oppression cannot be divorced from the historical context of a hundred and

---

<sup>11</sup> EII/EIIS/Daesh/EI

fifty years or so of European (neo)imperial pressure: it is a response in both political discourse and in practices to (1) authoritarian governments at home, and (2) the impact of imperialism [...] (HAYNES, 2008, p.98-99).

Faz-se relevante, ademais, tecer alguns comentários acerca da relação entre os conceitos de “extremismo” e “radicalismo”, bem como acerca da relação entre os termos e o fenômeno do salafismo-jihadista. Não obstante os termos “extremismo” e “radicalismo” serem frequentemente utilizados como sinônimos (SCHMID, 2013, p.10; ORAV, 2015). Autors como Anita Orav (2015), pesquisadora do European Parliamentary Research Service, segue essa mesma linha argumentative:

“[...] in social sciences, the term 'radicalisation' or 'radicalism' is not defined uniformly (with the latter used to mark legitimate opposition to mainstream political orientation with the intention to bring about reform). Moreover, in political discourse it is often used interchangeably with notions such as 'extremism'. Although these phenomena can be said to share the same objective – challenging the existing order – the objectives may be different. One interpretation is that while radicalism seeks to modify the existing political and social structure, it need not be violent, hence the adjective 'violent' is often added. 'Extremism' is associated with active adoption of an ideology, intending to deliberately apply violence to remove a state's structure and its elite [...]” (ORAV, 2015).

Alex P. Schmid (2013, p.10), diretor do *Centre for the Study of Terrorism and Political Violence*<sup>12</sup>, destaca que os conceitos não têm, necessariamente, o mesmo significado:

“[...] While radicals might be violent or not, might be democrats or not, extremists are never democrats. Their state of mind tolerates no diversity. They are also positively in favour of the use of force to obtain and maintain political power, although they might be vague and ambiguous about this in their public pronouncements, especially when they are still in a position of weakness. Extremists generally tend to have inflexible ‘closed minds’, adhering to a simplified mono-causal interpretation of the world where you are either with them or against them, part of the problem or part of the solution. Radicals, on the other hand, have historically tended to be more open to rationality and pragmatic compromise, without abandoning their search for getting to the root of a problem [...]” (Schmid, 2013, p.10).

No que diz respeito ao conceito de “salafismo”, Schmid (2013, p.685) afirma que:

“[...] [salafism is a] fundamentalist ideological current or social movement closely linked to Wahhabism seeking to purge Islam of social and cultural outside influences and return to the orthodox Islam practised by ‘pious ancestors’, *i.e.* Muhammad and his immediate successors; adhering to a ‘pure’ interpretation of the Qur’an. Salafism can be apolitical, political or militant in the jihadi sense. It is the leading ideology of a transnational jihadi movement

---

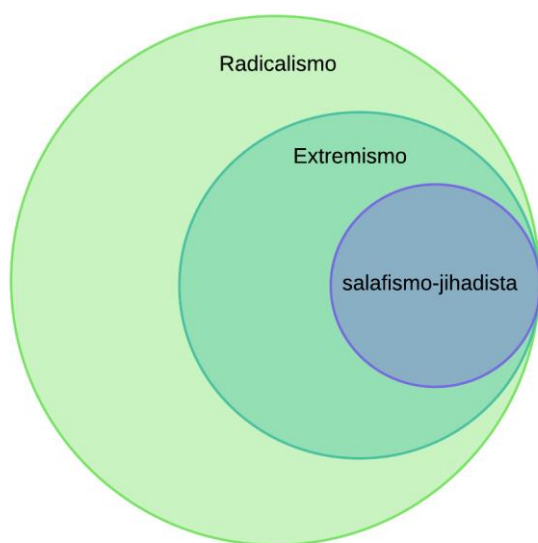
<sup>12</sup> “The Handa Centre for the Study of Terrorism and Political Violence (CSTPV) is dedicated to the study of the causes, dynamics, characteristics and consequences of terrorism and related forms of political violence. In doing so, it is committed to rigorous, evidence-based, scholarly analysis that is policy-relevant but independent. Founded in 1994, the Centre is Europe's oldest for the study of terrorism” (CSTPV, 2017)



of which Al-Qaeda is the most prominent representative [...]” (SCHMID, 2013, p.685)

De forma sintética, para os fins desta pesquisa, considera-se que os conceitos de “radicalismo”, de “extremismo” e de “salafismo-jihadista” estão relacionados conforme a Figura 2:

**Figura 2 – Relação entre os conceitos de radicalismo, extremismo e salafismo-jihadista.**



Fonte: elaboração própria.

O terrorismo, por sua vez, é um dos métodos ou das táticas utilizadas frequentemente pelas organizações extremistas para a consecução de seus objetivos políticos. O termo “terrorismo”, por exemplo, pode fazer referência ao período do *Comité de Salut Public* (1793-1794)<sup>13</sup>, órgão liderado por personalidades como Maximilien de Robespierre e Louis Antoine Léon de Saint-Just durante a Revolução Francesa (1789-1799). White, (2012), com efeito, coloca a origem do termo “terrorismo” na Revolução

<sup>13</sup> Segundo Noberto Bobbio (1998), apesar de correntemente o terrorismo ser entendido como a prática política de quem recorre sistematicamente à violência contra as pessoas ou as coisas provocando o terror, a distinção entre esta última e o terrorismo representa o ponto de partida para a análise de um fenômeno que, ao longo dos séculos, viu constantemente aumentar seu peso político. Como terror entende-se, de fato, um tipo de regime particular, ou melhor, o instrumento de emergência a que um Governo recorre para manter-se no poder: o exemplo mais conhecido deste uso do terror é, naturalmente, o do período da ditadura do Comitê de Saúde Pública, liderado por Robespierre e Saint-Just durante a Revolução Francesa (1793-1794). Mas já quase três séculos antes Maquiavel lembrava que "para retomar o Estado (ou seja, para conservar o poder) era necessário periodicamente espalhar aquele terror e aquele medo nos homens que o tinham utilizado ao tomar o poder" (Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio, III, I).

Francesa. No entanto, esse fenômeno tomou corpo durante o final do século XIX e o começo do século XX, em especial, como sendo uma tática de demanda política empregada tanto por anarquistas<sup>14</sup> quanto por nacionalistas (SCHMID 2004, p. 399).

Não obstante a miríade de possíveis abordagens ao terrorismo, a literatura acerca do fenômeno ainda sofre de muitas fragilidades, conforme Özdamar (1988) aponta:

“[...] studies in terrorism literature should refrain from being ahistorical, actor- or incident-oriented (Crenshaw 1995). That is, although we need the rigor of linear and causal models, we should not fall into the pitfalls of these approaches. The importance of finding general patterns, trends and cycles is undeniable. However, although there are commonalities, each case is unique. Terrorism remains unpredictable in part because its multiple contexts are dynamic (Crenshaw 1995). So our studies must consider the historical, geographical and cultural contexts. There are great insights that we can learn from comparative case studies of terrorism [...]” (ÖZDAMAR, 1988).

Tore Bjorgo (2005), diretor do *Center for Research on Extremism, (C-REX/ University of Oslo)*, provê uma definição em que o “terrorismo” é entendido como uma tática que visa promover o medo, conferindo ênfase na natureza do ato, não na sua motivação, assim:

“[...] terrorism is a set of methods or strategies of combat rather than an identifiable ideology or movement, and that terrorism involves premeditated use of violence against (at least primarily) non-combatants in order to achieve a psychological effect of fear on others than the immediate targets. [...]”. (p.2)

Essa definição é muito semelhante à indicada no *DOD Dictionary of Military and Associated Terms* ou pelo proposto no *The National Consortium for the Study of Terrorism and Responses to Terrorism (START)*, que define terrorismo como

“[...] the threatened or actual use of illegal force and violence by a non-state actor to attain a political, economic, religious, or social goal through fear, coercion, or intimidation [...]” (START, 2017)

Outras possíveis definições de terrorismo encontram-se no Anexo III.

---

<sup>14</sup> No fim do século XIX e no começo do XX, houve uma irrupção de terrorismo em toda a Europa, particularmente na França, Rússia, Espanha, e nos Estados Unidos. Frequentemente estimulada pelo anarquismo, que via em todas as formas de organização social e política instrumentos de opressão, ou simplesmente por nihilismo, terroristas explodiam, lançavam granadas, apunhalavam e fuzilavam, na maioria das vezes com espetacular sucesso. Entre 1890 e 1914, foram mortos, entre outros, Sadi Carnot, presidente da França; dois primeiros-ministros da Espanha (Antonio Cánovas em 1897 e José Canalejas em 1912); o Rei Umberto da Itália; o presidente McKinley dos Estados Unidos (cujo assassino se inspirou no assassinato de Umberto); a Imperatriz Elisabeth da Áustria; o estadista russo Stolypin e o Grão-Duque Sergei, tio do Czar. As vítimas não eram apenas pessoas poderosas e proeminentes, pois granadas eram lançadas no meio de plateias, como durante uma apresentação de Guilherme Tell em Barcelona, matando 29 pessoas, ou quando uma granada foi atirada sobre o Rei Alfonso da Espanha no dia de seu casamento e não o atingiu, mas matou 36 pessoas da cerimônia. Atoos terroristas provocavam a repressão por parte das autoridades, quase sempre rigorosa, que só servia para gerar mais violência (MACMILLAN, 2014).

São inúmeras as formas de classificar um ato terrorista, como destacam S.V. Marsden e A.P. Schmid (2011): “[...] *the various typologies considering the motivation and purpose of terrorist groups incorporate, inter alia, structural causes, and political and ideological motivation [...]*”. É possível citar classificações como, por exemplo, terrorismo de Estado; terrorismo insurgente<sup>15</sup>; terrorismo religioso; terrorismo étnico; terrorismo revolucionário<sup>16</sup> e terrorismo suicida; ecoterrorismo; terrorismo cibernético, terrorismo nuclear, terrorismo catastrófico<sup>17</sup> e narcoterrorismo.

Especificamente sobre o terrorismo religioso, Mark Juergensmeyer (2003, p.7) o define como aquela forma de terrorismo “[...] for which religion provided the motivation, the justification the organization, and the world view [...]”. Autores como Magnus Ranstorp (1996), Hoffman (2006, p. 88) e Jessica Stern (2003) demonstram que o terrorismo de viés religioso tende a apresentar maior grau de violência do que terrorismo de viés secular. As religiões, ressaltam Gabriel A. Almond, R. Scott Appleby e Emmanuel Sivan (2003), na obra *Strong religion: the rise of fundamentalisms around the world*, assumem uma preponderância indevida quando operam no âmbito de Estados Fracos, ou seja, quando o contexto político-institucional ou a cultura política são extremamente instáveis.

A dimensão religiosa que enquadra o jihadismo global é a corrente salafista também designada salafismo-jihadista. O Salafismo, conforme indicado acima, é um apelo ao retorno às crenças, às práticas do Islã primordial. O termo “salafismo” é uma referência direta a esses primeiros anos e refere-se às primeiras gerações de muçulmanos, conhecidas como Salaf. Consideram que séculos de estudo e de interpretação humana, influenciada por tradições religiosas preexistentes, preconceitos culturais, agendas políticas e interesses individuais, apenas contribuíram para corromper o Islã e conseqüentemente levarem ao declínio o “mundo muçulmano”. Defendem que as únicas fontes necessárias com a devida autoridade para formar um muçulmano devoto, são o Alcorão e a *Sunnah*. Os salafistas políticos acreditavam que a violência constitui uma solução para resolver os problemas relacionados com a corrupção do Islã e a opressão do mundo muçulmano (STERN & BERGER, 2015, p. 302).

---

<sup>15</sup> Cf. *Terrorism Research*. (2009). *Differences between Terrorism and Insurgency*. Acesso 12/02/2016.

<sup>16</sup> Por “terror revolucionário”, Crenshaw entende como “*a brand of non-state insurgency wherein the goal of the organization is to seize control of the (colonial) state, and in so doing to promulgate widespread social and political change*”.

<sup>17</sup> Cf. Carter, Ashton B. & William J. Perry, 1999. *Preventive Defense: A New Security Strategy for America*. Washington, DC: Brookings Institution Press.

No estudo intitulado *How Terrorist Groups End: Lessons for Countering al Qaeda*, Seth G. Jones e Martin C. Libicki (2008), concluíram que:

“[...] Religious terrorist groups take longer to eliminate than other groups. Approximately 62 percent of all terrorist groups have ended since 1968, but only 32 percent of religious terrorist groups have ended. Religious groups rarely achieve their objectives. No religious group that has ended achieved victory since 1968. Size is a significant determinant of a group’s fate. Big groups of more than 10,000 members have been victorious more than 25 percent of the time, while victory is rare when groups are smaller than 1,000 members. There is no statistical correlation between the duration of a terrorist group and ideological motivation, economic conditions, regime type, or the breadth of terrorist goals. But there appears to be some correlation between the size of a terrorist group and duration: Larger groups tend to last longer than smaller groups. When a terrorist group becomes involved in an insurgency, it does not end easily. Nearly 50 percent of the time, groups ended by negotiating a settlement with the government; 25 percent of the time, they achieved victory; and 19 percent of the time, military forces defeated them [...]” (JONES & LIBICKI, 2008).

O terrorismo religioso teria origem na dor e na impaciência para com um Deus que reage lentamente às súplicas (STERN, 2004). Cita-se, por exemplo, organizações como os Sizarii<sup>18</sup>, que, segundo Stern (2004, p.xx-xxvi), agiam já na época em que viveu Jesus Cristo, ou os Assassinos (*Ismailis-Nizari*), que operaram do século XI ao Século XIII. Essa última organização tinha como meta a divulgação do “islamismo puro”. O terrorismo religioso, portanto, diria respeito a uma reação psicológica e espiritualmente consciente, na qual os terroristas desejam não apenas amedrontar suas vítimas com temores relacionados ao “plano material” (mundano), mas também difundir um tipo terror no “plano espiritual”, com o propósito de transferir para suas vítimas, em última instância, seus próprios temores existenciais (STERN 2004, p.xx-xxvi).

Neste capítulo adota-se a definição de terrorismo como sendo um conjunto de táticas que tem por objetivo promover o medo generalizado, conferindo mais ênfase na natureza do ato, do que em sua motivação.

## **1.2 Terrorismo: teorias e debates**

O terrorismo pode ser estudado sob diversas lentes, contemplando, dependendo da perspectiva, as mais diversas variáveis (ÖZDAMAR, 1988).

“[...] academic perspectives on terrorism differ widely. They are influenced by disciplinary interests such as cultural anthropology, religion, social psychology, history, political science, geography, demography, weapons

---

<sup>18</sup> Cf. Stewart J. D'Alessio & Lisa Stolzenberg (1990) *Sicarii and the Rise of Terrorism, Terrorism*, 13:4-5, 329-335.

technology, communications, electronics, and forensics [...] (LONG 1990, CLUTTERBUCK 1990).

Procurar-se-á, nessa breve revisão da bibliografia acerca do fenômeno do terrorismo contemporâneo que se segue, descrever, por níveis analíticos, algumas das principais abordagens sobre o fenômeno, com destaque para terrorismo religioso. Para tal, optou-se por seguir a linha analítica proposta por Alex Schmid (2013)<sup>19</sup>, na obra *The Routledge Handbook of Terrorism Research*, publicada em 2013. Fez-se uso também dos trabalhos do pesquisador norueguês Tore Bjørgo (2005), de Katja H-W Skjølberg e Brynjar Lia e de Özgür Özdamar (2008).

### 1.3 As ondas de terrorismo

Inicialmente, faz-se necessário situar o fenômeno ao longo do tempo, já que manifestações terroristas têm sido registradas desde, pelo menos, a Primeira Guerra Judaico-Romana (66 d.C.-73 d.C.). David Rapoport (2009) divide o terrorismo contemporâneo em quatro grandes ondas, como no quadro abaixo:

**Quadro 1 – Ondas terroristas segundo David C. Rapoport (2004)**

ONDA	PERÍODO	TÁTICA PRIMÁRIA
Anarquista	1870 – 1920s	Assassinatos políticos e assaltos a bancos
Anticolonial	1920s – 1960s	Ataques às forças armadas e de segurança pública
Nova Esquerda/Marxista	1960s – 1980s	Sequestros e assassinatos
Religiosa	1979 - Presente	Ataques suicidas

Fonte: Baseado em RAPOPORT, 2004 apud SCHMID (2011)

Magnus Ranstorp (apud MARSDEN e SCHMID, 2011, p.231) concorda com Rapoport (2009) que o terrorismo religioso difere, essencialmente, do terrorismo que o esse autor chamou de “terrorismo convencional”, mas discorda quanto ao papel da Revolução Iraniana<sup>20</sup> como um paradigma do Islã revolucionário. Emerson & Hartman (2006), Hobsbawn (2007), Kissinger (2015), Viola (2010), Fine (2008), Almond et al.

<sup>19</sup> Alex P. Schmid, ligado à Universidade de St. Andrews (Escócia), é diretor da *Terrorism Research Initiative (TRI)*, foi pesquisador no International Centre for Counter-Terrorism (ICCT) e esteve à frente do setor de prevenção ao terrorismo do UNODC entre 1999 e 2005.

<sup>20</sup> É importante mencionar que a Revolução Iraniana de 1979 promoveu não um Estado tradicional islâmico, mas uma versão teocrática do Estado territorial moderno (HOBSBAWN, 2013).

(2003, p. 1), Calculi e Legrenzo (2016, p.226) e Hetz (2010) defendem ter sido a Revolução Iraniana, de fato, um marco do Islã revolucionário. Segundo Kissinger (2015),

“[...] a primeira implementação dos princípios do islamismo radical enquanto doutrina de Estado ocorreu em 1979, na capital na qual menos se esperava que isso acontecesse — num país que, ao contrário da maior parte dos Estados do Oriente Médio, tinha uma longa e insigne história nacional e uma antiga reverência por seu passado pré-islâmico. De modo que, quando o Irã, um Estado aceito no sistema vestfaliano, se transformou num defensor do Islã radical depois da revolução do aiatolá Khomeini, a ordem regional do Oriente Médio foi virada de ponta-cabeça [...] (p.151).

Dias (2005) afirma que o recrudescimento islâmico toma força após a vitória de Israel na Guerra do Seis Dias<sup>21</sup>, em 1967, uma vez que os regimes nacionalistas começaram a perder credibilidade junto as populações frustradas diante da derrota dos países árabe. Muitos muçulmanos, dessa forma, sentiam-se humilhados pela derrota e atribuíram esse resultado a uma “punição divina” pelo fato de terem, de forma geral, se distanciado de suas crenças. Ammerman (1987) também coloca a década de 1970 como ponto fulcral no recrudescimento do fundamentalismo<sup>22</sup> religioso, muito embora tenha concentrado sua pesquisa no fundamentalismo nos Estados Unidos (EUA).

Dentro da linha que enfatiza o viés religioso do terrorismo, Mcallister e Schmid (2011) ainda destacam os estudos de Bruce Hoffman (2001; 2006) e Mark Juergensmeyer (1999; 2003)

“[...] [their] work focuses on religious terrorism as part of a broader comparative analysis of contemporary terrorism. A narrower analysis of the new terrorism can be found in Mark Juergensmeyer’s ‘cosmic war’<sup>23</sup> hypothesis. Juergensmeyer’s hypothesis was driven by two trends in religious

---

<sup>21</sup> De maneira extraordinária, nesses seis dias, Israel derrotou seus inimigos, ocupando Sharm-el-Sheik, a margem ocidental do Canal e do Golfo de Suez, a Cidade Velha de Jerusalém, a Cisjordânia e o platô do Golã, na Síria, até a cidade de Kuneitra (DUPAS & VIGEVANI, 2001).

<sup>22</sup> Defesa da tradição, escolha seletiva na doutrina, moralidade dualista, absolutismo e messianismo são características que Emerson e Hartman (2006) sinalizam como possíveis constituintes do fundamentalismo.

<sup>23</sup> “[...] Mark Juergensmeyer’s concept of “cosmic war” provides a useful conceptual framework for examining the larger-than-life confrontations that religious extremists are engaged in today. This concept refers to the metaphysical battle between the forces of Good and Evil that enlivens the religious imagination and compels violent action [...]”. CF. Treverton, Gregory F., Heather S. Gregg, Daniel Gibran and Charles W. Yost. Exploring Religious Conflict. Santa Monica, CA: RAND Corporation, 2005. [https://www.rand.org/pubs/conf\\_proceedings/CF211.html](https://www.rand.org/pubs/conf_proceedings/CF211.html).

violence: a tendency towards mass-casualty violence, and an apparent lack of grand strategy in the employment of violenc [...] (p.232).

No âmbito do terrorismo religioso, pode-se identificar três grandes subdivisões dessa categoria: 1) terrorismo apocalíptico<sup>24</sup>; 2) terrorismo para a instituição de um governo religioso e; 3) terrorismo de “purificação religiosa (GREGG, 2014).

**Quadro 2 – Tipos de terrorismo religioso**

CATEGORIA	OBJETIVOS	EXEMPLOS
Apocalíptico	Causar um cataclisma que ocasione o “fim dos tempos” e permita o surgimento de um mundo melhor, ou seja, destruir o mundo com o propósito de salvá-lo”.	Aum Shinrikyo
Instituição de Governo Religiosos	Abolir estados seculares e implementar governos religiosos (nacionais e transnacionais)	Hamas; Hezbollah; Taliban.
Limpeza Religiosa	Eliminar grupos de outras religiões e/ou correntes de uma mesma religião	Shiv Sena;

Fonte: Elaboração própria, baseado em Heather S. Gregg (2014).

A religião, efetivamente, é indicada por Bruce Hoffman (2001)<sup>25</sup> como a principal característica do terrorismo contemporâneo. Peter Demant (2004) divide o fundamentalismo islâmico contemporâneo em três grandes ondas. A primeira onda teria ocorrido entre os anos de 1967 e 1981 e foi determinadamente influenciada pelo pensamento do paquistanês Sayyid Abu'l-A'la Mawdud e do egípcio Sayyid Qutb, assim como por muitos aspectos defendidos pela Irmandade Muçulmana<sup>26</sup>. A segunda onda teria acontecido durante os anos de 1980 e teria o xiismo e a Revolução Iraniana como fatores singularizantes. A terceira onda islamista estaria concentrada entre 1991 e 2001 e

<sup>24</sup> Segundo Flannery (2016) “[...] the terms “apocalypticism”/“apocalyptic” are often conflated with the terms “millennialism”/“millenarianism” by scholars of contemporary religious history and by those in other fields, such as political Science [...]” (FLANNERY, 2016 p.5).

<sup>25</sup> Bruce Hoffman é pesquisador da Rand Corporation e foi o primeiro diretor do Centre for the Study of Terrorism and Political Violence (CSTPV), na Universidade de S. Andrews

<sup>26</sup> Sob a influência de Hassan al-Bana (1906 – 1949), em meados de 1928, fundou-se a Ikhwan al Muslimun, ou “Irmandade Muçulmana” (Sociedade de Irmãos Muçulmanos) no Egito. Seus membros provinham de diversos setores da sociedade, como, por exemplo, a baixa burguesia urbana. Um dos aspectos essenciais de seu arcabouço ideológico seria a fusão da sociedade, da cultura, do Estado e da religião. Ao longo das últimas décadas, diversas organizações extremistas foram formadas a partir de ramificações desse movimento (LIA, 2006; Mitchell, 1993).

seria caracterizada pelo “islamismo<sup>27</sup> contra o Islã”<sup>28</sup>, ou seja, pelo choque de perspectivas divergentes dentro do próprio Islã.

Reginaldo Mattar Nasser (2014), por sua vez, afirma que a própria ideia de terrorismo religioso seria uma falácia, ao passo que Robert Pape (2005) percebe o terrorismo contemporâneo como um fenômeno muito mais relacionado a aspectos materiais do que espirituais

“[...] What nearly all suicide terrorist attacks have in common is a specific secular and strategic goal: to compel modern democracies to withdraw military forces from territory that the terrorists consider to be their homeland [...]” (PAPE, 2005, p. 4).

## 1.4 Abordagens sobre o terrorismo contemporâneo

### 1.4.1 Abordagens no nível agente ou indivíduo:

Lia & Skjølberg (2007) afirmam que esse talvez seja o nível de análise mais controverso, característica que também é ressaltada por McAllister e A.P. Schmid (2013, p.214), que afirmam:

“[...] the agent level of analysis, focusing on the terrorist actor, has been among the more problematic areas in the study of terrorism, as it has often utilized ill-founded theories of terrorism based on individual personality and even physiognomic traits allegedly typical of terrorist criminals [...]” (p.214)

Jeff Victoroff (2005), John Horgan (2003) e Andrew Silke (2001), da mesma forma, apresentam críticas à abordagem psicológica. Hogan (2003) defende que o estilo de vida de um terrorista profissional favoreceria “personalidades aberrantes”, uma vez que, via de regra, o terrorista volta-se a objetivos de viés coletivo, com a exceção dos *lone wolves*. Ademais, como ressalta Silke (2001), fazer parte de uma organização terrorista requer muita disciplina e lealdade, características raras em pessoas narcisistas, por exemplo. Horgan (2003) questiona, em particular, três perspectivas no interior dessa abordagem: a “*frustration-aggression theory*”, as “*narcissism and narcissism-aggression*

---

<sup>27</sup> O islamismo pode ser entendido como uma ideologia política antimoderna, antissecularista e antiocidental, cujo propósito seria converter o indivíduo para que ele se torne um muçulmano religioso observante, transformar a sociedade formalmente muçulmana em uma comunidade religiosa voltada ao serviço a Deus e estabelecer o reino de Deus em toda a Terra. A tendência fundamentalista seria, provavelmente, a vertente predominante no islã atual. É, todavia, um fenômeno recente, cuja forma atual se desenvolveu só nas últimas décadas, em reação à modernização globalizante (DEMANT, 2004, 432-33).

<sup>28</sup> O ataque à “Grande Mesquita” já anunciava o início dos ataques fundamentalistas de grupos islâmicos contra muçulmanos. (GONÇALVES, 2017, p.49).



*theories*” e o emprego de psicodinâmicas<sup>29</sup> da personalidade aos estudos sobre o terrorismo contemporâneo. A antropologista Ernst Becker (apud Stein, 2016 p.17), por exemplo, indicou que

“[...] culture is organized against the human anxiety over death. On this view, human culture, or human society is not entirely separate from psychic structure, but bears some correspondence with it; psychodynamic analysis of fundamentalist terrorism, therefore, is part of the psychoanalysis of culture [...]” (p.7).

Jessica Stern (2004, p.xxiii), na obra *Terror em nome de Deus: Por que os militantes religiosos matam*, analisa o fenômeno do terrorismo religioso sob a ótica do indivíduo e sob a ótica organizacional. Do ponto de vista do indivíduo, a autora destaca a ideia de Hannah Arendt (2006) sobre a “Banalização do Mal”<sup>30</sup>, na obra *Eichmann in Jerusalem: A Report on the Banality of Evil*, em que os perpetradores anulam o conhecimento de que suas vítimas são seres humanos, e a ideia que o “mal” se originaria do trauma. Quando a dor provocada por um trauma é tão forte que a vítima não consegue sustentar seus sentimentos, ela também se torna suscetível a propagar esse mal. Nesse sentido, o sofrimento pode gerar o pecado, em vez de, como acreditavam os filósofos pré-Iluministas, o pecado gerar o sofrimento. Assim crianças criadas em ambientes violentos tenderiam a ser tornar violentos.

Uma teoria que tem ganhado destaque, nesse nível de análise, é a do “*Terror Management*” (TMT), proposta por Jeff Greenberg, Sheldon Solomon, e Tom Pyszczynski (1997). Segundo McAllister and A.P. Schmid (p.217), ao descrever essa teoria

“[...] TMT takes as its core tenet the assumption that the purpose of fear is to ensure survival. However, this fear is put in the context of intellectual abilities that allow humans to think and communicate in language, imagine potential futures, and engage in self-reflection and self-awareness [...]” (p.217).

A Teoria da Radicalização, que não se limita ao nível do agente<sup>31</sup>, em geral, “[...] refers to a process of ideological socialization of (usually) young people towards effectuating fundamental political changes, usually through the use of violent tactics of

---

<sup>29</sup> De acordo com Stein (2001) “[...] Psychodynamics is the study of human emotions and representations. It takes place in the context of an awareness that psychopathology is not only an individual matter, but that it is also dependent on the specific culture [...]” (STEIN, 2010).

<sup>30</sup> De forma sucinta, pode-se dizer que o conceito de “Banalização do Mal” refere-se ao efeito da massificação da sociedade, contexto no qual se criaria uma multidão incapaz de realizar julgamentos morais, aceitando e cumprindo quaisquer ordens sem questionar.

<sup>31</sup> Quanto a essa abordagem, Alex Schmid (2013) apresenta uma análise em três níveis micro, meso e macro, ao passo que Randy Borum faz uso dessa abordagem ao distinguir sete níveis de análise: individual, grupal, em rede, organizacional, movimento de massa, contexto sócio cultural e internacional.

conflict waging against the political enemies and their followers [...]” (MCALLISTER; SCHMID p.217). Harris-Hogan (2012, apud El-Said, 2015, p.6) entende a ideia de “radicalização” como sendo um processo por meio do qual indivíduos adotam comportamentos que diferem substancialmente da maior parte dos valores legitimados no momento e no local em que se está. Sobre essa teoria, destacam-se, ainda, os estudos de Clark McCauley e Sophia Moskalenko (2008) e El-Said (2015).

As análises relacionadas à racionalidade dos agentes e das organizações terrorista são igualmente recorrentes. B. McAllister e A.P. Schmid (2013), ao analisarem os trabalhos de Crenshaw realizados sob esse viés, afirmam que

“[...] Crenshaw analysed terrorism not primarily in expressive terms but in terms of instrumental violence. Instrumentalism assumes that terrorism is a rational strategy designed to bring about a shift in the political position of the government. It aims to modify political behaviour by manipulating the options of the opponent – in most cases the government. It is not a strategy intended to destroy (or indeed capable of destroying) military capabilities in a decisive way [...]” (p.222).

Martha Crenshaw (1988, 1990, 1995), Özgür Özdamar (2008), Hermann and Hermann (1990), Enders e Sandler (2004) dentre outros, propõem uma abordagem racionalista ao fenômeno do terrorismo contemporâneo, ou seja, as ações terroristas seriam, em grande parte dos casos, idealizadas como um instrumento sob a lógica do custo-benefício em relação a um objetivo político. Todd Sandler (2013) e William Landes (1973) ressaltam, ainda, que os agentes, e não apenas as organizações, seria plenamente racionais.

Tendo por premissa a racionalidade dos agentes, ainda é possível considerar um enfoque que B. McAllister e A.P. Schmid (2013) chamaram de “*terrorist theories of terrorism*”. Essa linha analítica busca analisar o que os próprios terroristas pensam sobre o terrorismo. Brian M. Jenkins (1975, apud MCALLISTER; SCHMID, 2013) sintetiza essa abordagem da seguinte forma: “[...]unless we try to think like terrorists we are liable to miss the point”. Nesse sentido, B. McAllister and A.P. Schmid (2013) destacam que

“[the] use of the internet), careful readings of the early theorists and practitioners of terrorism yield the insight that terrorism has not changed as much as some adherents of the ‘new terrorism’ school assume [...]” (p.223).

Não obstante a pertinência dessa abordagem à compreensão do terrorismo religioso, como exposto acima, historicamente tem se relacionado mais a organizações terroristas com objetivos mais seculares. São frequentes, por exemplo, as referências ao

brasileiro Carlos Marighela, à Karl Heinzen, ao general Grivas<sup>32</sup> e ao Nikolai Alexandrovich Morozov<sup>33</sup>. Para esse último, o terrorismo seria uma forma de movimento revolucionário mais ampla; seria, na verdade, um veículo para a revolução. Horst Mahler, ligado ao *West German Red Army Faction (Baader-Meinhof-Gruppe)*, afirmava que “ [...] the strategy of the terrorist nuclei was aimed at provoking the overreaction of the state in the hope to stir the flames of hate against the state and to channel new recruits into the armed Underground [...]”. Esse é dos pontos que Marighela também destaca em seu *Mini manual da Guerrilha Urbana*.

#### 1.4.2 Terrorismo Suicida

Robert Pape (2003) e Crenshaw, (2007) argumentam que o terrorismo suicida, na concepção contemporânea, ganhou força nos anos de 1980. Embora possa parecer que existe uma clara relação entre o terrorismo religioso e o terrorismo suicida, organizações terroristas seculares fizeram uso recorrente dessa tática<sup>34</sup> também, com destaque para os Tigres de Liberação do Tamil Eelam, no Sri Lanka.

Enders e Sandler (2012) informam que o terrorismo suicida, visto de forma geral, provoca mais vítimas do que as demais formas de terrorismo, e isso tende a fazer os governos mais suscetíveis a negociações (PAPE, 2003 apud SANTIFORT-JORDAN & SANDLER, 2014). Merari<sup>35</sup> (apud BERMAN, 2009), por sua vez, ao analisar terroristas suicidas palestinos, afirma que os ataques suicidas, nesse caso, não estariam relacionados a ideologias, à teologia, a ressentimentos ou a transtornos psicológicos, mas sim à obtenção do respeito de seus pares ou da comunidade a que pertence

“[...] The suicide attackers he studied were typically not ignorant or economically deprived (relative to their neighbors), and had generally not suffered the loss of a close friend or family member. Although they defy simple characterization, if we were to look for a single answer, I think it must be that these individuals are altruists—at least with respect to their own communities. Merari’s research suggests that the attackers truly believe that their courageous act will bring great benefit to some cause, and that their neighbors, community, or country will benefit [...]” (BERMAN, 2009, p.11)

---

<sup>32</sup> Cf. Grivas George, *General Grivas on Guerrilla Warfare*. Translated by A. A. Palis, New York, N.Y., U.S.A., Praeger, 1965

<sup>33</sup> Cf. Nikolai A. Morosow: "The Revelation in Storm and Thunder. History of the Apocalypses origin" (1907)

<sup>34</sup> Pode-se se falar tanto em terrorismo tático como terrorismo estratégico. Cf. *Tactical and Strategic Terrorism*, Giandomenico Picco. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma* Vol. 9, Iss. 1-2, 2004.

<sup>35</sup> Cf. Merari, Ariel. *Suicide Terrorism in the Context of the Israeli-Palestinian Conflict*. Presentation at the *Suicide Terrorism Research Conference*, National Institute of Justice, Washington, D.C., October 25–26, 2004.

### 1.4.3 Teorias da comunicação sobre o terrorismo

Stern e Berger (2015) destacam que o EI teria conquistado notoriedade por meio do marketing da selvajaria, fazendo evoluir a sua mensagem de forma a vender a uma audiência global uma estranha, mas poderosa mistura de ideais utópicos e carnificina chocante, documentando uma versão cuidadosamente manipulada das suas campanhas militares. O fenômeno do terrorismo seria, portanto, segundo essa abordagem, percebido como uma forma violenta de comunicação. Assim, as “teorias da comunicação” do terrorismo se concentrariam na capacidade persuasiva e dissuasória de violência.

Na perspectiva de Eugen Hadamovsky<sup>36</sup> (McAllister & Schmid, 2011)

“[...] Terrorism, by using violence against one victim (group), seeks to intimidate, persuade and coerce others. The immediate victim is merely instrumental and victimization serves to achieve a calculated impact on a variety of audiences [...]” (p.246).

Para Özgür Özdamar (2008, p.95)

“[...] Terrorism as a communication approach is substantially different from organizational or instrumental approaches because their focus of inquiry is on the impact of terrorism according to the advocates of this approach [...]” (p.95).

### 1.4.4 Nível sistêmico de análise

Essa abordagem preconiza três eixos analíticos: o econômico, o político e o cultural. Embora seja recorrente a relação entre terrorismo e pobreza, essa relação está longe de ser absoluta. Cita-se como exemplo os índices relativamente baixos de terrorismo no Haiti<sup>37</sup> e o caso de terroristas famosos como Anders Behring Breivik, Theodore Kaczynski, o “Unabomber”, Timothy McVeigh ou Ilich Ramírez Sánchez, mais conhecido como Carlos, o “Chacal”. Ted Robert Gurr (1986) foi responsável por uma das análises sistemáticas pioneiras na relação entre violência política e marginalização econômica em sua *Theory of Relative Deprivation*<sup>38</sup>.

“[...] rather than illustrating a straightforward relationship between political violence and economic marginalization, [Robert] Gurr’s theory saw rebellion

---

<sup>36</sup> Cf. HADAMOVSKY, E. Propaganda und nationale macht. Oldenburg: Gerahrd Stalling, 1933. (Versão em inglês: Randall Bytwerk. German propaganda archive).

<sup>37</sup> Cf. Foreign travel advice Haiti There is a low threat from terrorism, but you should be aware of the global risk of indiscriminate terrorist attacks which could be in public areas, including those frequented by expatriates and foreign travellers (THE FOREIGN AND COMMONWEALTH OFFICE, 2017. <https://www.gov.uk/foreign-travel-advice/haiti/terrorism> Acesso 28/04/2017

<sup>38</sup> De acordo com Runciman (1966), a ideia que consubstancia o conceito de Privação Relativa envolve o reconhecimento de carências em relação a outros e a expectativa de que existam possibilidades para o alcance desse objeto. Cf. Runciman, W. G. Relative deprivation and social justice: a study of attitudes to social inequality in twentieth-century England. Berkeley: University of California Press, 1966.

as a result of political frustration that in turn was derived from the gap between the perception of individual entitlement, and the reality of goal attainment [...]" (p.249).

Embora não sejam fontes acadêmicas, vale mencionar um debate entre Thomas Piketty e outros economistas de prestígio. Dessa forma, o economista francês Thomas Piketty, no artigo *Le tout-sécuritaire ne suffira pas*, publicado pelo jornal francês *Le Monde* em 21/11/2015, defende a ideia de que a base do terrorismo no Oriente Médio estaria na desigualdade, inclusive o próprio do EI, por ser, segundo o autor, a região mais desigual do planeta. Esse argumento encontrou críticas entre alguns principais jornais dos EUA<sup>39</sup>, como o *The Washington Post*. Muitas das reportagens citavam as pesquisas de Alan Krueger (2008) em *What Makes a Terrorist: Economics and the Roots of Terrorism*, em que esta autora constata que um número expressivo de terroristas tem alto grau de escolaridade ou são advindos de famílias economicamente bem posicionadas. É possível, outrossim, relacionar, por exemplo, o fenômeno do terrorismo com os grandes ciclos econômicos. Lizardo (2008) afirma, por exemplo, que “[...] world-economic cycles and trends have always figured in World-systems and international relations explanations of interstate conflict and intrastate violence such as state-led repression and civil war [...] (BORNSCHIER; CHASE-DUNN 1998; BOSWELL; CHASE-DUNN, 2000).

Sob o viés político, é recorrente a relação entre terrorismo e regimes políticos, assim como entre terrorismo e governos não-funcionais. Sob essa linha argumentativa, é possível encontrar autores que associam o terrorismo à falta de democracia (GURR, 1986, p.317), assim como autores que, ao contrário, defendem que regimes democráticos seriam mais suscetíveis à formação de organizações terroristas. Eubank e Weinberg (1994), por exemplo, argumentam que os países democráticos eram mais de três vezes propensos ao surgimento de organizações terroristas do que os não democráticos.

Fox e Sandler (2004) afirmam que liberdade política não seria familiar ao Islã, no entanto, alguns países de maioria muçulmana, como a Indonésia<sup>40</sup>, que tem mais de 85%

---

<sup>39</sup> Cf. artigo “This might be the most controversial theory for what’s behind the rise of ISIS” do jornalista Jim Tankersley, publicado pelo *The Washington Post* em 30/11/2015 <[https://www.washingtonpost.com/news/wonk/wp/2015/11/30/why-inequality-is-to-blame-for-the-rise-of-the-islamic-state/?utm\\_term=.d0ac6e364aef](https://www.washingtonpost.com/news/wonk/wp/2015/11/30/why-inequality-is-to-blame-for-the-rise-of-the-islamic-state/?utm_term=.d0ac6e364aef)> Acesso em 01/05/2017. Reportagem semelhante desse mesmo autor foi publicada pelo *Business Insider* e pelo jornal britânico *The Independent*.

<sup>40</sup> Cf. artigo da revista *Foreign Policy* “Is Indonesia Really a Democracy?”, publicado em 10/11/2009.

de sua população muçulmana, apresentam indicadores, no mínimo razoáveis, quanto à liberdade política<sup>41</sup>. Para Fox & Sandler (2004):

“[...] the concept of political freedom is alien to Islam (Jagers and Gurr, 1995: 478; Lewis, 1993: 96–98). In fact, many argue that the very idea of secular authority and jurisdiction is an impiety in Islam (Juergensmeyer, 1993: 19–23). In the words of Bernard Lewis (1987: xvi–xvii), “The true and sole sovereign in the Muslim view was God, from whose mandate the Prophet derived his authority and whose will, made known by revelation, was the sole source of law [...]” (p.96)

Ainda dentro da perspectiva política, é interessante notar que Mark Moyar (2009), em *A Question of Command: Counterinsurgency from the Civil War to Iraq*, descarta a ideia de que ressentimento político, social e econômico sejam as principais causas dos movimentos insurgentes. Para o autor, a disputa entre elites seria, em muito dos casos, o principal fator de instabilidade, assim como a influência dos líderes. Um dos exemplos que o autor cita é o processo de "debaatificação" do Iraque. Essa ideia também foi explorada por Mark Perry (2010) em *Talking to Terrorists: Why America Must Engage with Its Enemies*.

Para McAllister e Schmid (2013), a abordagem culturalista seria uma das mais fracas linhas de análise ao nível estrutural. Esses autores criticam o que Mahmood Mamdani<sup>42</sup> chama de “bom-muçulmano, mau-muçulmano”. No entanto, para os autores Walter Laqueur (MCALLISTER; SCHMID, 2013 p.253)

“[...] was the first to assume that culture played a hand in radicalism when he asserted that terrorism is always inherently populist, and by extension is an outgrowth of the cultural Zeitgeist of the moment”.

Ainda sobe essa perspectiva, pode-se incluir a ideia do “Choque de Civilizações”, de Samuel P. Huntington (1997), em que o autor defendia que as “linhas de fratura” da humanidade, no futuro, seriam de natureza predominantemente cultural e que as

---

<sup>41</sup> No relatório preliminar do Human Freedom Index de 2012, formulado pelo Fraser Institute, pelo Friedrich Naumann Foundation for Freedom e pelo Cato Institute, por exemplo, a Indonésia figurava na 71ª posição, ao passo que o Brasil, na 82ª. O índice contemplava 152 países, sendo o Irã o último da relação na posição 156ª. O Iraque não foi listado nesse documento (The Human Freedom Index: A Global Measurement of Personal, Civil, and Economic Freedom, 2015). No Democracy Index (2016), da Economist Intelligence Unit, a Indonésia também aparece um pouco à frente do Brasil.

<sup>42</sup> Cf. Mahmood Mamdani, ‘Good Muslim, Bad Muslim: A Political Perspective on Culture and Terrorism’. *American Anthropologist*, 104(3), 2002, pp. 766–775

diferenças indetitárias entre as civilizações seriam constitutivas e, portanto, não negociáveis (FERRARA, 2016, p. 91).

A ideia de Huntington tem sido adaptada, recentemente, para explicar a dinâmica das relações políticas do Oriente Médio, como em “*The Clash Within Civilizations*”, em que se enfatiza as rupturas internas das civilizações, em especial, da islâmica. Empregaram essa apropriação conceitual autores como Saad Siddiqui (2017), do *Pembroke College* (Cambridge), Moisés Naím (2015), do *Carnegie Endowment for International Peace*, Arleigh A. Burke (2014), do *Center for Strategic and International Studies*.

No nível sistêmico de análise, cabe mencionar que os debates procuram ressaltar a possibilidade de o terrorismo contemporâneo estar sendo reforçado pela globalização ou ainda a possibilidade de a globalização ter globalizado movimentos terroristas regionais. Nessa direção, Brynjar Lia (2005), em *Globalisation and the Future of Terrorism: Patterns and Predictions*, argumenta que, em decorrência do processo de globalização, as organizações terroristas contemporâneas passaram a ter maior capacidade de operar uma amplitude geográfica muito mais ampla do que suas antecessoras. As pesquisas de Li, Quan & Schaub (2004) concluem, ademais, que o processo de globalização tem tornado os custos das organizações terroristas internacionais menor do que nas décadas anteriores.

Dessa forma, segundo Mary Kaldor (2003), muitas organizações terroristas contemporâneas fariam parte de uma espécie de uma “*regressive globalisation*”. O terrorismo de viés islâmico (jihadista), nesse sentido, pode ser compreendido como um fenômeno político anti-modernidade. Contudo, a autora afirma que existe um paradoxo desse fenômeno, uma vez que, muitas organizações terroristas, com o propósito de aumentar sua eficiência, também utilizam as mais modernas tecnologias, em especial, as relacionadas a comunicação.

Para Joseph Nye (2005), hodiernamente, o aspecto que seria efetivamente novo, em se tratando de terrorismo, seria o fato de que o acesso a novas tecnologias proporcionou, a grupos terroristas, capacidades destrutivas que antes eram quase que exclusividade dos Estados (NYE JR., 2005, p. 229). Omar Lizardo (2008), por sua vez, indica uma possível relação entre o fenômeno do terrorismo e as “transições hegemônicas”

“[...] in the absence of systemwide order produced by a supra-state, global norms of conduct necessitate their continuing and active espousal by self-appointed system leaders – usually the era’s dominant economic and political power – who use their influence to steer the system along their preferred

direction (e.g., espousing the global propriety of the values and practices related to democracy and free trade). As noted in hegemonic transition theories in both sociology and political science (Chase-Dunn 1998; Modelski and Thompson 1996), leading powers (hegemons) experience cycles of ascent, maturity and decline (Boswell and Sweat 1993). Most hegemonic transition theory consists of predictions connecting various global rhythms and trends (*i.e.* world economic growth, innovation, global war, etc.) with specific phases of the hegemonic sequence of ascent, maturity, decline and succession (Goldstein 1988). In regards to the study of terrorism; therefore, a key question is whether terrorism is more or less likely to occur during different phases of this cycle. I propose that there is a connection: terrorism is more likely to occur during periods of hegemonic decline[...]" (p.229).

#### *1.4.5 Nivel diático de análise*

Essa abordagem analisa o fenômeno em relação à interação entre as organizações terroristas e seus oponentes. Nessa linha podem ser inseridas a teoria dos jogos, as teorias relacionadas ao gerenciamento de crises e grande parte das teorias sobre contraterrorismo Segundo Crenshaw (apud MCALLISTER; SCHMID, 2013)

“[...] the very nature of the conflict between the state and the insurgents is defined by the state’s response, as it defines the nature and structure of the conflict, frames the realm of possible action and defines the issues at stake and the grounds for terminating the conflict [...] (p.255).

Além disso, é importante considerar a relação entre os demais grupos. Nessa linha analítica, destacam-se autores como Karmon (2005), Perliger e Pedahzur (2011) e McCormick, Gordon H. (2001). Nesse sentido, constata Phillips (2012),

“[...] a significant development in the study of political violence is increased attention to relationships between actors, instead of assuming that each party acts independently [...]” (HAFNER-BURTON & MONTGOMERY, 2006; Maoz, 2009, 2011) [...] Researchers are using the social networks approach to take into consideration the reality that ties between actors — whether states, individuals, or groups— have non-trivial effects. Research on terrorism has benefitted from this approach as well (Perliger and Pedahzur, 2011). Studies have primarily looked at networks of individual terrorists (e.g., Helfstein and Wright, 2011; Sageman, 2004), but analysts are beginning to focus on interorganizational relationships —networks of terrorist groups. These relationships, whether cooperative or adversarial, have important consequence. [...]” (PHILLIPS, 2012).

### **1.5 Conclusões Parciais**

Procurou-se apresentar nesse capítulo algumas das abordagens mais comuns ao fenômeno do terrorismo contemporâneo, conferindo destaque às facetas desse fenômeno que estão ou possam estar relacionadas à sua vertente religiosa. O terrorismo contemporâneo, como procurou-se evidenciar nesse capítulo, é um fenômeno



multicausal, que pode ser influenciado por aspectos religiosos, psicológicos, culturais sociais, políticas e econômicos.

Tendo por fundamento os aspectos abordados nesse capítulo, pode-se caracterizar a AQI, o EII, o EIIS e o EI, ou seja, o EI durante todo seu processo evolutivo, como organizações terroristas de viés salafista-jihadista, assim como a própria al-Qaeda Central (AQC), o al-Shabaab (Somália) e o Boko Haram (Nigéria), que agem racionalmente na busca por seus objetivos religiosos e políticos e militares. Por estarem dentro do espectro salafista-jihadista, subentende-se que essas organizações são formadas majoritariamente por muçulmanos sunitas. O EI apresenta objetivos situados em um grande espectro do que se considera terrorismo religioso, incluindo a “purificação de grupos rivais”, a instituição de um Estado religioso e o cumprimento de profecias apocalípticas.

A relação com os xiitas e um dos pontos que singulariza o EI em relação à AQC. Enquanto a AQC tinha por estratégia primária derrotar o “inimigo longínquo” (os EUA e seus aliados), o EI, em todas as suas fases evolutivas, privilegiou o “inimigo próximo”, ou seja, os xiitas, os curdos, os sunitas apostatas, assim como os “regimes apóstatas do Oriente Médio (FAWAZ, 2016 p.5; BYMAN, 2015; MCCANTS, 2014; LAW, 2015; STERN E BERGER, 2015; GERGES 201; SOLOMON, 2016). A AQC, assim como o EI, também considera os xiitas apostatas, mas bin Laden e al-Zawahiri, líderes da AQC, julgavam que atacar xiitas antes de derrotarem os EUA e seus aliados seria um desperdício de recursos (MCCANTS, 2014). Dessa forma, a longa lista de inimigos do EI inclui, entre outros, as potências ocidentais, a Rússia, os grupos xiitas do Iraque e da Síria, os Yazidis, alguns grupos terroristas de mesmo viés ideológico, como o Jabhat al-Nusra, que é “braço” da AQC na Síria, e organizações terrorista xiitas, como o Hezbollah.

Assim como os EUA, o EI tem seu próprio “Destino Manifesto”<sup>43</sup>. No entanto, o “destino” do EI seria cumprir uma profecia que, em um contexto apocalíptico, os jihadistas (*mujahidin*)<sup>44</sup> derrotariam o Ocidente. E esse é um dos aspectos que torna o EI

---

<sup>43</sup> O Destino Manifesto pode ser entendido como uma doutrina norte-americana, que tem fundamento em preceitos religiosos e que legitimava a expansão territorial dos EUA. Essa doutrina implicava que os EUA seriam um povo “escolhido por Deus” especialmente para difundir o esclarecimento entre os “povos inferiores”.

<sup>44</sup> “[...] Plural of mujahid, “one who engages in jihad.” Often translated as “warriors of God.” Technically, the term does not have a necessary connection with war. In recent years those Muslims who engage in armed defense of Muslim lands call themselves or are called mujahidin. They are not a monolithic movement of one origin but rather are diverse. They see themselves as God-fearing people who are fighting against injustice, especially foreign domination, but also against unjust state oppression. The term became well known in the West in the early 1980s as the Afghan mujahidin battled against the Soviet invasion of Afghanistan. Muslim volunteers from many countries have been fighting under that name in conflicts such as those in Albania, Kashmir, Kosovo, Bosnia, and Chechnya. (2) Afghani guerrilla fighters who fought

tão singular (WOOD 2017; FLANNERY, 2016; MCCANTS, 2014; FAWAZ, 2016 p.40), em relação aos demais grupos jihadistas contemporâneos. O viés “apocalíptico” do EI é muito sedutor a uma parte expressiva de seus adeptos. De acordo com Wood (2017 p.320), al-Zarqawi introduziu a mensagem apocalíptica na ideologia da AQI. Essa perspectiva ganhou maturidade nos últimos anos da ocupação americana ao Iraque, quando muitos jihadistas passaram a vislumbrar sinais do “fim dos tempos”, com a iminente chegada do Madí, um messias que conduziria os muçulmanos à vitória contra “Roma”, que os jihadistas interpretam como uma referência à OTAN ou aos EUA<sup>45</sup>. Mais do que apenas vislumbrar o apocalipse, muitos jihadistas do EI acreditavam que teriam a missão de desencadear os eventos que levariam à profecia em que eles acreditam (FLANNERY, 2016 p.127).

O emprego de violência extremada pelo qual o EI tem-se caracterizado não é, via de regra, resultado de transtornos de personalidade de seus membros, em especial o transtorno de personalidade antissocial, de seus membros, mas o resultado de um complexo processo de radicalização de seus membros. Assim, tão importante quanto vencer militarmente o EI, é a “desradicalização” de seus combatentes que, à medida que o EI vai perdendo território, começam a deixar a região do “Califado” em direção aos seus países de origem ou às regiões do Iraque e da Síria já retomadas pelas forças de segurança, tornando-se “células dormentes” para futuras operações.

Vale ressaltar ainda o resultado das pesquisas de Jones e Libicki (2008), por meio das quais se comprovou que grupos terroristas de viés religioso e grupos terroristas de grande porte (mais de 10.000 combatentes), como o EI, tendem a ser, efetivamente, mais difíceis de ser derrotados do que grupos de pequeno porte (menos de 1.000) ou grupos terroristas motivados por ideologias não religiosas. Entretanto, organizações terroristas que se juntam ou se transformam em movimentos insurgentes tendem a ser derrotadas mais rapidamente do que os que operam apenas como organizações terroristas.

---

against Soviet occupation and Communist rule (1978 – 1990). Supported by United States, Pakistan, and Saudi Arabia. They were divided into numerous political parties, following various ideological, ethnic, and sectarian loyalties. Dominant parties included the radical Hizb-i Islami, led by Gulbuddin Hekmatyar, and the moderate Jamaat-i Islami, led by Burhanuddin Rabbani and Ahmad Shah Masud [...]” (THE OXFORD ISLAMIC STUDIES ONLINE, 2017).

<sup>45</sup> Um dos sinais do fim dos tempos seria uma batalha em Dabiq, que se localiza na Síria, perto de Aleppo (Wood, 2017 p.321). Essa batalha, que seria conhecida como a “Grande Matança”, chegou a acontecer de fato, mas a resistência do EI aos rebeldes sírios foi pequena e o EI se retirou dessa localidade em outubro de 2016.

Dado o exposto, considerar-se-á, nessa pesquisa, que o Estado Islâmico é uma organização terrorista de viés salafista-jihadista, que possui crenças apocalíptica e grande ofensividade em relação às potências ocidentais. Considera-se, ainda, que o EI age de forma racional e organizada na busca por seus objetivos, ou seja, o terrorismo um dos instrumentos que o EI emprega para dissuadir seus inimigos.

No capítulo seguinte analisar-se-á o processo de formação da al-Qaeda do Iraque (AQI), com destaque às consequências da invasão militar anglo-americana ao Iraque (2003) e da política de “*state-building*” implementada pelos norte-americanos no Iraque nos anos que se seguiram à invasão militar naquele país, em 2003.

## **Capítulo II - *State-builder*”, *Insurgency-maker*: como a invasão do Iraque pelos Estados Unidos, em 2003, possibilitou a formação da al-Qaeda do Iraque e do Estado Islâmico do Iraque.**

“One of the hardest parts of my job is to connect Iraq to the war on terror. ”

George W. Bush, 2006. (JOHNSON, 2006)

Neste capítulo analisar-se-á, inicialmente, o processo de formação da al-Qaeda do Iraque<sup>46</sup> (AQI), com ênfase nas consequências da invasão militar liderada pelos Estados Unidos ao Iraque<sup>47</sup>, iniciada no ano de 2003, e da conseguinte política de “*state-building*”<sup>48</sup> engendrada pelos norte-americanos naquele país nos anos que se seguiram à invasão militar. Em seguida, será analisado o processo de transformação da al-Qaeda do Iraque no Estado Islâmico do Iraque (ISI). Por último, será investigado o processo de contenção da al-Qaeda do Iraque/Estado Islâmico do Iraque.

### **2.1 A formação do Estado Islâmico e sua relação com a al-Qaeda**

Como mencionado anteriormente, a palavra “jihad”, que é regularmente traduzida e como “guerra santa”, pode ter um sentido mais amplo para os muçulmanos e talvez seja melhor definida apenas como “luta” (em um sentido mais abrangente do que apenas “guerra santa”), uma vez que indica um espectro de ações que podem ir desde uma “luta

---

<sup>46</sup> Stansfield (2016) descreve o Iraque como um país plurinacional, conforme a conceituação de Arendt d'Angremond Lijphart (1977), cientista político holandês, ou seja, tratar-se-ia de um sistema consorcialista. Cf. Lijphart, Arendt. 1977. *Democracy in Pluricultural Societies: A Comparative Exploration*. New Haven: Yale University Press.

<sup>47</sup> O Iraque está localizado na região da Mesopotâmia (ISMAEL & ISMAEL, 2015 p.32). De acordo com Denmark (2000), a palavra Mesopotâmia significa “terra entre rios” e se refere aos rios *Tigre* e *Eufrates*, os quais continuam essenciais para a dinâmica socioeconômica do Iraque. Atualmente, o Iraque tem suas fronteiras limitadas pela Síria, pela Turquia, pelo Irã, pela Jordânia, pela Arábia Saudita e pelo Kuwait.

<sup>47</sup> Por volta do século VII d.C, acredita-se que o Iraque tenha passado a ser majoritariamente uma região islâmica.

<sup>48</sup> A ideia de nacionalismo árabe (*qawmiyya*) não é, necessariamente, igual à ideia de “nacionalismo iraquiano”. Na verdade, pode-se até afirmar que são tipos de nacionalismos que “competem” entre si. O nacionalismo iraquiano, que faz muitas referências às civilizações da Antiga Mesopotâmia e a outras singularidades históricas do país, tende a ser socialmente mais diverso do que o nacionalismo árabe, que parece estar mais centrado na ótica sunita. Outro ponto que merece destaque, quando se fala em nacionalismo iraquiano, é o relativo ao papel estabilizador desempenhado pela classe média do país na sustentação da ideia de um “único”<sup>48</sup> Iraque, ou seja, que também abarque dos xiitas (STANSFIELD, 2016, p.6; 57-58; 250; BRITO, 2016, 189).

espiritual” ao efetivo conflito armado contra infiéis e apóstatas (COOK, 2005; HAYNES, 2009; MAHER, 2017; LEWIS, 2003; STERN E BERGER, 2015; DEMANT, 2015).

“[...] Those of the believers who stay at home while suffering from no injury are not equal to those who fight for the cause of Allah with their possessions and persons. Allah has raised those who fight with their possessions and persons one degree over those who stay at home; and to each Allah has promised the fairest good. Yet Allah has granted a great reward to those who fight and not to those who stay behind [...]” (4:95, apud COOK, 2005).

No século IX destaca-se que o intelectual al-Shafii<sup>49</sup>, declarou que quando o *Dar al-Islam* (a Casa do Islã) fosse invadido por uma força estrangeira, a *jihad* poderia se tornar *fard ayn*<sup>50</sup> (obrigação legal), e seria responsabilidade de todos os muçulmanos que estivessem na região. Na contemporaneidade, essa perspectiva ganhou força principalmente em decorrência da resistência à invasão do Afeganistão por tropas soviéticas<sup>51</sup>, em 1979. Esse evento propiciou a formação da al-Qaeda em território afegão. Essa organização ficaria conhecida posteriormente como al-Qaeda Central (AQC), sob a liderança de Osama bin-Laden e a inspiração de Abdullah Azzam (ARMSTRONG, 2016 p.391-393; HAYNES, 2009 P.344; SILVA, 2016 p.143). Abu Musab al-Zarqawi, futuro líder da AQI, seria um desses jihadistas que se sentiu compelido a defender a “Terra do Islã” contra os invasores soviéticos (STERN E BERGER, 2015).

Conforme explica Wright (2016)

“[... ] Bin Laden never saw Iraq as a prosperous place to wage jihad, because the population is 65 percent Shiite. Although al-Qaeda is an entirely Sunni

---

<sup>49</sup> Conforme o Oxford Islamic Studies Online “[...] Shafii School of Law: School of Islamic law founded by Muhammad ibn Idris ibn al-Abbas ibn Uthman ibn Shafii in the eighth century. Prominent in Egypt, Palestine, and Jordan with a significant number of followers in Syria, Lebanon, Iraq, Hejaz, Pakistan, India, and Indonesia and among Sunnis in Iran and Yemen. Official school for Ayyubid dynasty in Egypt, and prominent during the Mamluk regime that followed. Displaced by the Hanafi School there when the Ottomans occupied Egypt in 1517. Combined knowledge of fiqh as practiced in Iraq with that of Hejaz. Considers hadith superior to customary doctrines of earlier schools in formulation of Islamic law. Denies preference (istishan) as source of law [...]” (THE OXFORD ISLAMIC STUDIES ONLINE) <<http://www.oxfordislamicstudies.com/article/opr/t125/e624>> Acesso em 03/09/2017.

<sup>50</sup> De acordo com o Oxford Islamic Studies Online, “[...] refers to legal obligations that must be performed by each individual Muslim, including prayer, charity, fasting, and pilgrimage. Individual obligation is contrasted with communal obligation (fard al-kifayah). The question of whether the obligation of ‘reproaching the unjust ruler’ or, more generally, the obligation to ‘command the good and forbid the reprehensible’ is an obligation on each individual or can be satisfied by part of the community is debated, particularly among Shii scholars [...]” (THE OXFORD ISLAMIC STUDIES ONLINE) <<http://www.oxfordislamicstudies.com/article/opr/t125/e624>> Acesso em 03/09/2017.

<sup>51</sup> No decorrer dos anos de 1980, os EUA, o Reino Unido, o Paquistão, a Arábia Saudita, o Egito e a China forneceram uma quantidade expressiva de armamentos e recursos financeiros aos *mujahedin* (aqueles que travam a jihad) que combatiam no Afeganistão. O conflito atraiu entre 20.000 e 25.000 *foreign fighters* e matou mais 15.000 soviéticos (ANDREWS, 2015).

organization, bin Laden had no interest in creating a civil war inside Islam [...]” (p.827)

Para Stern e Berger (2015. p.34), Soufan (2017); Wright (2016, p.825), Warrick, 2015; Fawcett (2016 p.93); Weiss & Hassan (2015), Law (2015) e Silva (2016) a origem do Estado Islâmico remete-se ao jihadista jordaniano Abu Musab al-Zarqawi<sup>52</sup>, que fundaria a Al-Qaeda do Iraque. Com efeito, o reestabelecimento de um califado no Oriente Médio já estava nos planos da al-Qaeda Central e a invasão norte-americana ao país, em 2003, gerou o cenário ideal para esse projeto

“[...] In mid-2005 three al-Qaeda leaders wrote to Zarqawi to discuss their statehood ambitions for Iraq. First, Sayf al-‘Adl<sup>53</sup>, instructed Zarqawi that “it is necessary for you to announce, clearly and plainly, that your objective is to recommence Islamic life by means of establishing the Islamic State, which will proceed to solve all the problems of the [Muslim] community [...]” (BUNZEL, 2015).

No contexto da invasão norte-americana ao Afeganistão, em 2001, al-Zarqawi tinha lutado ao lado da al-Qaeda e do Talibã, adquirindo muita experiência e o respeito de seus pares. Ferido em combate, fugiu, em 2002, para o Irã e, em seguida, para o curdistão iraquiano, onde se juntou à organização *Ansar al-Islam*, grupo *jihadista* curdo. Esse fato seria, mais tarde, apresentado pelos EUA como uma das provas de que a al-Qaeda estaria colaborando com Saddam Hussein. O grupo *Ansar al-Islam*, no entanto, considerava o regime iraquiano apóstata e tinha por objetivo estabelecer um Estado salafista governado pela Sharia na região. Foi a invasão do Iraque pelos EUA, em 20 de março de 2003, que direcionou, de fato, al-Zarqawi para uma aliança mais estreita com Bin Laden, levando à formação da al-Qaeda do Iraque (STERN e BERGER, 2015. p.39; WARRICK, 2015).

Em 2002, Zarqawi formou o grupo *jihadista Jama'at al-Tawhid wa'l Jihad (JTJ)* na Jordânia, o qual, em 2003, passou a operar no Iraque. Rapidamente esse grupo ganhou notoriedade na resistência à ocupação anglo-americana no Iraque e ao empoderamento dos xiitas nesse país, em decorrência, principalmente, de suas táticas violentas. Frequentemente al-Zarqawi ordenava o assassinato de xiitas, com o propósito de aprofundar os conflitos sectários no país (MAPPING MILITANT ORGANIZATIONS, 2017; STERN e BERGER, 2015; WEISS & HASSAN, 2015; SOUFAN, 2017 p.213; SILVA, 2016, p.136; BUNZEL, 2015 p.14; SHAPIRO, 2012 p.86). A violência irrestrita

---

<sup>52</sup> O nome de batismo de al-Zarqawi é Ahmad Fadhil al-Kalaylah (STERN e BERGER, 2015. p.34; WARRICK, 2015).

<sup>53</sup>Um dos principais estrategistas da al-Qaeda.

contra os xiitas<sup>54</sup> é, conforme indicado acima, um dos principais aspectos que diferencia a al-Qaeda Central da al-Qaeda do Iraque, uma vez que bin-Laden projetava-se mais como um “unificador de muçulmanos” e priorizava o “inimigo longínquo”, ou seja, os EUA e seus aliados (WARRICK, 2015 p.127; CLARKE, 2017).

Em 2004, al-Zarqawi declarou sua *bayah*<sup>55</sup> (fidelidade) a Bin Laden e anunciou a criação de um novo grupo jihadista: *Tanzim Qaedatal-Jihad fi Bilal al-Rafidayn* (SILVA, 2016), também conhecido por al-Qaeda na Terra dos Dois Rios (Tigre e Eufrates). No Ocidente, a organização passou a ser designada como al-Qaeda do Iraque (AQI)<sup>56</sup>. (MOUBAYED, 2015 p.87; STERN e BERGER, 2015; GERGES 2011, p.107; JONES, 2017; SOLOMON, 2016, p.4; MAPPING MILITANT ORGANIZATIONS, 2017; SOUFAN, 2017 p.215). Não obstante a declaração de *bayah* de Zarqawi, deve-se esclarecer que a AQI sempre teve um *modus operandi* bem específico, se comparado à al-Qaeda Central (AQC) (STERN e BERGER, 2015 p.44). Uma outra divergência entre Bin Laden e al-Zarqawi estava na questão do *takfir*<sup>57</sup>, ou seja, a denúncia de alguém como sendo não crente. Bin Laden e seu sucessor na AQC, al-Zawahiri<sup>58</sup>, em 2011, sentiam-se profundamente incomodados com os grupos que tinham civis muçulmanos como alvos (STERN E BERGER, 2015. p.45; GERGES 2011, p.108; SOLOMON, 2016, p.4).

---

<sup>54</sup> De acordo com Clarke (2017) “[...] ISIS fully embraced sectarianism, seemingly making the killing of Shiites its *raison d’etre* [...]” (CLARKE, 2017).

<sup>55</sup> Ali Soufan (2017 p.79), ensina que a “[...] Bayat is a traditional system of governance dating back to pre-Islamic Arabia. It was adopted into Islam by the very earliest Muslims. The story is well known. When the polytheist rulers of Mecca were rumored to have murdered the Prophet Muhammad’s herald, his followers vowed revenge. To cement their resolve, they pledged bayat to the Prophet in the shade of a desert tree. So poignant was this display of unity that the militarily much stronger Meccans decided not to attack the Muslims, as they had been intending, but to offer peace terms. This legend assured the place of bayat in traditional Islamic practice. In the ensuing centuries, the institution was to become a key source of legitimacy for the Prophet’s successors, the caliphs. Today, the Islamic State, whose leader also calls himself a caliph, demands bayat from all its followers, from Syria to San Bernardino [...]” (p.79).

<sup>56</sup> A al-Qaeda do Iraque (AQI) também é comumente chamada de al-Qaeda no Iraque.

<sup>57</sup> A prática da *takfir*, a denúncia de que um muçulmano cometera apostasia, ganharia vida nova em tempos atuais, a medida que os muçulmanos se sentiriam novamente ameaçados por potências estrangeiras (ARMSTRONG, 2016, p.239). De acordo com o Oxford Islamic Studies Online, *takfir* diz respeito ao “[...] pronouncement that someone is an unbeliever (kafir) and no longer Muslim. Takfir is used in the modern era for sanctioning violence against leaders of Islamic states who are deemed insufficiently religious. It has become a central ideology of militant groups such as those in Egypt, which reflect the ideas of Sayyid Qutb, Mawdudi, Ibn Taymiyyah, and Ibn Kathir. Mainstream Muslims and Islamist groups reject the concept as a doctrinal deviation. Leaders such as Hasan al-Hudaybi (d. 1977) and Yusuf al-Qaradawi reject takfir as un-Islamic and marked by bigotry and zealotry (THE OXFORD ISLAMIC STUDIES ONLINE) < <http://www.oxfordislamicstudies.com/article/opr/t125/e2319> > Acesso em 03/09/2017.

<sup>58</sup> Segundo Silva (2016, p.137), a morte de Bin Laden representou um duro golpe às pretensões de Al-Qaeda, o que colocou em causa o program geoestratégico dessa organização no mundo, em geral, e no mundo árabe, em particular, conduzindo a um outro tipo de conflito – a cisão no próprio movimento jihadista.

Al-Zarqawi<sup>59</sup>, entretanto, encontrou apoio ideológico para sua tendência a violência extremada em textos como o de autoria de Abu Bakr Naji, Idarat al-Tawahhush, de 2004, traduzido para o inglês em 2006 como *The Management of Savagery: The Most Critical State Through Which the Ummah Will Pass* (NAJI, 2004)<sup>60</sup>. O emprego e a ilustração da violência, segundo Naji, seriam elementos cruciais de sua estratégia. A “gestão da selvajaria” seria, dessa forma, uma fase de resistência violenta, com ênfase em atos explícitos de extrema violência, com o propósito de enviar uma mensagem tanto aos inimigos quanto aos aliados. Outra obra que influenciou al-Zarqawi teria sido *Call to a Global Islamic Resistance*, escrita por Abu Musab al-Suri (2005), que, além de profetizar lutas apocalípticas contra os “persas”, defendia uma “resistência sem líderes”, ou seja, atentados terroristas perpetrados por “lobos solitários” (STERN; BERGER, 2015. pp.45-47).

Além dos aspectos históricos e culturais, al-Zarqawi acreditava que os xiitas se alinhariam automaticamente aos americanos no Iraque pós-Saddam. Tanto Ayman al-Zawahiri, segundo no comando da al-Qaeda como Abu Muhammad al-Maqdisi, antigo professor de al-Zarqawi, criticavam, de forma geral, sua política de atacar os xiitas (Cole, 2015, p.14).

Nesse sentido, a questão dos xiitas é um dos pontos centrais que singularizou a AQI em relação à AQC (LISTER, 2014, p.7; MAPPING MILITANT ORGANIZATIONS, 2017; STERN E BERGER, 2015).

*Foreign Fighters*<sup>61</sup> passaram a afluir para o Iraque massivamente para combater as tropas americanas (STERN e BERGER, 2015 p.44) a partir de 2004. O número de combatentes estrangeiros passou de cerca de 400 homens no início de 2004, para aproximadamente 3.000 em novembro do mesmo ano (IRAQ INDEX, 2005). Acredita-se que, nos primeiros anos de ocupação anglo-americana do Iraque, mais de 50% dos atentados suicidas foram realizados por não-cidadãos iraquianos

---

<sup>59</sup> Um dos documentos que mais influenciou al-Zarqawi teria sido *Call to a Global Islamic Resistance*, escrita por Abu Musab al-Suri, que, além de profetizar lutas apocalípticas contra os “persas”, defendia uma “resistência sem líderes”, ou seja, atentados terroristas perpetrados por “lobos solitários” (STERN; BERGER, 2015. pp.45-47).

<sup>60</sup> Esse documento foi escrito por Abu Bakr Naji por volta de 2004 e traduzido para o inglês por William McCants, em 23 de maio de 2006, com o apoio do John M. Olin Institute for Strategic Studies (Universidade de Harvard).

<sup>61</sup> Conforme explica De Guttery (2016), *Foreign Fighters* podem ser entendidos como “individuals, driven mainly by ideology, religion and/or kinship, who leave their country of origin or their country of habitual residence to join a party engaged in an armed conflict” (de GUTTRY et al., 2016 p.3).



“[...] U.S. military believe foreign fighters are responsible for the majority of suicide bombings in Iraq. Independent researchers estimate that 44-70% of suicide bombers in Iraq are Saudi citizens [...]” (IRAQ INDEX, 2005).

A *Brookings Institution* (IRAQ INDEX, 2005), ademais, estima que em 07 de novembro de 2004, o sistema penitenciário iraquiano possuía cerca de 5.500 detentos. Dentre esses detentos, havia nacionais de até 140 países diferentes. É importante mencionar, nesse sentido, que as atrocidades praticadas pelas tropas norte-americanas na Prisão de *Abu Ghraib* provocaram a revolta de muçulmanos ao redor do mundo e fortaleceram, dessa forma, a retórica jihadista empregada pela AQI e, futuramente, pelo EI (WARRICK, 2015 p.148)

“[...] images from Abu Ghraib still help radicalize young men around the world, including the French-born terrorists who murdered a dozen people at the offices of Charlie Hebdo in January 2015 [...]” (SOUFAN, 2017 p.197).

Para Gerges (2011, p.105),

“[...] Bush’s decision to invade and occupy Iraq in 2003 was a godsend to al-Qaeda, allowing it to regroup, reorganize itself militarily, and decentralize its decision-making process [...]” (p.105).

O processo de “internalização” da jihad (em seu viés salafista-jihadista), dessa forma, fica evidente com os dados apresentado pelo *Terrorism Index* (2016)

“[...] Iraq has ranked as the country most impacted by terrorism every year since 2004. The catalyst for the increase in terrorism in Iraq was the US-led invasion in 2003. The increase was so dramatic that in the year of the invasion, 2003, fatalities from terrorism were nearly five times higher than the total from the years 1998 to 2002 [...]” (TERRORISM INDEX, 2016).

A invasão anglo-americana ao Iraque, em 2003, corroborou, assim, para “internalizar” a Jihad Global no Iraque. Abu Musab al-Suri, um proeminente estrategista da Jihad, teria sugerido que a invasão anglo-americana teria salvado, quase que sozinha, o “movimento jihadista” (STERN e BERGER, 2015. p.41).

## 2.2 A construção institucional, o processo de empoderamento dos xiitas e o aprofundamento das rivalidades sectárias no Iraque:

A invasão ao Iraque, em 2003<sup>62</sup>, desencadeou um ciclo de sectarismo sem precedentes na história moderna do Iraque. A tentativa de democratização com a construção de novas instituições, que se seguiu à queda do regime de Saddam Hussein, significou um rearranjo da estrutura de poder na sociedade iraquiana, criando um caminho fértil para a formação de organizações terroristas na região (DE GUTTRY ET AL., 2016 p.19, KISSINGER, 2016; BRITO, 2016 P.183), com particular destaque à formação da Al-Qaeda do Iraque (AQI).

“[...] Following the fall of Iraq’s Baathist regime at the hands of the US-led coalition in 2003, Zarqawi pronounced anathema on the whole Shi’a community. His goal was to encourage civil strife, which his organization could then exploit to enhance its influence in the country [...] (LAW, 2015 p. 281).

Quando os americanos criaram o Conselho de Governo Iraquiano (CGI), em julho de 2003, onde os principais cargos políticos foram distribuídos entre autoridades xiitas<sup>63</sup> e curdas, alimentou um clima de medo e de insegurança na população sunita, a elite política do país até a invasão americana de 2003. Esses sunitas<sup>64</sup> passaram então a resistir, às vezes por meio das armas, à ocupação americana ao Iraque (WEISS E HASSAN, 2015, p.34).

---

<sup>62</sup> The main Shia Arab-led parties are: Supreme Council for the Islamic Revolution in Iraq (SCIRI); Islamic Dawa; Islamic Dawa-Iraq Organisation; Islamic al-Fadeela (Virtue) Party. O relatório *The dynamics of democracy in the Middle East*, formulado pela *The Economist Intelligence Unit* (2005), sintetiza os principais partidos políticos e grupos armados do Iraque, em 2005, da seguinte forma: “[...] Islamic Action Organisation; (Iraqi) Hizbullah and Mithaq al-Shia. Moqtada al-Sadr has a loose-knot faction entitled Jamiaat Sadr al-Thani. Kurdish “secular” parties include the Kurdistan Democratic Party (KDP), Patriotic Union of Kurdistan (PUK) and the Kurdish Socialist Party. Among the Sunni Arab Islamist parties are the Iraqi Islamic Party (a descendent of the Muslim Brotherhood) and the Iraqi United National Movement, while the Muslim Scholars Association, allied with the Muslim Brotherhood, also has national reach. Among the representatives of other minorities are Iraqi Turkoman Front and Assyrian Democratic Movement. Among parties without an overt sectarian identification are Iraqi National Congress; Iraqi National Accord; Free Officers; Iraqi Communist Party; Iraqi Independent Democrats; and the Baath Party. Most of these parties have their own militias or armed affiliates. In addition to these more coherent parties, Sunni armed “resistance” factions include Saddam’s Fedayeen, al-Awdah, and Jaish Mohammed. Kurdish Islamist militias include Ansar al-Islam and Islamic Movement in Kurdistan (IMIK). Among the identifiably foreign Islamist groups present are Tawhid & Jihad organisation and Islamic Army in Iraq [...]” (THE ECONOMIST INTELLIGENCE UNIT, Special Report - The dynamics of democracy in the Middle East 2005).

<sup>63</sup> De acordo com o Iraq Study Group (2006) , “[...] The U.S. deals primarily with the Iraqi government, but the most powerful Shia figures in Iraq do not hold national office. Of the following three vital power brokers in the Shia community, the United States is unable to talk directly with one (Grand Ayatollah Ali al-Sistani) and does not talk to another (Moqtada al-Sadr) [...]” (IRAQ STUDY GROUP, 2006, p.16)

<sup>64</sup> Weiss & Hassan (2015 p.80) argumentam que, em geral, os baathistas, os oficiais das forças armadas e as tribos sunitas não pretendiam, inicialmente, lutar contra os americanos.

“[...] Most attacks on Americans still come from the Sunni Arab insurgency. The insurgency comprises former elements of the Saddam Hussein regime, disaffected Sunni Arab Iraqis, and common criminals. It has significant support within the Sunni Arab community. The insurgency has no single leadership but is a network of networks. It benefits from participants’ detailed knowledge of Iraq’s infrastructure, and arms and financing are supplied primarily from within Iraq. The insurgents have different goals, although nearly all oppose the presence of U.S. forces in Iraq. Most wish to restore Sunni Arab rule in the country. Some aim at winning local power and control. (IRAQ STUDY GROUP, 2006).

O sectarismo no Iraque, dessa forma, ganhou força após a invasão ao país pelas tropas anglo-americanas em 2003 e desempenhou papel importante na formação do contexto sociopolítico que propiciou a formação da AQI e do EI (BUNZEL; 2015 p.14; GORDON & OXNEVAD, 2016; DE GUTTRY ET AL., 2016 p.19).

### **2.3 O grande expurgo do exército iraquiano e do partido Baath**

O presidente George W. Bush nomeou o diplomata L. Paul Bremer chefe da Autoridade Provisória da Coligação (CPA) no Iraque. Paul Bremer ordenou, quase que de imediato, o desmantelamento do exército iraquiano, que era comandado, em sua maioria por oficiais sunitas, e a demissão dos membros do Partido Baath, de Saddam Hussein, de postos do serviço público, fato que potencializou a desestabilização do país nos anos seguintes (STERN e BERGER, 2015. p.41; STANSFIELD, 2016 p.171; AL-MARASHI & SALAMA, 2008, p.192; WARRICK, 2015 p.119; BRITO, 2016, 198; WOOD, 2016, p114; COCKBURN, 2015; SÉBILLE-LOPEZ, 2006, p. 350; ANDREWS, 2016). O exército iraquiano era, provavelmente, a maior e mais sólida instituição do Iraque antes da invasão de 2003, perfazendo mais de 400.000 homens<sup>65</sup> (AL-MARASHI & SALAMA, 2010). Assim, o diplomata Paul Bremer<sup>66</sup>, responsável político pela CPA, por meio da *Coalition Provisional Authority Order Number 2: Dissolution of Entities*, determinou a dissolução das forças de segurança iraquianas, que não eram pequenas e tinham notável experiência. Muitos desses militares dispensados passaram a engrossar as fileiras da insurgência, bem, como, passariam a integrar, nos anos que se

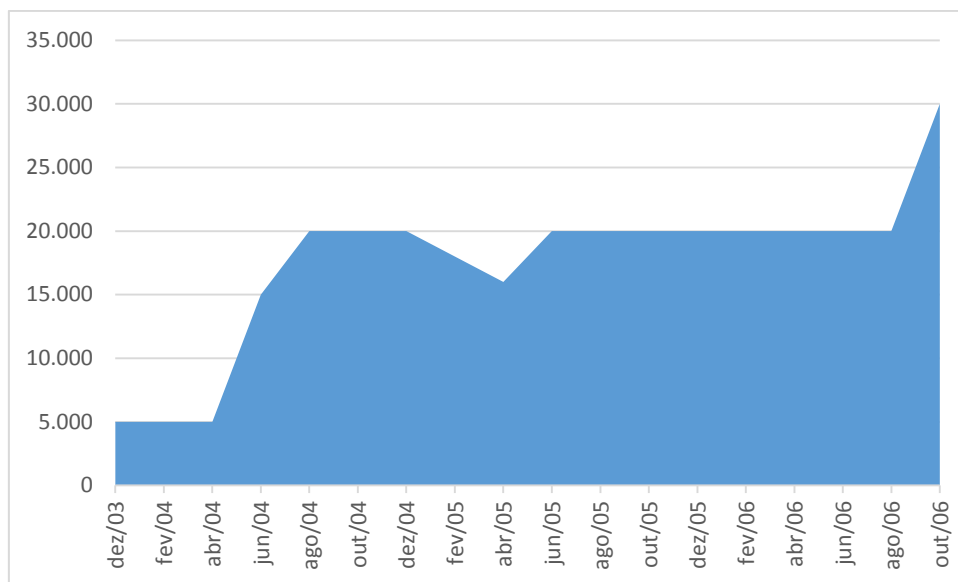
---

<sup>65</sup> Segundo Al-Marashi e Salama (2010) “[...] the [Coalition Provisional Authority] CPA’s decree led to 400,000 men with military training without work [...]” (AL-MARASHI; SALAMA, 2010).

<sup>66</sup> “[...] A “Coalition Provisional Authority” (CPA) foi reconhecida pela Resolução N. 1483, de 22 de maio de 2003. A CPA reconhecia “the specific authorities, responsibilities, and obligations under applicable international law of [the United States and United Kingdom] as occupying powers under unified command (the “Authority”) [...]” (DOBBINS, 2009).

seguiriam à invasão de 2003, organizações terroristas<sup>67</sup>. Pelo quadro abaixo, constata-se o aumento dos insurgentes, chegando a mais de 20.000 homens em novembro de 2004.

**Gráfico 1– Número estimado de insurgentes no Iraque (dezembro de 2003 a dezembro de 2004)**



Fonte: IRAQ INDEX, set 2007.

Percebe-se que, em apenas um ano, as forças insurgentes foram multiplicadas por quatro. O efetivo dispensado por Paul Bremer foi atrás não apenas de empregos, mas de proteção. Com efeito, o general Jay Montgomery Garner<sup>68</sup>, que esteve à frente do *US Office for Reconstruction and Humanitarian Assistance (ORHA)*, emitiu um relatório afirmando que o desmantelamento das forças iraquianas transformaria um grande número de iraquianos treinados e experientes em potenciais recrutas para o movimento insurgente que estava se formando. Isso acabou também por enfraquecer as forças iraquianas na fronteira, o que possibilitou a entrada de um grande número de combatentes estrangeiros no Iraque, dentre os quais o próprio al-Zarqawi (STERN e BERGER, 2015).

De acordo com Brito (2016, p.198), os insurgentes teriam o equivalente à 250 mil toneladas de armas estocadas. A desmilitarização do Estado iraquiano, assim, acabou por

<sup>67</sup> Weiss & Hassan (2015) relatam a participação de ex-baathistas no atentado que matou o brasileiro Sérgio Vieira de Mello, então Alto Comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos, em 19 de agosto de 2003.

<sup>68</sup> Em 20 de janeiro 2003, o Presidente George W. Bush assinou a *National Security Presidential Directive 24*, que autoriza o estabelecimento do *Office of Reconstruction and Humanitarian Assistance*, dirigido por Jay Garner e subordinado ao Departamento de Defesa.

militarizar a sociedade desse país. Warrick (2015 p.119) ainda acrescenta que se concluiu, após investigações, que a maior parte do material explosivo utilizado nos atentados à bomba perpetrados por al-Zarqawi tinha origem em munições desviadas da artilharia e da força aérea iraquiana.

Além disso, o desmantelamento das forças de segurança iraquianas provocou consequências para além do Iraque, uma vez que suas forças armadas eram uma das mais fortes da Região, senão a mais fortes do Mundo Árabe após os acordos de *Camp David*, como explica Calculi & Legrenzo (2016, p.227). Al-Marashi e Sammy Salama (2008, p.176) estimam que

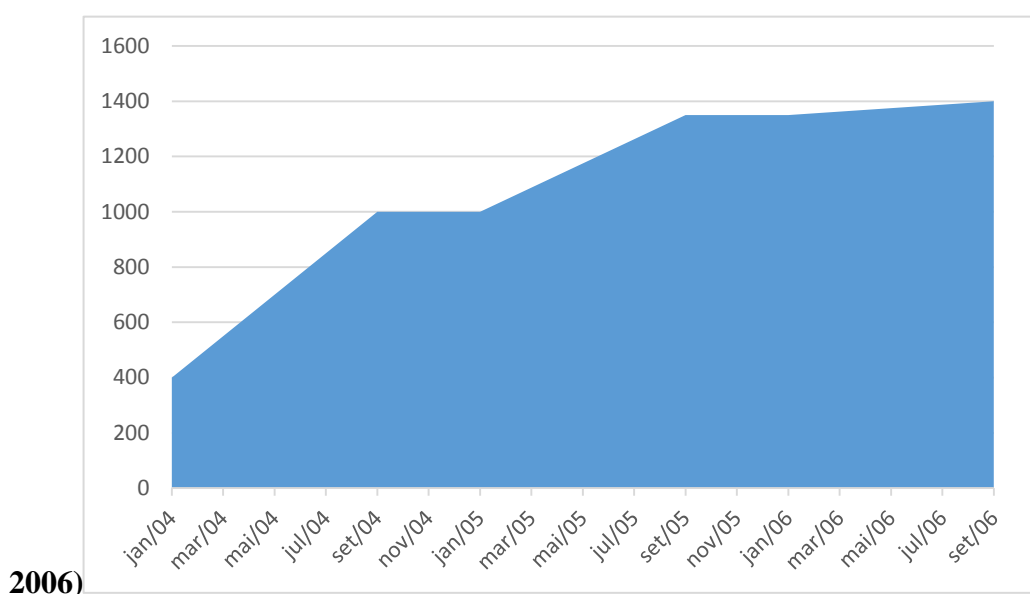
“[...] Prior to the invasion of Kuwait, Iraq had the largest military in the region, with 750,000 men, ground forces organized into ten corps and sixty-seven divisions. It had 5,800 tanks, 5,100 armored personnel carriers, 3,850 artillery, 650 aircraft and twenty-five naval vessels (Eisenstadt 1993: 43). Including the Popular Army and reserves, the Iraqi military became known as the “million man army [...]” (p.176).

É possível ainda evidenciar que a insurgência tinha forte componente nacional, sendo que o número estimado de *foreign fighters* lutando no Iraque, em setembro de 2006 perfazia, no máximo, 1.400 combatentes<sup>69</sup>.

---

<sup>69</sup> De acordo com Naylor (2005) “[...] As early as October 2003, U.S. officials estimated that as many as 3,000 might be non-Iraqi,[41]although, suggesting uncertainty in the estimate, Gen. Abizaid said on January 29, 2004, that the number of foreign fighters in Iraq was “low” and “in the hundreds.”[42] A September 2005 study by the Center for Strategic and International Studies estimated that there were about 3,000 non-Iraqi fighters in Iraq - about 10% of the estimated total size of the insurgency. The State Department report on terrorism for 2007 (Country Reports on Terrorism: 2007, released April 30, 2008) says AQ-I has a “membership” estimated at 5,000 - 10,000, making it the largest Sunni extremist group in Iraq. This estimate is somewhat higher than what many experts might expect in light of the official U.S. command assessments of the weakening of AQ-I by U.S. operations and strategy [...]” (NAYLOR, 2009, p. 18)

**Gráfico 2 – Número de Foreign Fighters no Iraque (janeiro de 2004 e setembro de 2006)**



Fonte: IRAQ INDEX, dec 2008.

Logo dois grupos religiosos, um sunita e um xiita, também apoiariam a insurgência, respectivamente, a Associação dos Eruditos Muçulmanos (AMS) e o Exército de Mahdi (sadristas). Havia também dinheiro estocado pelos associados de Saddam antes da invasão (BRITO, 2016, p.199-202), ou seja, as forças de ocupação anglo-americanas tiveram de combater as “insurgências” de três grandes grupos de opositores (jihadistas, insurgentes e rebelados) (Stansfield 2016, p.179):

- 1) Os jihadistas de Zarqawi;
- 2) A insurgência sunita;
- 3) Os xiitas rebelados de Muqtada al-Sadr (o Exército de Mahdi)<sup>70</sup>.

Nesse sentido, merece destaque o fato de que muitos xiitas, em decorrência de divergências políticas internas ao próprio grupo, tiveram importante papel na resistência armada à ocupação anglo-americana no Iraque, assim como aos governos que se seguiram à CPA. O Exército de Mahdi (*Jaysh al-Mahdi*), formado em 2003 e leal a Muqtada al-Sadr, clérigo xiita, lutou ferozmente contra os norte-americanos, contribuindo, assim, para o clima de insegurança que propiciou o surgimento da AQI (ALAALDIN, 2017; STANSFIELD, 2016; BRITO, 2016; ANDREWS, 2016)

“[...] The Mahdi Army played a central role in fueling Iraq’s devastating sectarian conflict, fought U.S.-led coalition and Iraqi forces, and engaged in

<sup>70</sup> As informações acerca do efetivo desse grupo são diversas. O projeto *Mapping Militant Organization* (2017) estima que o efetivo do grupo passou de cerca de 300 homens em abril de 2003 para 3000 em abril de 2004; chegando até 50.000 em junho de 2014.

criminal activities. Early on, al-Sadr benefitted from Iranian support and he later spent three years in self-imposed exile there, burnishing his religious credentials[...]" (ALAALDIN, 2017).

A importância de ex-baathistas na AQI e, futuramente, no Estado Islâmico, não é apenas numérica. Talvez o aspecto qualitativo tenha sido até mais relevante, em relação a outras organizações terroristas como o Talibã<sup>71</sup>, no Afeganistão, além do mais:

"[...] Former Baathist fighters also join Islamic State because "ISIS pays them" (ibid.). This leads to the second source of power: economic. Like any state, Islamic State (and its predecessors) has a budget, with income and expenditures. Al-Qaeda is sponsored by Saudi Arabia and wealthy members of the royal family (Gerges 2005, 135). Today, along with its backers in Saudi Arabia, Qatar and other Gulf nations, Islamic State gains income from various sources: taxes, theft, oil, the sale of artifacts, arms trafficking and confiscations. [...]" (KASSAB, 2017, p.132)

Quanto à remuneração dos insurgentes, o general Raymond T. Odierno, comandante da 4a Infantaria do Exército Americano, constatou que

"[...] when we first got here, we believed it was about \$100 to conduct an attack against coalition forces, and \$500 if you're successful. We now believe it's somewhere between \$1,000 and \$2,000 if you conduct an attack, and \$3,000 to \$5,000 if you're successful." Still, it is not the cost of any individual attack but rather the larger infrastructure costs that drive insurgent expenses. A senior intelligence officer from the Defense Intelligence Agency explained in 2005, We believe terrorist and insurgent expenses are moderate and pose little significant restraints to armed groups in Iraq. In particular, arms and munitions costs are minimal—leaving us to judge that the bulk of the money likely goes toward international and local travel, food and lodging of fighters and families of dead fighters, bribery and pay-offs of governmental officials, families and clans; and possibly into the personal coffers of critical middlemen and prominent terrorist or insurgent leaders [...]" (LEVITT, 2010 apud Wright, 2016).

A al-Qaeda do Iraque (organização-base do Estado Islâmico) saiu, portanto, fortalecida a partir do arranjo político imposto pelos EUA após a invasão de 2003, uma vez que o súbito desmantelamento das forças de segurança iraquianas pelas autoridades administrativas dos EUA proporcionou, aos jihadistas, grande oferta de "mão-de-obra" qualificada e o aprofundamento de ressentimentos sectários (PFIFFNER, 2010; MOUBAYED, 2015; STERN e BERGER, 2015. p.41; CALCULLI & LEGRENZO, 2016, p.227; AL-MARASHI; SAMMY SALAMA, 2008, p.201; NATO, 2016; BRITO, 2016; COCKBURN, 2015).

---

<sup>71</sup> De acordo com o Mapping Militant Organizations (2017) "[...] the Taliban is a far right Islamist militant organization created in 1994 seeking to establish a strictly Shariah-governed Afghan state. The Taliban achieved this goal in 1996 and ruled Afghanistan through 2001. Since 2001, the Taliban has actively fought to push U.S. and NATO military forces out of Afghanistan and delegitimize the current government of Afghanistan [...]" (MAPPING MILITANT ORGANIZATIONS, 2017).

Bernardo de Azevedo Brito (2016), ex-embaixador do Brasil junto ao Iraque, salienta que, apesar de o Iraque ter uma Constituição avançada e de ter experimentado uma série de eleições livres e democráticas, o governo de Bagdá não conseguiu incorporar a minoria sunita ao corpo político do Iraque, fato que causou situação de perene descontentamento entre essa parcela da população.<sup>72</sup>

#### **2.4 A resistência à al-Qaeda e a formação do estado islâmico do Iraque (EII)**

Na cidade de Samarra, em fevereiro de 2006, registrou-se um grande atentado terrorista à mesquita al-Askari, local em que estavam enterrados os restos mortais de antigos imãs xiitas. A AQI foi responsabilizada e desencadeou-se uma onda de violência sectária entre xiitas e sunitas. Esse atentado foi percebido como o catalisador de uma guerra civil irrestrita no Iraque, que prenunciava uma escalada de violência ainda mais severa no país. (STERN e BERGER, 2015. p.47; STANSFIELD, 2016 p.284).

Tendo em vista a insatisfação de muitos grupos insurgentes e jihadistas com a violência irrestrita da AQI e seu reduzido “componente nacional”, em relação às demais forças insurgentes, a organização se viu impelida a se articular como uma “organização guarda-chuva” chamada de Conselho (*Majlis*) *Shura al-Mujahidin* (MSC), que tinha por propósito maior expelir as forças americanas do Iraque. (MAPPING MILITANT ORGANIZATIONS, 2017; STERN e BERGER, 2015. p.49) Esse conselho, no entanto, nunca passou de apenas “um nome”, continuando a ser, em essência a própria AQI (SHAPIRO, 2012 p.86). Stansfield (2016 pp. 182-184), ao tratar desse aspecto, fala em “*home-grown insurgents*” e “*foreign insurgents*”, esses últimos liderados, em sua maioria, por al-Zarqawi. Assim, um dos principais méritos de al-Zarqawi foi agregar insurgentes e terroristas de diversas linhas em torno de um inimigo comum, os EUA (THE OXFORD ISLAMIC STUDIES ONLINE, 2017)

Al-Zarqawi foi morto em um ataque aéreo norte-americano em junho de 2006. Abu Hamza al-Muhajir (mais conhecido como Abu Ayub al-Masri), experiente jihadista egípcio, assumiu a AQI após a morte de al-Zarqawi (STERN e BERGER, 2015. p.49; MAPPING MILITANT ORGANIZATIONS, 2017).

---

<sup>72</sup> A constatação de Brito, que parece ser exclusiva (STERN & BERGER, 2015; NAPOLEONI, 2016), é interessante, uma vez que vários sunitas ocuparam cargos como Presidente e Primeiro-Ministro, como, por exemplo, Mohsen Abdel Hamid, Massoud Barzani, Ghazi Mashal Ajil al-Yawer, Ghazi Mashal Ajil al-Yawer, Jalal Talabani, Fuad Masum.



“[...] many Iraqi Sunnis continued to criticize AQI for its foreign components, its attempts to impose its own radical brand of Islam on Iraqis, and its use of extreme violence. To brand the group as more Iraqi, Masri convinced several other groups to merge into his when he declared the establishment of the Islamic State of Iraq (ISI, although the group also continued to be known as AQI) [...]”

Assim, al-Masri, ao agregar a AQI com alguns grupos insurgentes, estabeleceu o Estado Islâmico do Iraque (EII)<sup>73</sup> e, com o propósito de aumentar a legitimidade junto à população Iraquiana, procurou indicar um nacional para a liderança do EII: Abu Omar al-Baghdadi<sup>74</sup> (MAPPING MILITANT ORGANIZATIONS, 2017). Não ocorreu, no entanto, nesse momento, nenhum juramento de lealdade (*baya*) à al-Qaeda Central, evidenciando sua autonomia em relação à AQC (STANSFIELD, 2016 p.284).

## 2.5 O Império Contra-Ataca: “Anbar Awakening” e “The Surge”

Quando o Estado Islâmico do Iraque (EII) se declarou um emirado independente no Iraque, muitas tribos<sup>75</sup> sunitas, em geral com marcado sentimento nacionalista, intensificaram<sup>76</sup> uma revolta que estava se formando contra o EII/AQI<sup>77</sup>. Com o apoio americano, formou-se, em torno dessas tribos, o *Anbar Awakening Council* (Conselho do Despertar), sob o comando de Abdul Sittar al-Rishawi (Abu Risha). Rapidamente esse movimento passou a se expandir pela província de Anbar (STANSFIELD, 2015 p. 201).

O apoio americano não se limitou ao âmbito militar (melhor detalhado na seção seguinte). Ao final de 2007, mais de 75.000 combatentes sunitas haviam sido

---

<sup>73</sup> Cabe aqui uma nota em relação à exata sucessão desses acontecimentos. Enquanto o projeto Mapping Militant Organizations, vinculado ao *Center for International Security and Cooperation* (Stanford University) e sob a responsabilidade de Martha Crenshaw, afirma que al-Masri tenha estabelecido o Estado Islâmico do Iraque, Stern & Berger (2015 p.49) indicam que o grupo teria surgido no âmbito do Conselho (*Majlis*) *Shura al-Mujahidin* (MSC) e al-Masri teria jurado lealdade ao EII, indicando, consecutivamente, Abu Omar al-Baghdadi, como seu líder. Stansfield (2016 pp.227-228), por sua vez, afirma que al-Masri renomeou a AQI para EII e, então, jurou a lealdade do Conselho *Shura al-Mujahidin* (também sobre seu comando) ao Estado Islâmico do Iraque, a nova organização que ele havia criado e colocado sob o comando de Abu Omar al-Baghdadi. Em resumo, pode-se afirmar que, após a morte de al-Zarqawi, a AQI, reforçada por alguns outros grupos insurgentes, foi rebatizada para Estado Islâmico do Iraque (EII) e colocada sob o comando de Abu Omar al-Baghdadi. A AQI não parece ter sido imediatamente extinta, mas passou ser o principal componente de uma organização maior, o EII.

<sup>74</sup> O termo “al-Baghdadi”, que dizer justamente “de Bagdá” (MAPPING MILITANT ORGANIZATIONS, 2017).

<sup>75</sup> Segundo Long (2008) “[...] in present-day Anbar, the basic unit is the tribe (‘ashira), which is composed of clans (a had). These clans are made up of lineages or households (hamoulas), which are in turn made up of houses (bayts) that contain individual families (‘ailas). In some cases, the term qabila is used to refer to a large tribe or confederation of tribes [...]” (LONG, 2008).

<sup>76</sup> Choque entre a AQI e tribos sunitas já haviam ocorrendo há algum tempo. Em 2005, por exemplo, as tribos Abu Mahal e Abu Nimr formaram a “Brigada Hamza” para se opor à AQI (SHAPIRO, 2012 p.86)

<sup>77</sup> Shapiro (2012 p.86) afirma que a formação do EII se deu um mês após o “*Day of Awakening*”, dia que marcaria o início do movimento do Despertar.

incorporados à “folha de pagamento” dos EUA. Cada combatente (Filhos do Iraque<sup>78</sup>) recebia algo entre USD 300,00 e 350,00 por mês (STANSFIELD, 2015 p. 201; SHAPIRO, 2012). Dessa forma, parece ter ocorrido uma mudança capital no âmago das comunidades sunitas do Iraque, a qual foi fundamental para a contenção à AQI/EII entre 2006 e 2007 (SKY, 2011; LAW, 2015)

“[...] as the Sunni nationalist insurgency and al Qaeda began competing for dominance. Al Qaeda's efforts to impose a puritanical form of Islam angered the Sunni population, and the Sunni tribes, in a time-honored fashion, retaliated when their members were killed. At the same time, the Sunnis realized that they were losing ground to the Shiite militias and came to see Iran as a greater threat than the United States [...] (SKY, 2011).

Diversos grupos subnacionais, ressalta-se, se opunham “militarmente” à ocupação norte-americana e a resistência não se limitou à província de Anbar, muito embora o Despertar (*Sahwa*) tenha sido, de fato um marco (cf. Anexo I)

## ***2.6 The Surge: o contra-ataque americano***

Até o final de 2006, as tropas americanas tinham sido ineficientes em conter o avanço da AQI. Isso pode ser parcialmente explicado pela forma com que as forças americanas empreendiam suas operações de contra-insurgência

“[...] some operational concepts are emergent. These concepts develop not in anticipation of future problems, but as responses to challenges that arise during a conflict. An example occurred most recently in the campaigns in Iraq and Afghanistan with the emergence of U.S. counterinsurgency doctrine. The doctrine was not new; rather, it was a rediscovery of previously accepted principles. Both the Army and Marine Corps already had a substantial number of official publications addressing guerrilla warfare and insurgencies, but that doctrine had all but faded from institutional memory, partly because of the residual influence of AirLand Battle and partly because of the enthusiasm with which the Office of the Secretary of Defense pushed its technology-based transformation program in the 1990s. It thus had to be rediscovered and updated [...]. (INDEX OF U.S. MILITARY STRENGTH, 2017).

Pirnie e O'Connell (2008), em um relatório preparado para o *Office of the Secretary of Defense* (EUA), também defendem a mesma opinião de que abordagem operacional das tropas americanas no Iraque, nos primeiros anos de ocupação (2003-2007), era ineficiente sob os aspectos militares

---

<sup>78</sup> “[...] The phrase “Sons of Iraq”, refers to Iraqi civilians who have volunteered to ally with U.S. forces in providing security against insurgents and militias at the local level [...] (IRAQ INDEX, January 31, 2011).

“[...] Insurgency is a fundamental problem, but the conflict in Iraq is more complicated than simply a revolt against the Iraqi government. The combined facts that the U.S. military has followed a flawed COIN<sup>79</sup> approach and the Iraqi government has been ineffective in exerting its writ of control over the country constituted the early engines of failure [...] (PIRNIE; O'CONNELL, 2008)

Parecia estar claro, ao general americano Stanley Allen McChrystal, comandante do *Joint Special Operations Command* (JSOC), que os EUA deveriam seguir um caminho diferente do que os franceses seguiram durante as operações de contra-insurgência realizadas pelo exército francês na Argélia, em meados dos anos de 1960, uma vez que essas operações ficaram estigmatizadas pelo emprego sistemático de tortura, minando tática e moralmente a campanha francesa. Outra lição que o general McChrystal reiterava, no que diz respeito à experiência da França, é que as tropas francesas não entendiam a cultura argelina e, em decorrência disso, não conseguiam compreender plenamente por que a insurgência naquele país parecia tão sedutora a cidadãos que residiam no exterior. Fato que se repetiu no Iraque e que, assim como no caso francês, parecia ir além da compreensão dos políticos e dos estrategistas norte-americanos (WARRICK, 2015 p.134).

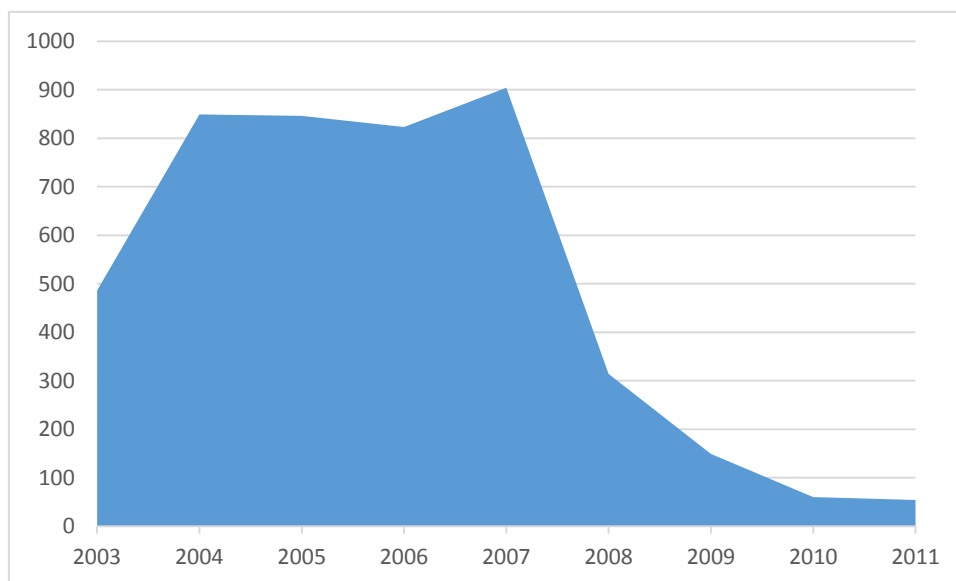
A violência no Iraque não diminuiu com a morte de al-Zarqawi e, em dezembro de 2006. Dessa forma, em paralelo ao *Anbar Awakening*, o Presidente George W. Bush ordenou um reforço no efetivo norte-americano de aproximadamente de 30.000 militares. Essa iniciativa ficou conhecido como *The Surge* e teve resultados muito positivos, no sentido de reduzir os níveis domésticos de violência. O Gen. David Petraeus e o Gen. Raymond Odierno dividiram a responsabilidade no planejamento e na execução dessa operação (STERN e BERGER, 2015. p.47; SHAPIRO, 2012 p.86). Emma Sky (2011) assevera que ambos os generais acreditavam que as lutas internas no país seriam resultado, em essência, da competição das comunidades por poder e recursos, assim: “*The surge capitalized on intra-Shiite and intra-Sunni struggles to help decrease violence, which created the context for the withdrawal of U.S. forces from Iraq*” (SKY, 2011).

O sucesso do binômio *Awakening-Surge* pode ser notabilizado por meio do quadro abaixo, que apresenta o número de baixas da Coalizão por ano. Percebe-se uma queda brusca entre 2007 e 2008.

---

<sup>79</sup> O conceito de "contra-insurgência" (COIN, sigla em inglês) pode ser entendida como uma “*estratégia onde se busca derrotar focos de revolta pelo emprego das mesmas táticas do inimigo, normalmente a guerrilha, com o propósito de eliminar o apoio da população à guerrilha. Para tal, essa estratégia inclui, se necessário, reformas sociais, econômicas e políticas na região*” (GLOSSÁRIO DAS FORÇAS ARMADAS, 2007).

**Gráfico 3 – Número de baixa da Coalizão sofridas no Iraque (2003-2011)**



FONTE: Elaborado com base em informações divulgadas pelo Icasualities, 2007

Apesar do papel desestabilizador que as tropas norte-americanas desempenharam no Iraque, Weiss & Hassan (2015) acreditam que, até meados de 2009, as forças anglo-americanas tentaram apaziguar as lutas sectárias entre xiitas e sunitas nesse país. A “Surge” também pode ser considerada bem-sucedida em conter a AQI. A retirada das tropas, no entanto, foi precoce e contribuiu determinadamente para o aprofundamento da instabilidade política e o aumento da violência naquele país

## **2.7 Conclusões Parciais**

A criação da al-Qaeda do Iraque (AQI), um “spin-off” da al-Qaeda Central (AQC), foi viabilizada pela invasão norte-americana a esse país em 2003, que ocorreu no contexto da Guerra Global ao Terrorismo.

Um dos pontos críticos da tentativa de democratização do Iraque diz respeito à dispensa de grande parte do antigo exército baathista pela Autoridade Provisória da Coligação (CPA), que era dirigida por Paul Bremer. Humilhados e sem espaço no novo regime iraquiano, esses ex-militares, em sua grande maioria sunitas, passaram se incorporar às inúmeras milícias e grupos extremistas que surgiram no Iraque após 2003, levando “expertise” e, por vezes, armamentos à essas organizações, incluindo a al-Qaeda do Iraque, organização que serviu de base original para o Estado Islâmico (EI).

A al-Qaeda do Iraque, lidera por al-Zarqawi, não era, contudo, uma mera reprodução da al-Qaeda Central do Iraque. Tratava-se de uma organização com grande autonomia funcional e perspectivas religiosas diferente da al-Qaeda Central, em especial, no que diz respeito ao tratamento destinado aos xiitas. Enquanto os líderes da al-Qaeda Central tinham por objetivo “unir” os muçulmanos contra os EUA (o “inimigo longínquo”) e seus aliados, al-Zarqawi preferia lidar com os xiitas e os demais grupos considerados apostatas e infiéis primeiramente, assim como expulsar as tropas invasoras do Iraque e, só em uma fase posterior, eliminar os “cruzados e judeus” definitivamente.

Por sentirem-se ameaçados e desprestigiados pelo governo implementado pelos norte-americanos no Iraque, os sunitas passaram a apoiar, cada vez mais, a resistência armada à ocupação americana e ao governo xiita, em especial. O escândalo de Abu Ghraib, por sua vez, acabou com a pouca credibilidade da tentativa de democratização do Iraque, passando a atrair um número consistente de *foreign fighters*, assim como recursos para aos inúmeros grupos rebeldes e insurgentes que agiam no país.

A forma por meio da qual os EUA tentaram impor um regime democrático que desconsiderava as clivagens étnico-religiosas internas, lançou o país em uma violenta guerra civil, onde grupos armados, inclusive os terroristas, passaram a se proliferar e ganhar força por todas as regiões do Iraque

“[...] But by embracing the concept of Iraq’s integrity so strongly as being crucial to American interests in the region, key allies and partners have been marginalized along the way. Furthermore, critical developments that will have ramifications for the United States and the West have been ignored, including the rise of Sunni Islamist radicalism. At the top of the list of spurned partners, by some margin, are the Kurds of Iraq. Having been autonomous in Iraq since 1991, they heeded the aspirations of the United States in 2003 to assist in the removal of the Ba’th regime of Saddam and played by the rules of the game established in the post-2003 period, even if at times unwillingly. But they have consistently refused to follow a path that would result in relinquishing the powers they enjoy, and have even taken steps to extend their autonomy to the point of having economic sovereignty within a federal Iraq – thus bringing them into serious dispute with Baghdad and the government of Nouri al-Maliki and earning the rebuke of the United States [...]” (STANSFIELD, 2014).

A al-Qaeda do Iraque, entre 2005 e 2006, no entanto, passou a entrar em choque com as comunidades tribais da região de Anbar. Essas milícias tribais passaram a ser apoiadas (militar e financeiramente) pelas forças norte-americanas, obtendo grande sucesso em conter o avanço da AQI/EIIS pelo país. Durante esse processo de contenção, ao procurar ganhar maior legitimidade entre a população iraquiana, a al-Qaeda do Iraque, que era percebida como uma outra força invasora estrangeira, além dos EUA, se rebatizou

de Estado Islâmico do Iraque (EII) em 2007 e passou a se fundir com pequenos outros grupos armados.

A aparente vitória militar sobre a al-Qaeda do Iraque, por volta de 2007, acabou por favorecer a decisão americana de retirar suas tropas do Iraque, fato que contribuiu para a reorganização dessa organização terrorista no Iraque, que já vinha se intitulando “Estado Islâmico do Iraque”.

## Capítulo III – A retirada das tropas americanas do Iraque e a Primavera Árabe

### 3.1 Saída à americana: como a retirada dos EUA no Iraque favoreceu a formação do Estado Islâmico da Síria e do Iraque (EIIS) e do Estado Islâmico (EI)

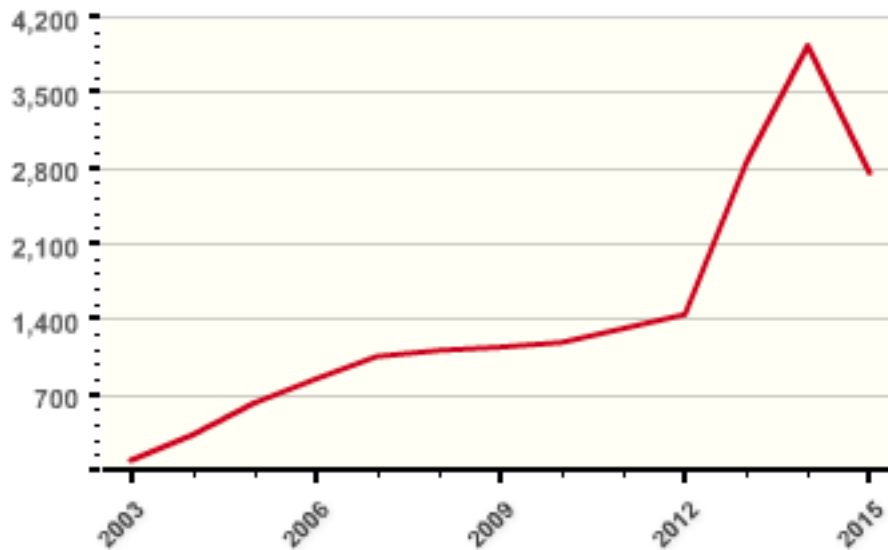
A presença das tropas americanas no Iraque, até pelo menos 2009, ano em que se iniciou a sua retirada do país, foi fundamental a tentativa de construir para uma nova organização política funcionando, procurando limitar as hostilidades sectárias. Os americanos procuraram assegurar que Nouri al-Maliki, xiita que inicialmente ocupou o cargo de primeiro-ministro<sup>80</sup>, chegasse a um compromisso com a oposição, para garantir que os sunitas mantivessem uma postura não agressiva em relação ao governo e que os líderes curdos resolvessem temas sensíveis relacionadas a essa região com o governo iraquiano. Porém, o resultado final da política americana de construção institucional teve o objetivo contrário ao desejado, ou seja, o acirramento dos conflitos étnicos-religiosos. Esses conflitos se acentuariam muito mais rapidamente após a retirada dos EUA, em 2011, durante a Administração Obama (WEISS & HASSAN, 2015, p. 88; STANSFIELD, 2015 p.196).

O gráfico abaixo, do *The Global Terrorism Database (GTD)*, indica que um ano após o término da retirada das tropas americanas do Iraque, o número de atentados terroristas no país cresceu abruptamente.

---

<sup>80</sup> Nouri Kamil Mohammed Hasan al-Maliki, do Partido Islâmico Dawa, ocupou o cargo do Primeiro-Ministro do Iraque entre os anos de 2006 e 2014. Al-Maliki foi sucedido por Haider Jawad Kadhim Al-Abadi em 08 de setembro de 2014.

**Gráfico 4 – Número de atentados terroristas no Iraque (2003 e 2015)**



FONTE<sup>81</sup>: THE GLOBAL TERRORISM DATABASE (GTD), 2017

O gráfico acima indica também que, muito embora o clima político tenha apresentado uma breve melhora entre 2008 e 2010 e o número de baixas entre as tropas americanas tenham caído após o *Anbar Awakening* e “*The Surge*”, a quantidade de atentados terroristas que ocorriam no Iraque permaneceu em um patamar bem elevado, se comparado ao ano 2003. O crescimento expressivo no número de atentados após 2012 se explica, em parte, pela reação sunita<sup>82</sup> contra os crescentes expurgos de al-Maliki, e pela ineficiência operacional das *Iraqi Security Forces* (ISF)<sup>83</sup>. Estas, sem o apoio das tropas americanas, transformaram-se uma espécie de “milícia xiita” e a uma bem-sucedida campanha idealizada pelos líderes da AQI para a libertação de jihadistas das prisões iraquianas. A “*Breaking the Walls*”, nome pelo qual essa campanha passou a ser

<sup>81</sup> The Global Terrorism Database (GTD), 2017. SEARCH CRITERIA: Years: (between 2003 and 2015); All incidents regardless of doubt.; Country: (Iraq) <[http://www.start.umd.edu/gtd/search/Results.aspx?page=1&casualties\\_type=b&casualties\\_max=&start\\_yearonly=2003&end\\_yearonly=2015&dtp2=all&country=95&charttype=line&chart=overtime&ob=GTD\\_ID&od=desc&expanded=yes#results-table](http://www.start.umd.edu/gtd/search/Results.aspx?page=1&casualties_type=b&casualties_max=&start_yearonly=2003&end_yearonly=2015&dtp2=all&country=95&charttype=line&chart=overtime&ob=GTD_ID&od=desc&expanded=yes#results-table)> Acesso 09/10/2017.

<sup>82</sup> De acordo com Fawas (2016) “[...] all the armed factions in Syria, al-Nusra and subsequently ISIS recruited the most fighters, hundreds of poor Sunnis who lacked the means to feed their families, and whose grievances allowed them to become somewhat politically disposed to the groups’ sectarian narrative, if not their jihadist ideology. According to Syrian sources, ISIS pays its fighters \$400 a month and, if married, a fighter received an additional \$50 per child and \$100 for every wife, as some fighters had more than one wife [...]” (FAWAS, 2016).

<sup>83</sup> De acordo com o Institute for the Study of War (ISW), “[...] there are three principal components of the ISF: the Iraqi Army (IA), the Iraqi Police (IP), and the National Police (NP). The Iraqi Army and the National Police are both national-level assets, with the IA under the command of the Ministry of Defense and the NP under the command of the Interior respectively. Conversely, the IP are recruited and deployed within local communities”. <<http://www.understandingwar.org/who-we-are>> Acesso 09/10/2017.



conhecida, conseguiu libertar, entre 12/09/2012 e 22/07/2013, mais de 600 prisioneiros, os quais passaram a integrar o efetivo do EII. A Campanha ainda foi responsável pela morte de cerca de 270 agentes prisionais iraquianos (LEWIS, 2013).

Stansfield (2015 p.2011), ao analisar os impactos da retirada norte-americana do Iraque, em 2011, menciona a pertinência dos estudos de Barbara F. Walter<sup>84</sup> (1997) para argumentar sobre a importância que tem um determinado ator externo na garantia de acordos de desarmamento e divisão de poderes políticos em um país que passa por uma guerra civil. Com efeito,

“[...] History, therefore, offers good and bad news to the international community. The good news is that outside intervention can end potentially bloody civil wars provided the intervening state is committed to guaranteeing the peace treaty and the two war-ring parties are in favor of a settlement. The bad news is that nonmilitary intervention, although politically more acceptable and financially less costly, is unlikely to accomplish much. It may provide a temporary solution, but it does not address the more fundamental issue of insecurity. It may stay the bloodshed temporarily, but, by definition, such intervention cannot enforce a peace, since maintaining any settlement and rebuilding a stable community occur only after a war is over. Outside powers can play a critical role in the resolution of civil wars, but only if they are willing to make a solid commitment and bear the necessary costs [...]. (Walter, 1997)

De acordo com o relatório *Freedom in the World 2013*, da *Freedom House*

“[...] immediately after the U.S. military completed its scheduled withdrawal from Iraq at the end of 2011, tensions arose again between Sunni and Shiite political parties. The Sunni Iraqiya Party boycotted the parliament in response to a perceived power grab by Prime Minister Nouri al-Maliki and the issuing of an arrest warrant for Vice President Tariq al-Hashimi, a Sunni politician. Al-Hashimi was tried and sentenced to death in absentia in September 2012 as part of a series of events that heightened political discord and coincided with one of the largest spikes in violence seen in the country in two years [...]. (FREEDOM IN THE WORLD 2017, 2013).

A Administração Obama (2009-2017), ressalta-se, dedicou pouca atenção ao Estado Islâmico, até, ao menos, meados de 2014<sup>85</sup>.

---

<sup>84</sup> De acordo com a autora: “[...] I tested these competing hypotheses against every civil war between 1940 and 1990. Cases were selected based on the coding criteria proposed by J. David Singer and Melvin Small’s Correlates of War project. To be included in the set of all civil wars a conflict had to (1) generate at least one thousand battle deaths per year, (2) occur within a generally recognized boundary, (3) involve the national government as a principal agent, and (4) experience effective resistance from both the rebels and the government [...]. Cf. Walter, B. (1997). The Critical Barrier to Civil War Settlement. *International Organization*, 51(3), 335-364.

<sup>85</sup> Cerca de quatro anos após a retirada de suas tropas do Iraque, os EUA tiveram de enviar ao Iraque a *26th Marine Expeditionary Unit* (26th MEU), a fim de reforçar um contingente que operava no *2nd Division Combat Operation Center for Nineveh Operation Command*, uma pequena base em Makhmur, no norte do país, próximo a Mosul. O reenvio de tropas ao Iraque evidencia que o governo iraquiano não tinha a capacidade de retomar Mosul, segunda maior cidade do Iraque, que havia sido ocupada pelo EI (BANDEIRA, 2016, p. 510).

“[...] The year 2011 saw the withdrawal of American forces from Iraq and the beginning of a civil war in neighboring Syria. With the advent of the Syrian civil war, al-Qa’ida in Iraq’s new leader, Abu Bakr al-Baghdadi, shifted the organization’s center of gravity across the border into Syria [...] (JONES ET AL, 2017 p.xi).

Em janeiro de 2014, de fato, presidente Obama afirmou, em entrevista à revista *The New Yorker* (2014), que: “[...] the analogy we use around here sometimes, and I think is accurate, is if a jayvee (sic) team puts on Lakers uniforms that doesn’t make them Kobe Bryant [...]” (REMNICK, 2014); ou seja, comparou o Estado Islâmico a um time universitário, justamente no período de expansão da organização. A presença de tropas americanas no Iraque, nesse período, provavelmente teria limitado o rápido avanço do EI pela região do Iraque.

### 3.2 O grande expurgo de al-Maliki

Por vezes, como repara Teixeira (2016) os governos apoiados diretamente pelos Estados Unidos, ao buscar legitimidade no contexto doméstico, se vêem impelidos a adotar caminhos contrários às posições americanas.

“[...] No contexto de transições de regime, uma preocupação importante da elite no poder é a de enfraquecer a habilidade de seus adversários de explorarem questões políticas potencialmente prejudiciais.<sup>137</sup> Regimes que receberam forte apoio americano tornam-se, assim, vulneráveis a críticas de serem submissos aos Estados Unidos e de terem perdido o foco do interesse nacional [...]” (TEIXEIRA, 2016 p.95).

Para Loretta Napolione (2016), al-Maliki ignorou as promessas de dividir o poder entre as principais forças políticas iraquianas e empreendeu uma evidente campanha sectária, com o propósito de neutralizar seus inimigos, em especial, os sunitas.

“[...] A transferência de responsabilidades de governo, que pôs fim à ocupação Americana, permitiu uma redefinição de ameaça para o governo xiita de Al Maliki. Os jihadistas detidos em prisões iraquianas, que tinham lutado contra forças americanas invasoras, não foram tidos como verdadeiros criminosos pelo novo governo de Bagdá. Já aos membros sunitas que anteriormente compuseram o movimento Sawha, que anos antes tinham combatido a AQI no Iraque, não lhes foram pagos salários, culminando num regresso aos braços da insurgência que anteriormente tinham repudiado. As frustrações dos sunitas precipitaram confrontos e uma violência geral que se alastrou a todo o país, culminando em choques entre os milhares de manifestantes e as forças policiais [...] (WEISS; HASSAN, 2015, p. 88).

Como se constata no relatório *The situation in Iraq and Syria and the response to*

*al-Dawla al-Islamiya fi al-Iraq al-Sham (DAESH)*, destinado à “*House of Commons*” do Reino Unido, a retirada das tropas norte-americanas do Iraque permitiu que o Governo de al-Maliki oprimisse ostensivamente as comunidades sunitas do país

“[...] At almost exactly the moment that the US left, the al-Maliki Government sent tanks to arrest the country's Sunni Vice-President, and began to arrest thousands of Sunni Iraqis, whom he accused of being in alliance with Al Qaeda/DAESH. It could be argued that this amounted to a paranoia becoming a self-fulfilling prophecy: the Sunni communities became increasingly alienated from the al-Maliki Government (which they perceived as an alien, Iranian-backed conspiracy), and, therefore, increasingly fertile ground for the insurgents [...] (Report, HOUSE OF COMMONS, 2015).

Stansfield (2015 p. 204), ao abordar uma perspectiva alternativa, afirma que a manobra de al-Maliki não foi destinada nem aos sunitas nem aos curdos, mas sim contra os xiitas do movimento sadrista. Muqtada al-Sadr havia entrado em cena, após a invasão americana de 2003, ao atacar, com ferocidade, as tropas norte-americanas com sua milícia (*Jaish al-Mahdi*), que era apoiada pelo Irã. Al-Maliki temia que Sadr se voltasse contra ele e procurou se precaver de todas as formas (STANSFIELD, 2015 p.204). Assim, tendo que se defender tanto das tropas americanas quanto das forças de Maliki, Maqtada anunciou um armistício durante a “*Surge*” (em agosto de 2007) e, consecutivamente, se exilou no Irã. A milícia de Sadr dirigiu-se para Barsa, local de onde tropas britânicas (responsáveis por esse setor) já estavam se desengajando das operações militares na região. Durante 2007, apesar de Maliki ter estabelecido um “Comando Operacional de Barsa” (que incluía um batalhão de operações especiais), sob o comando do general Mohan al-Furayji, as forças de Maliki pareciam ser ineficientes para derrotar o Jaish al-Mahdi em Barsa. Forças apoiadas pelo Irã garantiram a sobrevivência da milícia sadrista e forçaram Maliki a aceitar um cessar-fogo. Esse episódio marca uma presença mais marcante do Irã nos assuntos internos iraquianos e, em especial, do general Qassam Suleimani do *Iranian Revolutionary Guard Corp*<sup>86</sup> (STANSFIELD, 2015 p.205) e, conseqüentemente, aumentando a desconfiança entre sunitas e xiitas.

De forma geral, os eventos de 2007 e 2008 mencionados acabaram por conferir certa tranquilidade ao governo iraquiano, uma vez que a AQI/EII, ou seja, os insurgentes sunitas e os sadristas pareciam estar sob controle. A comunidade sunita vinha, aos poucos,

---

<sup>86</sup> Trata-se de uma fração das forças armadas iranianas, uma espécie de “guarda pretoriana” fundada em 1979, no contexto da Revolução Iraniana

voltando ao “*mainstream*” político depois do *Awakening*<sup>87</sup> e da Surge, em decorrência das garantias prometidas pelas forças americanas nesse contexto. Durante as eleições provinciais de 2009, temas como serviços públicos, eficiência governamental e desenvolvimento econômico pareciam se sobrelevar a questões puramente religiosas e étnicas (STANSFIELD, 2015 p.206-207; STERN e BERGER, 2015. pp.67-68).

Com efeito, Mansoor, de Jong, Dagher (2011)<sup>88</sup>, ao mencionarem um estudo<sup>89</sup> realizado em conjunto com a *National Science Foundation* e pelo *The Office of Naval Research*, indicam um aumento do número de “nacionalistas iraquianos” (que se declararam iraquiano acima de tudo), em contraponto à possibilidade de se declarar árabe, muçulmano ou curdo

“[...] a new survey data from Iraq, funded by the National Science Foundation and the Office of Naval Research, reveals a sweeping shift in attitudes over the past seven years. Evidence from seven nationally representative surveys conducted between 2004 and 2011 by the Iraq-based Independent Institute for Administration and Civil Society Studies reveal a significant increase in the proportion of Iraqis who adhere to Iraqi nationalism and favor secular politics over an Islamic government [...]. (MANSOOR, DE JONG, DAGHER, 2011).

Os pesquisadores acima mencionados também concluem que essa tendência “contra-sectária” é fruto dos mesmos fatores que aumentaram as rivalidades sectárias no país, ou seja, a invasão do país pelas tropas norte-americanas

“[...] Ironically, this anti-sectarian trend appears to be a positive outcome of the same set of factors that engendered sectarian violence and religious extremism in the first place: the U.S.-led occupation of the country and the subsequent shift in power from the Sunnis to the Shi’is. Foreign occupation enhanced national Iraqi identity, while the rise of Shi’i political parties and religious extremism contributed to the widespread desire for secular politics among Iraqis. This pattern parallels the historical cases of Algeria and Egypt, where French and British occupation, respectively, stirred nationalism. Similarly, in Iran today, the fundamentalism of the current Islamic regime has made liberal values attractive to a significant section of Iranians [...]. (MANSOOR, DE JONG, DAGHER, 2011).

---

<sup>87</sup> Muitos milicianos que lutaram no contexto do *Anbar Awakening*, com o apoio dos EUA, nutriam a esperança de serem incorporados às forças de segurança regulares do Iraque (STERN e BERGER, 2015. p.47).

<sup>88</sup> Mansoor Moaddel is in the department of sociology at Eastern Michigan University, Ypsilanti. He studies ideology and the mass-level belief systems and human values. Julie de Jong is in the Institute for Social Research, University of Michigan, and specializes in both survey methodology and family demography. Munqith Dagher is with the Independent Institute for Administration and Civil Society Studies, Baghdad, Iraq. He conducts values surveys and public opinion polls in Iraq and other Middle Eastern countries.

<sup>89</sup> Quanto às perguntas do estudo: “[...] the first asks whether Iraqis considered themselves “above all Iraqis, Muslims, Arabs, or Kurds,” and the second whether they strongly agree, agree, disagree, or strongly disagree that “Iraq would be a better place if religion and politics are separated [...].” (MANSOOR, DE JONG, DAGHER, 2011).

A instabilidade política decorrente dos aspectos federalistas da constituição iraquiana voltou a ganhar relevo após as eleições de 2010<sup>90</sup>, quando al-Maliki perdeu a maioria no Parlamento. As eleições, assim, foram vistas com bastante resistência por parte do governo central, que temia perder poder para as províncias. Nesse período, os curdos<sup>91</sup> (liderados por Barzani), percebendo uma janela de oportunidade para sua causa, passaram a incentivar províncias sunitas a também procurar maior autonomia. Maliki, utilizando-se das informações adquiridas por ocasião do *Awakening*, passou a prender lideranças sunitas com o propósito de evitar qualquer tentativa de manobra política que pudesse ocasionar a perda de poder em detrimento das províncias e, de uma forma mais geral, das regiões do país (STANSFIELD, 2015 p.212)

“[...]with the Americans gone, Iraqi Prime Minister Nouri al-Maliki pursued a hard-line pro-Shiite agenda, further alienating Sunni Arabs throughout the country. ISIS now counts among its members Iraqi Sunni tribal leaders, former anti-U.S. insurgents, and even secular former Iraqi military officers who seek to regain the power and security they enjoyed during the Saddam Hussein era [...] (CRONIN, 2015).

Entre 2011 e 2014, al-Maliki continuou a centralizar o poder em suas mãos e de seus aliados, ao eliminar, de todas as formas que se fizessem necessárias, a oposição de sunitas, de curdos e de xiitas dissidente. Percebendo a mudança de postura da comunidade sunita em relação ao governo central, as unidades operacionais do EII, em meados de 2012, aumentaram expressivamente número de ataques a xiitas. Essa situação se deteriorou ainda mais em 2013, quando as forças de segurança iraquianas (ISF) passaram a reprimir violentamente manifestações políticas ao redor do país (STANSFIELD, 2015 p.212; STERN e BERGER, 2015. p.47; WEISS & HASSAN, 2015, p. 88; NAPOLEONI, 2016).

---

<sup>90</sup> Em 2010, a coligação do Estado de Direito, do presidente al-Maliki, não foi capaz de conseguir uma maioria no parlamento, colocando-o em uma posição delicada. Em busca de apoio, al-Maliki se voltou ao Irã e, conseqüentemente, a Organização Badr, ligada ao Irã, ganhou voz no governo (STERN e BERGER, 2015. p.47)

<sup>91</sup> Uma das demandas mais sensíveis dos curdos dizia respeito à possibilidade de exportar petróleo independentemente de Bagdá, ou seja, dizia respeito à capacidade curda de obter efetiva autonomia econômica (STANSFIELD, 2015).

### 3.3 A primavera do “Califado”

#### 3.3.1 A Guerra Civil na Síria

A Primavera Árabe começou como o levante de uma nova geração por uma liberalização da política, entretanto, as forças políticas existentes, enraizadas nas áreas do interior, no mundo militar e na religião, provaram ser mais fortes e mais bem organizadas do que os elementos de classe média que se manifestavam pelos princípios democráticos na praça Tahrir, no Egito. Na prática, a Primavera Árabe tem servido mais para demonstrar do que superar as contradições internas do mundo árabe-islâmico e das políticas projetadas para resolvê-las (KISSINGER, 2015)

A Primavera Árabe deixou os grupos islamistas à vontade para defender formas mais “puristas” de governo, abrindo espaço para que o EI se fortalecesse

“[...] What is clear is that younger generations of Islamists, particularly in countries experiencing civil conflict, are questioning the wisdom of continuously playing defense. Their disgruntlement has led to a willingness to consider alternative routes to power projection and “purity”, the most extreme version of which has been the Islamic State (ISIS), which includes the ranks of the Muslim Brotherhood in its category of unbelievers [...] (HAMIDET et al., 2017).

O caos gerado por ocasião do início do Guerra Civil da Síria gerou “vácuos de poder”, permitindo que o EII ocupasse pedaços do território sírio e aumentasse rapidamente o número de “recrutas” para suas tropas (SOLOMON, 2016 p.3; VISHWANATH, 2015; COCKBURN, 2015). Esse território passou a ser utilizado como base operacional para a organização terrorista e permitiu que esta se tornasse autossuficiente em termos financeiros.

“[...] in 2012, the Islamic State emerged from the power vacuum created by the Syrian civil war and made its presence known in the western city of Aleppo. It had little in common with Syria's other rebel groups, which were primarily focused on fighting the forces of Syrian President Bashar al Assad for regime change [...]” (VISHWANATH, 2015).

No primeiro ano do conflito na Síria, o EII participou do conflito sírio indiretamente, por meio de uma célula terrorista criado por Abu Bakr al-Baghdadi<sup>92</sup>, líder

---

<sup>92</sup> Abu Bakr al-Baghdadi é seu “nome de guerra”. Provavelmente seu verdadeiro nome é Ibrahim Awwad Ibrahim Ali al-Badri al-Samarrai (listado como terrorista pelo *al-Qaeda Sanctions Committee* das Nações Unidas em 05 de outubro de 2011), ou seja, ele seria, na verdade, de Samarra e não de Bagdá, como do termo “al-Baghdadi” indica. A escolha dos dois primeiros nomes tem grande significado, uma vez que Abu Bakr foi companheiro do Profeta Maomé, seu sogro e único que o acompanhou na hégira (migração de Meca à Medina, no ano de 622 D.C.) (SILVA, 2016, p.138). Abu Du'a é outro nome a ele associado, mas com menor frequência. Al-Baghdadi, segundo algumas testemunhas, era uma pessoa “normal” antes da

do EII, e colocada sob o comando de Abu Muhammad al-Julani. Essa célula, conhecida como *Jabhat al-Nusra*<sup>93</sup>, cresceu rapidamente e ganhou relevância entre as forças opositoras de Assad (FAWAZ, 2016 pp.176-184)

“[...] ISI– al- Nusra spared no effort to secure areas under their control, using methods including assassination, terror, and instilling fear among inhabitants. The files obtained by Der Spiegel focus almost exclusively on ISI– al- Nusra’s use of coercive means to spread their influence and terrorize their real and imagined enemies in Syria [...]”.

Durante o conflito civil na Síria, grupos salafistas (radicais) se proliferaram pela região da Síria (cf. Anexo II) e se tornaram o principal “fio condutor” que conectou o conflito na Síria e os grupos terroristas que operavam no Iraque

“[...] As the Syrian conflict escalated, scores of armed groups proliferated and professed Islamist ideologies, ranging from the moderate to the Salafi-jihadists. Even nationalist rebels such as the Free Syrian Army (FSA) used Islamic symbols in their rhetoric as a way to gain legitimization in the eyes of the public and to compete with emerging Islamist groups for funding from donors in the Gulf States [...] (FAWAZ 2016, p.174)

O Iraque não foi o palco principal da Primavera Árabe, mas observou-se na Tunísia, no Egito e na Síria, manifestações de grande vulto e violência na repressão a essas manifestações. Brito (2016 p.339) observa que as forças de segurança iraquianas rotulavam as manifestações em geral de insurgência para justificar uma repressão mais violenta. Brito (2016 p.339) ainda sugere que, já estar funcionando com mecanismos mais democráticos, com um Conselho de Representantes funcionando e um Constituição<sup>94</sup> avançada, as manifestações no Iraque não visariam uma mudança de regime, mas teriam outras demandas. Para o ex-embaixador do Brasil no Iraque, Bernardo de Azevedo Brito (2016), os manifestantes não pretendiam derrubar o governo de al-Maliki, mas sim

---

invasão ao Iraque em 2003, não dava indícios de ter qualquer tipo de “psicopatia” ou inclinação à violência extremada, embora admirasse Saddam Hussein. A título de curiosidade, al-Baghdadi, que era um exímio jogador de futebol, às vezes era chamado pelos amigos (ou autointitulado) de “Maradona de Bagdá” (MOUBAYED, 2015, pp. 102-103). Em 2003, al-Baghdadi formou o grupo insurgente *Jaysh Ahl al-Sunna wa-l-Jamaah* (*Army of the People of the Sunna and Communal Solidarity*) e, no ano seguinte, foi preso pelos americanos em Camp Bucca, local em que se tornou efetivamente um jihadista.

<sup>93</sup> “[...] Al-Nusra was formed in late 2011, when Al Qaeda in Iraq (AQI) emir Abu Bakr al-Baghdadi sent AQI operative Abu Muhammad al-Julani to Syria to organize regional jihadist cells. At its inception, Al-Nusra began harboring the Khorasan Group, a cell of approximately two-dozen experienced Al Qaeda (AQ) jihadists who were sent to Syria by central AQ leadership in order to develop international terror plots. However Al-Nusra began targeting the Islamic State (IS, formerly AQI) in January 2014 amid rising tensions between IS and the Sunni opposition forces. Additionally in July 2016, Al-Nusra ended its affiliation with Al Qaeda (AQ) and changed its name to Jabhat Fatah al-Sham (The Front for the Conquest of the Levant) [...]” (MAPPING MILITANT ORGANIZATIONS, 2017).

<sup>94</sup> A Constituição do Iraque, originalmente, previa que o presidente do iraque não poderia ter dois mandatos consecutivos, mas esse dispositivo logo foi suprimido, permitindo que o presidente tivesse mais de dois mandatos consecutivos.

pressionar por maior efetividade de serviços públicos, como o provimento de energia elétrica, mecanismos institucionais anticorrupção e a geração de mais postos de trabalho, uma vez que a economia do Iraque, centrada na produção de petróleo, gerava muitos lucros e poucos empregos.

Provavelmente, destaca o embaixador Brito (2016, p.341), os fatores mais preocupantes para a estabilidade política do Iraque vinham de fora, mais especificamente da interferência manifesta do Irã, da Turquia e da Arábia Saudita em assuntos domésticos. Maliki também temia o apoio de rebeldes sírios aos sunitas do Iraque, em decorrência das manifestações contra o governo de Bagdá. Com efeito, havia uma convergência de interesses entre uma maioria sunita que procurava se afirmar na Síria e uma minoria no Iraque que se esforçava para ganhar maior voz na condução do país (BRITO, 2016 p.341).

### 3.3.2. As “guerras frias” do Oriente Médio

A Guerra Civil na Síria e as reverberações da Primavera Árabe aprofundaram a histórica rivalidade entre a Arábia Saudita e o Irã<sup>95</sup>. Desde a Revolução Iraniana<sup>96</sup>, em 1979, a Arábia Saudita, país de maioria sunita, vê sua liderança regional cada vez mais ameaçada pelo Irã, que é de maioria xiita (KISSINGER, 2015 p.101; FISHER, 2016; LEWIS, 2003 p.89). O Iraque, como mencionado anteriormente, tinha, antes da invasão americana em 2003, uma maioria xiita governada por uma elite sunita. Na Síria, a situação é quase que o oposto do Iraque, uma vez que uma elite alauita (ramo do xiismo) controla uma maioria sunita

“[...] the war in Syria, worsening violence in Iraq and the broader regional ructions emanating from the Arab Spring and its fallout have had a profound impact on the long-tense relations between Iran and Saudi Arabia. In the vacuum left by a less interventionist US administration, these two countries have increasingly played a more overt role in other countries' internal affairs,

---

<sup>95</sup> A Guerra Iraque-Iraque, que também é conhecida como “Primeira Guerra do Golfo” (da mesma forma que Guerra do Golfo de 1991) custou cerca de 200 bilhões de dólares diretamente e mais um bilhão de dólares indiretamente, de acordo com as estimativas indicadas por Milton-Edwards & Hinchcliff (2008, p.87) e causou aproximadamente um milhão de baixas (Demant, 2015). A mobilização dos esforços diplomáticos conjuntos de Moscou e Washington para colocar um fim a esse conflito, preparou o terreno para a busca consensual de encaminhamento no Conselho de Segurança de vários contenciosos da Guerra Fria, na América Central, Camboja, Afeganistão, Angola, abrindo caminho para a cooperação durante a crise do Golfo de 1990, que inauguraria, por sua vez, uma fase nova na tentativa de operacionalização do conceito de segurança coletiva nas Nações Unidas (Patriota, 2010).

<sup>96</sup> Em discurso realizado por Khomeini na cidade de Qom, no ano de 1979, o xá denunciou que todo o mundo islâmico estava amarrado à “muleta norte-americana”, conclamando, então, todos os muçulmanos a se unirem contra o esse inimigo. O aiatolá ambicionava, ademais, exportar sua ideologia para outros países do Oriente Médio, incluindo o Iraque, onde a elite sunita enfrentava dificuldades em controlar a maioria xiita. Nesse período, as denúncias de Khomeini também foram direcionadas à Saddam Hussein e à Anwar Sadat, apontando-os como servos e agentes da América (LEWIS, 2003 p.89).



prompting a backlash against Saudi Arabia in particular, and further raising doubts over the fragile and diminishing popular push for democracy across the broader region [...] (THE ECONOMIST INTELLIGENCE UNIT, 2014).

Uma das “guerras frias” do Oriente Médio contemporâneo diz respeito, assim, ao embate entre sunitas e xiitas. O bloco sunita, formado pela Arábia Saudita, a Jordânia, Egito, os Emirados Árabes Unidos (EAU), o Kuwait e, em certa medida, a Turquia tem apoiado os rebeldes sunitas na Síria, ao passo que o Irã e o Hezbollah<sup>97</sup>, xiita, passaram a apoiar as forças de Bashar al-Assad

[...] Baghdadi and his planners have also exploited the regional rivalry between the Saudi-led bloc of Sunni Arab states and Shia-dominated Iran, a discord that has taken sectarian overtones and has become a zero-sum contest for influence. While the fragility of the state structures in Iraq and Syria is the key cause of ISIS’s swift and spectacular surge, regional and global rivalries sustain and prolong its existence [...] (FAWAZ, 2016 p.49).

**Figura 3 – A “guerra fria” do Oriente Médio**



Fonte: STRATFOR, 2015.

O bloco sunita, encabeçado pela Arábia Saudita<sup>98</sup>, percebia os “Mujahidin” do EI como pontas-de-lança de um processo de contenção da influência xiita na região (o

<sup>97</sup> De acordo com o TRAC, o “[...] Hezbollah is a Shi’a Islamic militant group and political party based in Lebanon. It receives financial and political support from Iran and Syria, and its paramilitary wing is regarded as a resistance movement throughout much of the Arab and Muslim worlds [...]” (TRAC, 2017).

<sup>98</sup> “[...] When the Arab Spring began, Iran had been on a winning streak in the Middle East cold war. The Saudis were on the defensive, and the Arab Spring, especially with the fall of the Mubarak regime, seemed

Regime de Assad, o Irã e o Hezbollah) (COCKBURN, 2015). Assim, no “processo de exportação do wahabismo”, pela Arábia Saudita, o EI era considerado um “mal menor”, se não um “mal necessário”, para a manutenção do poder saudita. A Turquia, por sua vez, via o EI com uma forma de eliminar as pretensões curdas de formar um Estado independente que vindicasse parte do território turco.

A retirada das tropas americanas do Iraque, finalizada em 2011, abriu caminho para que o Irã aumentasse sua influência sob o Iraque e, com isso, ameaçasse ainda mais o status-quo sunita

“[...] The American withdrawal from Iraq removed a counterweight to Iranian influence, halted professionalization of the Iraqi Army, and reduced American visibility into these forces as they were progressively weakened by the Shi'a dominated regime in Baghdad [...]” (JONES ET AL, 2017)

A outra “Guerra Fria” está relacionada ao embate entre a Rússia e os Estados Unidos (e seus principais aliados) (BEEHNER, 2015; AL KHATTEEB; KADHIM, 2015). A Rússia também passou a intervir diretamente na Síria, ao lado do Irã<sup>99</sup>, garantindo a sobrevivência de um de seus principais aliados na região, Bashar al-Assad

Enter Russia, with a lean coalition and a decisive goal. Russian President Vladimir Putin is determined to restore his country's power and prestige in the Middle East. In Syria, Russia is moving in to save its last Arab friend, Assad, from being replaced by a radical Sunni government or (less likely) a pro-American government composed of the current opposition members in exile. After Syria, Russia is looking to Iraq, where U.S. prestige has taken a hit as ISIS has managed to hold territory. For Russia, Iraq could be the greatest prize of all, with its 150 billion barrels of oil and history of failed U.S. intervention (AL KHATTEEB; KADHIM, 2015).

Assim como a Arábia Saudita e a Turquia, no entanto, existem suspeitas de que a Rússia não viu, em um primeiro momento, a ascensão do EI de todo mal. Maria Tsvetkova (2016), jornalista da Reuters, em artigo intitulado *How Russia allowed homegrown radicals to go and fight in Syria*, acusa a Rússia de ter incentivado o fluxo de jihadistas para o Iraque e para Síria, principalmente antes dos jogos olímpicos de inverno de Sochi (2013), com o propósito de aliviar as pressões internas nessas regiões e evitar constrangimentos ao Governo de Putin, por ocasião desse evento.

---

to be yet another setback in their efforts to confront Iranian influence. This is why Syria became so central to Saudi Arabia [...] (GAUSE, 2014).

<sup>99</sup> “[...] Iran's motivations for what, by most estimates, is the largest foreign intervention in Syria, are to ensure a safe corridor for arms to Hezbollah in Lebanon, maintain a presence on the Golan Heights to attack Israel, and ensure that what is left of the Assad regime does Iran's bidding [...]” (TABLE, 2015).

Essas “guerras frias”, no entanto, podem eclipsar importância das variáveis domésticas para dinâmica do conflito sírio. De acordo com Lionel Beehner, professor do *Modern War Institute* (da Academia Militar de *West Point*),

“[...] Proxy war or not, the bulk of the fighting in Syria is not about the regional balance of power. Most fighters (ISIS excluded) are driven by parochial—even personal—issues. For example, according to recent survey work, the University of Maryland researcher Vera Mironova and High Point University’s Sam Whitt found that rebels were motivated primarily by revenge and regime change, not by religion or larger regional issues [...] (BEEHNER, 2015).

A lógica de “*divide et impera*” e a instrumentalização do sectarismo no âmbito regional favoreceu o rápido avanço do EI pelo Iraque e pela Síria (FAWAZ, 2016 p.49; COCKBURN, 2015). O bloco sunita, principal acusado de se favorecer, de uma forma ou de outra, do avanço dos jihadistas do EI pelo Iraque e pela Síria, só perceberam os riscos que o EI representavam para seus governos quando já era tarde e o EI já tinha conquistado territórios suficientes para garantir sua própria autonomia.

### **3.4 A fundação do Estado Islâmico do Iraque e da Síria**

Em 09 de abril de 2013, al-Baghdadi anunciou, unilateralmente, a fusão do EII com o al-Nusra, chamando o novo grupo de Estado Islâmico da Síria e do Levante (EIIS), fato que desagradou tanto a al-Zawahiri, líder da AQC, como al-Jawlani, líder do Front al-Nusra. Este último logo declara sua fidelidade à al-Zawahiri, ou seja, à al-Qaeda Central (AQC), colocando o al-Nusra e confronto com o EII. A relação entre o EIIS, Jabhat al-Nusra e a AQC continuaram a se deteriorar à medida em que o EIIS atraía combatentes do al-Nusra e enviava reforços aos *fronts* no Iraque. No dia 02 de fevereiro de 2014, a al-Qaeda Central repudiou o EIIS, afirmando que o grupo não teria vínculos com a organização. O EIIS respondeu com a violência que lhe é característica ainda no mesmo mês, ao matar, em um ataque suicida, Abu Khaled al-Suri, um importante membro da al-Qaeda Central (STERN e BERGER, 2015. pp.65-67).

Em uma campanha ininterrupta ao longo de 2014, o EIIS assumiu o controle de Raqqa, na Síria, e a maior parte de seus arredores, expulsando tanto os membros de regime de Assad como os demais rebeldes. Estabeleceu-se, nessa cidade, sua capital na Síria (STERN e BERGER, 2015. pp.65-67).

O EIIS (organização que antecedeu o EI) continuou a apresentar vitórias sólidas, tanto no Iraque como na Síria. Em 30/12/2013, capturou a cidade de Fallujah e continuou

a avançar rapidamente pelo Iraque. Para alcançar esse efeito, o EIIS efetuou uma série de alianças complexas com tribos árabes sunitas no Iraque, inclusive algumas que não partilhavam necessariamente a ideologia extremista dessa organização (STERN e BERGER, 2015. pp.67-68).

As tensões eram exacerbadas pela confiança do regime do Iraque na capacidade de as milícias xiitas em combaterem o EIIS na província de Anbar e em outras áreas. Muitos desses grupos eram representantes iranianos, devendo maior fidelidade a Teerã do que a Bagdá, e alguns regressaram ao Iraque depois de combaterem o EIIS na Síria. Alegadamente, mais de 80 tribos sunitas combateram ao lado do EIIS (STERN e BERGER, 2015. pp.67-68).

### **Quadro 3 – Cronologia do avanço do Estado Islâmico nas cidades do Iraque e da Síria**

NOME	DATA	PAÍS
FALLUJAH	30/12/2013	IRAQUE
RAQQA	14/01/2014	SÍRIA
MOSUL	10/07/2014	IRAQUE
TIKRIT	11/07/2014	IRAQUE
SINJAR	02/08/2014	IRAQUE
ZUMAR	02/08/2014	IRAQUE
KOBANI	22/08/2014	SÍRIA
RAMADI	17/05/2015	IRAQUE
PALMYRA	20/05/2015	SÍRIA
ALEPPO (parcialmente)	09/11/2015	SÍRIA

Fonte: Elaborado pelo autor com base em informações divulgadas pelo Wilson Center.

Em junho de 2014, o EIIS conquista Mosul, cidade com 1,5 milhões de habitantes e a maior barragem do Iraque. O EI soube “aproveitar o êxito”<sup>100</sup> do espetacular assalto à Mosul e, em seguida, tomou Tikrit, cidade natal de Saddam Hussein. Em 29 de junho,

<sup>100</sup> Aproveitamento do Êxito: tipo de operação ofensiva que se segue a um ataque bem-sucedido e que, normalmente, tem início quando a força inimiga se encontra em dificuldades para manter suas posições, visando anular sua capacidade de reorganizar-se ou de realizar um movimento retrógrado (GLOSSÁRIO DAS FORÇAS ARMADAS, 2007).

Abu Mahummad al-Adnani, por meio de uma gravação de áudio, declarou que estava reconstruindo o “Califado”. Essa declaração teve ampla ressonância entre os muçulmanos, em especial entre os salafistas. Muitos desses salafistas se sentiram obrigados, religiosamente, a defender o “Califado” e Abu Bakr al-Baghdadi foi declarado o novo “Califa Ibrahim”.

Esse novo “Califado” passou a ser conhecido como “Estado Islâmico” (STERN e BERGER, 2015. pp.69-70). Silva (2016, p. 138) explica que esse califado ocupou uma parte do território iraquiano (províncias de al-Anbar e Kirkuk<sup>101</sup>) e outra parte do território sírio (províncias de Al-Raqqa, Idlib e Aleppo), nas regiões de maioria sunita. A partir daí dar-se-ia início a um amplo processo de reconquista de territórios, outrora sob domínio muçulmano, com objetivo de reedificar o Califado Muçulmano. Primeiramente deveria ser conquistada a área do Levante (que inclui a Jordânia, Israel, Palestina, Líbano, Chipre e o sul da Turquia)<sup>102</sup> e, em seguida, o Norte da África.

O EI, que tem se caracterizado por ser uma organização que aprende com seus próprios erros, modificou a essência das táticas adotadas na época da al-Qaeda do Iraque, de “*hit and run*”, ou seja, atacar e retrair, para uma abordagem muito mais ofensiva e sistemática, ao estilo do próprio “*shock and awe*” norte-americano. Hassan Abu Haniyeh (2014), pesquisador do *Al Jazeera Centre for Studies*, explica que EI tinha uma organização muito semelhante à de um exército regular

“[...] The military council consists of sector commanders, with each sector comprising three battalions of 300 to 350 fighters each. Each battalion is made up of several companies containing fifty to sixty fighters apiece. Within the council, there are general staff, special commandos, and suicide officers, as well as logistics forces, sniper forces, and ambush forces. Higher-ups include Abu Ahmed al-Alwani (also known as Walid Jassim) and Omar al-Shishani. The council handles all military aspects, including strategic planning, battle commands, attack planning, and oversight, supervision and correction of military commanders’ operations, as well as armament and spoils management [...]”.

O EI adotou, em seu momento de expansão territorial, uma “estratégia híbrida”, que pode ser esquematizada em três círculos concêntricos, na qual no círculo mais interno, priorizara-se aspectos de uma “guerra convencional”; no círculo intermediário,

---

<sup>101</sup> A enorme jazida da região de Kirkuk tem, por si só, a capacidade de produzir de 8 a 9 milhões de barris de petróleo por dia e tem assegurado, desde 1934, cerca de 40% da produção iraquiana. Para os curdos, ademais, a importância de Kirkuk é simbólica (SÉBILLE-LOPEZ, 2006 p.345).

<sup>102</sup> Jürgen Todenhöfer, jornalista alemão que passou 10 dias nos territórios ocupados pelo EI, afirma que Israel não faria parte da primeira fase de colonização do EI. Segundo o jornalista, “[...]They think they can defeat US and UK ground troops, who they say they have no experience in city guerrilla or terrorist strategies. “But they know the Israelis are very tough as far as fighting against guerrillas and terrorists [...]” (DEARDEN, 2016).

características de uma “guerrilha”, e no círculo mais exterior, ações efetivamente terroristas (ASHOUR, 2015).

“[...] as a method of social warfare which is unbounded by social constraints. Therefore, hybrid threats not only gain a physical advantage through the combination of conventional technology and organization with unconventional tactics and applications, but also gain a cognitive advantage by the very lack of social restrictions that conventional state forces must adhere to such as the Law of Land Warfare, Geneva Convention, and Rules of Engagement [...] (MCCULLOH; JOHNSON, 2013).

A conceito de “Guerra Híbrida”, que se relaciona à estratégia “híbrida” do EI, começou a ganhar destaque após a publicação da *U.S National Defense Strategy*, de 2005, e da *U.S. Maritime Strategy*<sup>103</sup>, de 2007. Nesses documentos, as forças armadas norte-americanas previam o aumento do número de “cenários” em que ameaças regulares e não regulares tenderiam a convergir entre si, passando a ser recorrente, nesse contexto, o emprego tanto tecnologias rudimentares como sistemas complexos, via planejamento e execução descentralizados (MCCULLOH; JOHNSON, 2013). Essas eram, efetivamente, as características das “operações militares” executadas pelo Estado Islâmico.

#### 4.4.1 Quantas divisões tem o “Califa”<sup>104</sup>?

De acordo com um relatório do Conselho de Segurança das Nações Unidas, o EI teve acesso a um vasto arsenal que pertencia às ISF. Esse armamento seria suficiente para equipar mais de três divisões das ISF, ou seja, o braço armado do EI tinha era constituído de, no mínimo, um corpo de exército, bem armado, bem treinado e bem motivado

“[...] in June 2014, [IS] captured vehicles, weapons and ammunition sufficient to arm and equip more than three Iraqi conventional army divisions. These arms were seized from Iraqi Government stocks mainly in Anbar and Salah al-Din provinces but also in Mosul, Kirkuk and Diyala. This followed on from an estimated 30 per cent of soldiers and volunteers deserting their positions and abandoning their weapon [...] (CSNU, 2014)

---

<sup>103</sup> “A Cooperative Strategy for 21st Century Seapower” (2007)

<sup>104</sup> Como descreve Celso Amorim (2016), por volta de 1935 o então Primeiro-Ministro da França, Pierre Laval, vislumbrando formas de conter o avanço dos nazistas, sugeriu a Joseph Stalin que procurasse obter apoio dos católicos, aproximando-se do papa Pio XII. Em tom sarcástico, o líder soviético respondeu: “e quantas divisões tem o Papa?”.

Os combatentes do EI tinham elevado grau de “profissionalização”, fato que se refletiu nas rápidas vitórias sobre o exército iraquiano e contra as forças sírias. O efetivo de combatentes do EI varia de 20.000 a 200.000, dependendo da fonte

“[...] The CIA initially set the number of IS fighters at 20,000, then 31,000, then 50,000. The Russian security services, on the other hand, put the figure at 70,000 whilst some analysts go as far as 200,000 fighters— if one considers the Sunni tribal fighters allied to IS [...]” (SOLOMON, 2016 p.102).

O arsenal do EI o torna uma organização terrorista de um porte sem precedentes (cf. Anexo III). Segundo o relatório acima mencionado, o EI, após capturar esse arsenal, teria capacidade para continuar lutando no mesmo ritmo por um período de seis meses a dois anos. De acordo com o relatório *Taking Stock: The Arming of Islamic State*, da Anistia Internacional (2015), a maior parte do arsenal do EI teve origem nas forças armadas do Iraque e, em menor escala, da Síria

“[...] Drawing on the analysis of thousands of images, hundreds of videos and sources within Iraq and Syria, this section summarizes the small arms and light weapons, artillery, ammunition and ordnance, and armoured fighting vehicles currently held by IS. It finds a close match in weapon type between the arsenals of IS and the inventory of the Iraqi military. While precise chains of custody are difficult to establish, a substantial proportion of IS’ current military arsenal comprises weapons and equipment captured or illicitly traded from poorly secured Iraqi, and, to a lesser extent Syrian, military stocks [...]” (AMNESTY INTERNATIONAL, 2015)

As vitórias do EI foram determinadas, assim, pela alta qualidade de seus combatentes (moral elevada e conhecimento técnico), suporte logístico adequado<sup>105</sup>, dentro do possível, e pela utilização de um “leque” de armamentos sem precedentes para uma organização terrorista.

### 3.5 O Leviatã jihadista

Em 29 de julho de 2014, o Califado foi declarado por Abu Bakr al-Baghdadi na mesquita de Mosul. O EI, assim, passou de ser um ator “*sovereignty-challenger*” para um “*sovereignty-claimer*” (LEGRENZI; CALCULLI, 2017 p.221). O

---

<sup>105</sup> Em suas operações ofensivas, o EI tinha a manifesta preocupação em preservar padarias, depósitos de alimentos e qualquer outra instalação que pudesse apoiar logisticamente o avanço de seus “Mujahidin”. “Une armée marche à son estomac” (Napoleão Bonaparte). “[...] This saying, which attests to the importance of forces being well-provisioned, has been attributed to both Napoleon and Frederick the Great. It is recorded in English from the early 20th century [...]” (Oxford Reference, 2017) < <http://www.oxfordreference.com/view/10.1093/oi/authority.20110803095425331> > Acesso em 26/10/2017. Cf.[Diaporama] Les rations alimentaires opérationnelles. Ministère des Armées (anciennement ministère de la Défense), 29/01/2016 < <http://www.defense.gouv.fr/fre/actualites/articles/diaporama-les-rations-alimentaires-operationnelles> > Acesso em 29/01/2017.

líder do EI copiou parte do “discurso de posse” de Abu Bakr al-Siddiq (573 d.C.– 634 d.C.), primeiro Califa, com o propósito de atrair muçulmanos do mundo todo

“[...] I have been appointed to rule over you, though I am not the best among you...If you see that I do right, help me, and if you see that I do wrong, set me right. And obey me so long as I obey God touching you. If I disobey Him, no obedience is owed me from you” [...] (ABU BAKR AL-SIDDIQ, 643d.C apud BUNZEL, 2015).

Nem todos podem ser o “Califa”, explica Wood (2017). O candidato tem de ser homem, muçulmano (devoto), adulto, livre, de ascendência coraixita (tribo de Maomé), com integridade moral e aptidão física. O Califa tem de ser fisicamente “intacto (sem partes do corpo amputadas, por exemplo) e ter vocação militar para proteger a *Ummah* (WOOD, 2017 p.141; MOUBAYED, 2015, p.5). A família real saudita, ressalta-se, não cumpre os requisitos básicos, uma vez que não descende dos coraixitas, sendo assim, bin-Laden não teria qualquer credibilidade ao declarar o “Califado”, diferentemente de al-Baghdadi, que possivelmente cumpria todos os requisitos para ser califa (WOOD, 2017 p.141).

A declaração do “Califado” teve forte impacto psicológico sobre os salafistas ao redor do mundo (STANSFIELD, 2016 p.238) e passou, assim, a atrair não apenas jihadistas, mas também “mão-de-obra qualificada”, pessoas do mundo todo (algumas com excelentes qualificações técnicas), que desejavam efetivamente viver sob a Sharia. Em uma pesquisa realizada pelo *Pew Research Center*, evidenciou-se que a maior parte dos muçulmanos que vivem no Oriente Médio e no Norte da África, com a exceção do Líbano, desejaria que seus países adotassem, efetivamente, a *Sharia* como principal instrumento legal em seus países

“[...] responses on this question vary widely. Nearly all Muslims in Afghanistan (99%) and most in Iraq (91%) and Pakistan (84%) support sharia law as official law. But in some other countries, especially in Eastern Europe and Central Asia – including Turkey (12%), Kazakhstan (10%) and Azerbaijan (8%) – relatively few favor the implementation of sharia law [...] (PEW, 2015)

A violência característica das operações executadas pelo Estado Islâmico, ressalta-se, foi, contraditoriamente, um fator de repulsa e atração

“[...] Its exhibition and celebration of brutality and savagery are designed not only to terrorize enemies but to appeal to a core Sunni constituency and inspire young recruits who long for an identity, adventure, blood, and, most importantly, justice for aggrieved Sunnis in Iraq and Syria and across the Arab-Islamic world [...] (FAWAZ, 2016 p.232).



A ideia de viver no “Califado”, dessa forma, foi sedutora para muitos muçulmanos “[...] is spreading because they represent a model of power [...]”, que desejavam participar de “algo maior” (HAMIDET al, 2017). Al-Raqqa, na Síria, foi escolhida como a capital do “Califado” (MOUBAYED, 2015, p. 124), que chegou a controlar um território de tamanho do Reino Unido (STANSFIELD, 2016 p.238)<sup>106</sup>. Com o controle de posições estratégicas relacionadas à produção de petróleo, à geração de energia e aos reservatórios de água, o EI passou a assumir, de fato, serviços tipicamente estatais. Tendo controle territorial e monopolizando o provimento da maior parte dos serviços essenciais, o EI passou a ter pleno controle das populações locais e, assim, ampliar sua capacidade de recrutamento e ampla autonomia financeira. Muitos desses serviços públicos, destaca-se, o EI executou de forma mais eficiente que os governos nacionais do Iraque e da Síria vinham prestando

“[...] Residents in Deir al- Zour reported a noticeable increase in services such as electricity following ISIS’s takeover of their city, noting that before the jihadist group arrived, electricity was often cut off for several days at a time, but after the group arrived, residents would get electricity for at least ten hours a day[...].” (FAWAZ, 2016 p.214).

A ênfase do EI em criar instituições também se relaciona com o viés “apocalíptico” adotada pelas lideranças da organização (WOOD, 2017 p.330; STERN e BERGER, 2015)

“[...] whatever ISIS believes about the apocalypse, it sees itself as creating a distinctive and authentic legal order for the here and now, one that is based not only on a literal (if selective) reading of early Islamic materials but also on a long-standing theory of statecraft and legal authority [...]” (MARCH; REVKIN, 2015).

Essa perspectiva “apocalíptica” teve grande influência de Turki al-Binali, um dos mais influentes líderes religiosos do EI. Al-Binali indicava, em seus ensaios, que existiriam, na história da humanidade, 12 califas “justos” antes que “Fim dos Tempos” chegasse. Abu Bakr al-Baghdadi, nesse sentido, seria o oitavo “califa justo” para grande parte dos combatentes do EI (WOOD, 2017 p.330), fato que conferia, a muitos muçulmanos, um tom de legitimidade nas políticas do EI.

---

<sup>106</sup> “[...] in late 2014, the Islamic State controlled more than 100,000 km<sup>2</sup> of territory containing more than 11 million people, mostly in Iraq and Syria [...]” (JONES ET AL, 2017)

### 3.5.1 A institucionalização da jihad

O EI estabeleceu uma “proto-constituição”, com base na antiga “Constituição de Medina” (wathiqat al-madīnah), que se acredita ter sido idealizada por Maomé, por volta de 622 d.C

[...] The ISIS social contract is authoritarian and asymmetric, but it does nonetheless provide some benefits to citizens. Their political rights and freedoms are extremely limited, of course, but they are at least explicitly defined in law-like documents and legally enforceable in courts. That is, citizens whose rights—including the right to private property and the right to protection from arbitrary arrest or unlawful violence—are violated by ISIS members have the right to appeal to special “complaints” departments (known as dawawīn al-mazālim), although ISIS remains the ultimate arbiter of all grievances [...] (REVKIN, 2016).

As “funções estatais” do “Califado” e suas obrigações para com seus “cidadãos” encontram-se descritas no Anexo IV. Constata-se, logo do 1º artigo da Wathīq at al-Madīnah” (“Constituição do Estado Islâmico), que o EI se coloca na posição de “vingador” contra a opressão e a injustiça sofrida pelos muçulmanos, além de objetivar a restauração da glória do Califado. O poder judiciário do “Califado” também apresentava uma estrutura institucional complexa e está fundamentada na aplicação da Sharia

[...] ISIS regulates its judiciary through a top-down bureaucratic chain that starts with the Sharia Council, which is headed by Baghdadi himself. Under the authority of the Sharia Council, each wali (the governor of a regional administrative division called a wilaya) oversees a shariadeputy who in turn supervises the wilaya-level shariacommission. The shariacommissions (hay’ at al-shari’a) are responsible for overseeing courts and the work of judges. ISIS disciplines and even executes its own judges when they refuse to support the caliphate’s official position on legal questions [...]” (MARCH; REVKIN, 2015).

Essa estrutura do EI, afirmam March e Revkin (2015), teve profundo impacto no imaginário muçulmano (vide Quadro 07), uma vez que o EI demonstrou a possibilidade de se instituir, de fato, um califado (tradicional) no mundo contemporâneo.

#### Quadro 04 – Apoiadores do Estado Islâmico por país

PAÍS	POLULAÇÃO	APOIO AO EI	NÚMERO DE APOIADORES
Líbano	6.229.794	0%	0
Israel	8.299.706	1%	82.997
Jordânia	10.248.069	3%	307.442
Palestina	4.543.126	6%	272.588
Indonésia	260.580.739	4%	10.423.230
Turquia	80.845.215	8%	6.467.617
Nigéria	190.632.261	14%	26.688.517
Burkina Faso	20.107.509	8%	1.608.601
Malásia	31.381.992	11%	3.452.019
Senegal	14.668.522	11%	1.613.537
Paquistão	204.924.861	9%	184.432.375
TOTAL			235.348.922

Fonte: Elaborado pelo autor com base a pesquisa “Spring 2015 Global Attitudes Survey”, realizada pelo Pew Research Center e no *The World Factbook* (CIA)

Não obstante a pesquisa “*Spring 2015 Global Attitudes Survey*”, realizada pelo *Pew Research Center*<sup>107</sup>, indicasse que a maior parte da população muçulmana rejeitava o EI em 2015, constata-se, por meio do Quadro 10, que a organização terrorista tinha um número extraordinária de apoiadores em números absolutos. Estimativas do *Clarion Project*<sup>108</sup>, organização sem fins lucrativos, indicam que o EI teria um total de 8.5 milhões<sup>109</sup> de apoiadores em 2015 (SVIRSKY, 2015). Ao final de 2015, o *Soufan Group*

<sup>107</sup> “[...] Pew Research Center is a nonpartisan fact tank that informs the public about the issues, attitudes and trends shaping the world. We conduct public opinion polling, demographic research, content analysis and other data-driven social science research. We do not take policy positions [...]” (Pew Research Center, 2017)

<sup>108</sup> “[...] The Clarion Project (formerly Clarion Fund) is a 501(c)3 non-profit organization dedicated to educating both policy makers and the public about the growing phenomenon of Islamic extremism. The Clarion Project is committed to working towards safeguarding human rights for all peoples [...]” (The Clarion Project, 2017).

<sup>109</sup> “[...] The estimate is based on a March 2015 poll by the Iraq-based Independent Institute for Administration and Civil Society Studies; a November 2014 poll by Zogby Research Services; another November 2014 poll by the Doha-based Arab Center for Research and Policy Studies and an October 2014

estimava que entre 27.000 e 31.000 *foreign fighters* provenientes de 86 países já haviam se juntado ao EI (THE SOUFAN GROUP, 2015).

### 3.5.2 A geografia do “Califado”

Geograficamente, o “Califado” estava organizado da seguinte maneira: uma “região central”, composta pelo Iraque e pela Síria, sendo 12 *wilayats* (províncias) no Iraque e 12 na Síria<sup>110</sup>, e ao menos 08 “*wilayats* internacionais”, que seriam formados principalmente pelos países adjacentes ao Iraque e a Síria e de países da África do Norte.

#### Quadro 05 – Estrutura geográfica do Estado Islâmico

Estrutura Geográfica do Estado Islâmico	
Região Central	Wilayats Internacionais <sup>111</sup>
Iraque Síria	Afeganistão e Paquistão Nigéria Líbia Argélia Egito Arábia Saudita Cáucaso Iêmen

Fonte: o autor com base em Jones (2017).

A estratégia do EI também previa o controle sob os rios que abastecem a região do Iraque e da Síria.

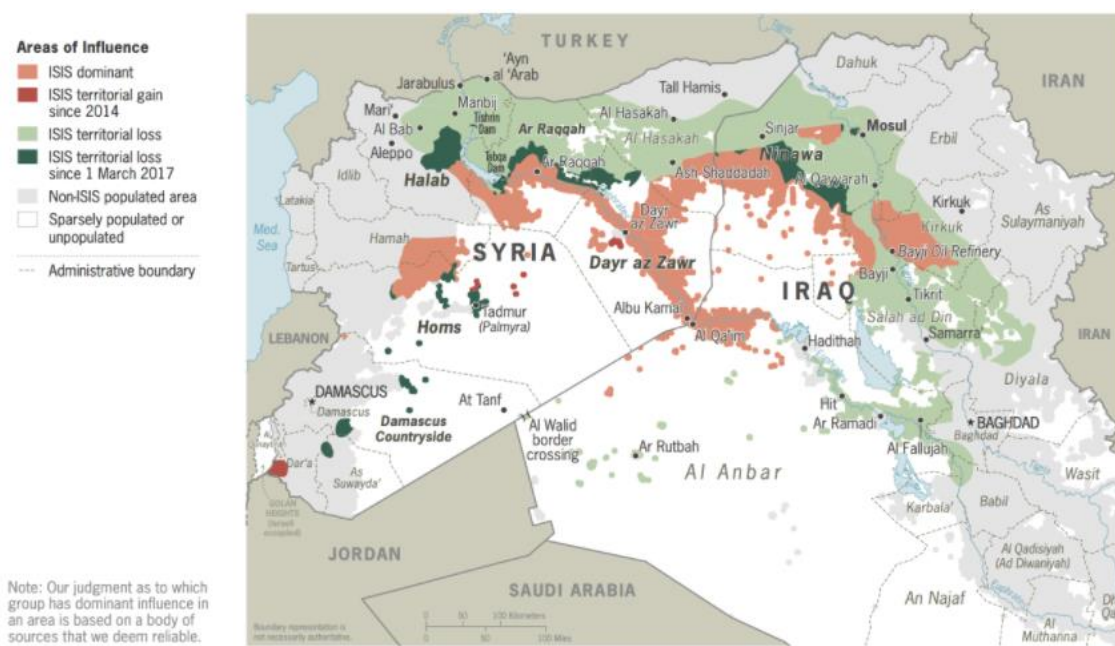
“[...] Since the group began expanding its territorial claims in western Syria, it has used water as a tool in its broader strategy of advancing and establishing control over new land. True, the Islamic State has also (and perhaps more visibly) targeted strategic oil and natural gas fields in both Syria and Iraq, but a close look at the group's movements clearly indicates that the Tigris and Euphrates rivers hold a central role in its planning. Recognition of the Islamic State's intention to organize its new caliphate around the Tigris-Euphrates Basin may prove helpful in the long-term fight against the group [...]” (VISHWANATH, 2015).

poll by the Fikra Forum commissioned by the Washington Institute for Near East Policy[...]” (SVIRSKY, 2015).

<sup>110</sup> O EI também recebeu diversas declarações de aliança de outras organizações terroristas, como o Boko Haram. “[...] The Islamic State receives far more pledges of allegiance than it accepts, though it certainly claims credit for any attacks by supportive groups or individuals, such as one in Tunisia most recently (THE SOUFAN GROUP, 2015B)

<sup>111</sup> Wilayats são províncias

**Figura 4 – Posições estratégicas controladas pelo Estado Islâmico**



Fonte: Stratfor, 2017.

### 3.5.3 A economia do “Califado”

De acordo com a Rand Corporation (2016), a receita do Estado Islâmico aumentou de aproximadamente um milhão de dólares mensais em 2009, para quase três milhões de dólares diários em 2014. Só a venda de produtos agrícolas, com 50% de desconto, no mercado negro, teve capacidade de gerar um rendimento anual de 200 milhões de dólares à organização. O território conquistado pelo EI no Iraque e na Síria, ademais, era rico em recursos naturais, como o fosfato, cimento e enxofre. A venda destes produtos teve a capacidade de gerar quase 300 milhões de dólares entre 2014 e 2015 (SWANSON, 2016).<sup>112</sup>

As contribuições financeiras provenientes de doadores externos constituíram outra importante fonte de renda do EI. Algumas estimativas indicam que essa organização terrorista recebeu cerca de 40 milhões de dólares em contribuições provenientes de países como a Arábia Saudita, o Qatar, o Kuwait e os Emirados Árabes Unidos. A venda de artefatos pilhados em museus sírios, ademais, gerou, ao menos, 36 milhões de dólares.

<sup>112</sup> Conforme o relatório *The financing of the ‘Islamic State’ in Syria and Iraq* (2017), do *European Parliament's Committee on Foreign Affairs*, “according to the Centre for the Analysis of Terrorism, the theoretical value of assets controlled by IS (such as oil reserves, gas reserves, minerals and monetary assets) was put at more than USD 2 billion by late 2015, 11 % more than by the end of 2014”.

(SWANSON, 2016). Com efeito, de acordo com o relatório do *The Financial Action Task* (2015), organização intergovernamental fundada em 1987, por iniciativa do G7,

“ [...] ISIL earns revenue primarily from five sources, listed in order of magnitude: (1) illicit proceeds from occupation of territory, such as bank looting, extortion, control of oil fields and refineries, and robbery of economic assets and illicit taxation of goods and cash that transit territory where ISIL operates; (2) kidnapping for ransom; (3) donations including by or through non-profit organisations; (4) material support such as support associated with Foreign Terrorist Fighters (FTFs) and (5) fundraising through modern communication networks. These revenue streams are inconsistent and shift based on the availability of economic resources and the progress of coalition military efforts against ISIL (FATF, 2015).

Em meados de 2014, quando o “Califado” foi declarado, o EI ganhava entre um e três milhões de dólares (USD) por dia só em venda de petróleo (MOUBAYED, 2015, pp. 144).

“[...] Christians and Jews are allowed to live and work in the caliphate in exchange for paying an annual tax, which in Iraq was recently set at a rate of four gold dinars for the wealthy, two dinars for middle-income, and one dinar for the poor [...] Unlike the Jews and Christians, there was no room for jizyah payment ... and [the Yazidis] can only be given an ultimatum to repent or face the sword” (MARCH; REVKIN, 2015).

O Estado Islâmico conseguiu gerar, portanto, um “PIB” expressivo<sup>113</sup>, fazendo do EI a organização terrorista mais rica da história (HEIBNER, NEUMANN, *et al.*, 2017). Esses recursos, ressalta-se, serviram para alimentar aparato militar, institucional e publicitário da organização entre 2014 e 2016.

### 3.6 O contra-ataque dos “cruzados”

Com “Califado” declarado e ganhando terreno rapidamente, a pressão internacional para a adoção de medidas incisivas (militares) contra o avanço do EI começou a fazer efeito (LISTER, 2016 p.280). Formou-se, assim, entre 2014 e 2015, duas grandes “coligações”, uma liderada pelos EUA e outro, pela Rússia, além de um grande número de operações militares “autônomas”<sup>114</sup> ou “semi-autônomas”.

---

<sup>113</sup> In the years since 2014, Islamic State’s annual revenue has declined significantly: from up to \$1.9b in 2014 to a maximum of \$870m in 2016. Although there are signs that the group is increasingly reverting to illicit trade and extortion, it has failed to create new funding streams that would make up for recent losses (HEIBNER, NEUMANN, *et al.*, 2017).

<sup>114</sup> Como a Operação “*Euphrates Shield*”, desencadeada pela Turquia, que não contou com a aprovação nem dos EUA nem da Rússia.

### 3.6.1 O bloco americano

Em outubro de 2014, iniciou-se a operação *Inherent Resolve*<sup>115</sup>, liderada pelos Estados Unidos, com o propósito destruir os vetores operacionais do Estado Islâmico, suas fontes de renda, seu aparato logístico e sua capacidade de comando e controle.

“[...] The Coalition mission is to defeat ISIS as a military force on the battlefield in Iraq and Syria. We will disrupt their ability to command and control their fighters, remove their safe havens, interrupt their revenue streams that fund their operations, destroy their equipment, and kill their fighters. We will eliminate their effectiveness as an organized force on the battlefield (CJTF-OIR, 2017).

A campanha militar contou com a efetiva participação de mais 12 países, dentre os quais, o Reino Unido, o Canadá, a Dinamarca, os Países Baixos, a Arábia Saudita e a Jordânia. De acordo com o Departamento de Defesa dos EUA<sup>116</sup>, até o dia 17 de novembro de 2016, a coalizão já havia conduzido 16.291 ataques a posições controladas pelo EI, sendo 10.469 no Iraque e 5.822 na Síria. De acordo com Frances Flannery (2016), o Presidente Obama definiu a estratégia anti-Estado Islâmico em quatro pontos

“[...] President Obama outlined a four- prong strategy against ISIL/ISIS in September 2014 that includes: (1) a systematic campaign of airstrikes, (2) American support forces on the ground in a non- combat role to train Iraqi and Kurdish forces and to equip and train moderate Syrian rebel forces, (3) counter-terrorism efforts to prevent ISIL attacks, and (4) humanitarian assistance for the displaced (Obama September 10, 2014). Prongs 1–3 are short-term and medium-range options that aim to “degrade and destroy” the military capability of ISIL/ISIS, to eliminate terrorists [...]” (FLANNERY, 2016, p.244).

A coalizão foi formada por, ao menos, 68 países, no entanto, nem todos os coligados disponibilizaram tropas ou aeronaves para a campanha. O efetivo militar da coalizão é formado por 29 países e 3.800 homens (MILLS, 2017).

Outra característica das operações anti-EI, no contexto de uma “guerra híbrida”, é a utilização intensiva de grupos sub-nacionais e privados para a consecução dos objetivos militares

---

<sup>115</sup> Combined Joint Task Force - Operation Inherent Resolve (CJTF-OIR)

<sup>116</sup>Special Report: Inherent Resolve (DEPARTMENT OF DEFENSE, 2016) <[http://www.defense.gov/News/Special-Reports/0814\\_Inherent-Resolve](http://www.defense.gov/News/Special-Reports/0814_Inherent-Resolve)> Acesso em 20/11/2016.

Regardless of whether one agrees with the terminology and concedes that this is a “new” type of warfare, one thing is certain. Elements of combat that were previously considered disparate have now been pulled into a broader definition of warfare, under which it is recognized that a hacker, propagandist, or arms smuggler can be just as much a part of the war effort as a soldier. It has drastically changed how we view war, since states can now fight like non-state actors and vice-versa. ISIS, for example, can fight in ways similar to a state (as seen in the fall of Ramadi) and Russia can employ asymmetric tactics usually used by non-state actors [...] a major hallmark of hybrid warfare is the manner in which non-state actors with state patronage, like Russian-backed separatists or the Iran-backed Hezbollah, have begun to utilize military capabilities that were traditionally attributed only to States. Instead of relying solely on irregular tactics, as insurgent groups have done in the past, they have surprised their adversaries with conventional arsenals like ballistic missiles and artillery rockets as well (NIRUTHAN, 2016)

De forma geral, os EUA e a maior parte de seu “bloco” apoiam as forças curdas<sup>117</sup>, tanto na Síria quanto no Iraque, e rebeldes moderados da Síria. Destacam-se, dentro desses grupos, o Exército Livre da Síria, as Forças Democráticas Sírias, as Unidades de Proteção Popular (YPG) e os Peshmergas (curdos).

#### 4.6.2 O bloco russo

A entrada da Rússia<sup>118</sup> no conflito civil na Síria, ao final de 2015<sup>119</sup> mudou a composição das forças que combatiam na Síria e foi um “turning point” em favor do Regime de Assad (SOLOMON, 2016; FAWAZ, 2016).

“[...] The fact that Moscow has also deployed its marines from the 810<sup>th</sup> Independent Naval Infantry Brigade as well as state-of-the-art T-90 tanks, infrastructure development at the Istamo weapons storage complex near Al-Sanobar and advanced artillery suggest that Russia is planning a ground offensive. Some of the weaponry, however, has raised concerns amongst Western policy makers, since they do not seem appropriate for the fight against IS. Consider here the Russian deployment of surface-to-air missiles. IS has no air assets so why deploy this? The only planes in the air over Syria (besides the Russians and those of the decrepit Syrian air force now) are those of the US-led coalition. In other words, Moscow seems to be more concerned with keeping Assad in power than just the defeat of IS [...]” (SOLOMON, 2016 p.60).

Os sunitas são, como mencionado anteriormente, maioria na Síria. O apoio militar da Rússia ao processo de “reconquista” de Assad, apesar de ter, de fato, debilitado a estrutura do EI, pode ter agravado as tensões sectárias na Síria, uma vez que a maioria

---

<sup>117</sup> Peshmerga e YPG

<sup>118</sup> “[...] The alliance between Moscow and Damascus goes back to the 1960s, when pro-Soviet Arab nationalists took power [...]” (SOLOMON, 2016 p.59).

<sup>119</sup> “[...] On September 30, 2015, however, Moscow increased its aid to Assad following a request from Damascus for military assistance. 124 Twenty-eight combat aircraft, including 4 Sukhoi Su-30 fighters, 12 Su-25 aircraft, 12 Su-24 attacks fighters, and numerous attack helicopters soon found their way to Syria [...]” (idem).



sunita desse país passou a ser ver como alvo de uma poderosa coalização pró-xiita e a oposição moderada passou a se articular com organizações jihadistas (LISTER, 2016 p.369; SOLOMON, 2017, p.61)

“[...] Russia has also forged closer political, military, and intelligence cooperation with Tehran, the Shi’a regime in Baghdad, the Alawite regime in Damascus, and the Shi’a and Iranian militant Hezbollah Islamist movement—the so-called 4 + 1 bloc. Sunnis, viewing Russian involvement in Syria, then would logically conclude that Moscow’s intervention is on the side of the Shi’as. In the process, this might serve to drive them further in the arms of IS as explained earlier [...]” (SOLOMON, 2017, p.61).

Em março de 2017, tropas Sírias, com apoio aéreo da Rússia, reconquistaram Palmyra. Ao controlar essa região, as forças de Assad cortaram importantes vias suprimento que abasteciam a capital do “Califado”, al-Raqqa (THE ECONOMIST, 2017b). Em meados 2017, o EI já tinha sido reduzido a mais de 50%, em relação à quantidade de pessoas que viviam em seus territórios. Jones et al (2017) indicam que o EI:

“[...] controlled approximately 45,377 km<sup>2</sup> and roughly 2.5 million people by early 2017, according to RAND Corporation estimates compiled in this report. These numbers represented a 56-percent decline in population for Syria and an 83-percent decline in population for Iraq from fall 2014 levels [...]” (JONES ET AL, 2017).

À medida que o EI perdia sua infraestrutura, a população dos territórios controlados pela Organização passava a apoiar, com maior intensidade, as forças anti-EI. Dessa forma, no começo do 2015, o Estado Islâmico começou a perder rapidamente território, em decorrência dos ataques aéreos coligados, da ação de potências regionais, como o Irã e a Turquia, da contraofensiva das forças regulares da Sírias e do Iraque, e de um grande número de atores subnacionais, tais quais o *Hezbollah*, os *Peshimergas*<sup>120</sup> e o *Jabhat al-Nusra*<sup>121</sup> (JONES ET AL, 2017 p.11). A retomada de Mosul, por uma aliança ente curdos, sunitas e xiitas, em julho de 2017, tem grande peso simbólico para o EI, uma vez que foi nessa cidade que al-Baghdadi se proclamou “Califa”. Em outubro de 2017, o EI foi expulso de Raqqa, sua capital, pelas Forças Democráticas Síria, milícia apoiada pelos EUA.

### 3.7 Conclusões Parciais

---

<sup>120</sup> Combatentes curdos

<sup>121</sup> O braço da al-Qaeda na Síria.

A retirada das tropas norte-americanas do Iraque causou efeitos perversos naquele país. A retirada das forças militares estadunidenses do Iraque, iniciada em 2009 e finalizada em 2011, deixou o país “fraturado” politicamente, possibilitando a consolidação do regime sectarista de Nouri al-Maliki, primeiro-ministro do Iraque entre 2006-2014, e, conseqüentemente, permitindo a expansão do Estado Islâmico do Iraque (EII), organização terrorista que teve como base a al-Qaeda do Iraque (AQI). Essa “reconstrução” do EII se deu por meio três grandes fatores: (i) a intensificação de políticas sectárias perpetradas pelo Governo de al-Maliki, que terminaram por direcionar as tribos sunitas a uma aliança com as organizações extremistas de viés salafistas-jihadistas; (ii) o transbordamento, para o Iraque, das conseqüências sociais do conflito civil na Síria, os quais eram, por sua vez, decorrentes da Primavera Árabe; (iii) as “guerras frias” existentes na região, em especial a “guerra fria” entre o Irã, de maioria xiita, e a Arábia Saudita, principal líder do “mundo sunita”. Essas “guerras frias” intensificaram a rivalidade entre sunitas e xiitas no Iraque e na Síria.

Stansfield (2015 p.2011), citando os estudos de Barbara Walter<sup>122</sup> (1997), destaca a importância que tem um ator externo, como os Estados Unidos, na garantia de acordos de desarmamento e divisão de poderes políticos em um determinado país que passa por um conflito civil. Al-Maliki, contudo, desconsiderou o compromisso de dividir o poder entre as forças políticas do Iraque e engendrou uma campanha sectarista, com o propósito de eliminar a oposição, em particular, as comunidades sunitas.

O Estado Islâmico do Iraque (EII), ademais, empreendeu ousadas operações para libertar jihadistas das prisões iraquianas e para se apossar de armamento pesado, que pertenciam às mal-preparadas Forças de Segurança do Iraque (ISF). O EII então passou a ocupar grandes cidades do Iraque e se expandir para os países adjacentes, em especial a Síria, e controlar recursos que garantiam a incorporação de novos “recrutados” e grande autonomia financeira à organização. A organização terrorista se beneficiou de uma grande quantidade de armamentos pesados obtidos no Iraque e na Síria. Esses armamentos auxiliaram o EI não apenas no âmbito militar, mas tiveram também grande

---

<sup>122</sup> De acordo com Barbara F. Walter: “[...] I tested these competing hypotheses against every civil war between 1940 and 1990. Cases were selected based on the coding criteria proposed by J. David Singer and Melvin Small’s Correlates of War project. To be included in the set of all civil wars a conflict had to (1) generate at least one thousand battle deaths per year, (2) occur within a generally recognized boundary, (3) involve the national government as a principal agent, and (4) experience effective resistance from both the rebels and the government [...]. Cf. Walter, B. (1997). *The Critical Barrier to Civil War Settlement*. International Organization, 51(3), 335-364.

importância em sua estratégia de propaganda, ao difundir uma imagem de invencibilidade.

A Primavera Árabe, que teve início na Tunísia, ao final de 2010, foi responsável por mudanças em regimes autoritários na Tunísia, no Egito, no Iêmen e na Líbia, inspirando ainda grandes protestos em outros países do Oriente Médio e da África do Norte. Em 2011, manifestantes sírios desafiaram a ditadura de Bashar al-Assad, a qual reprimiu violentamente as manifestações da oposição, provocando o início de uma guerra civil na Síria.

Em muitos países que foram impactados pela Primavera Árabe, destacaram-se grupos radicais que se aproveitaram da deposição de determinados regimes autoritários para tentar chegar ao poder. O Estado Islâmico do Iraque (EII) se aproveitou do caos que conflito civil na Síria gerou e ganhou força e notoriedade. À medida que o governo Sírio se enfraquecia e as fronteiras entre o Iraque e a Síria tornavam-se mais porosas, o EII passou a ocupar os vácuos de poder criados no território sírio para se impor na região, aumentando rapidamente seu poder em relação às forças estatais e demais grupos sub-nacionais. O enfraquecimento do Regime de Assad catalisou, ademais, uma “guerra fria” entre o Irã de maioria xiita, e a Arábia Saudita, principal líder dos sunitas.

A existência dessa uma “guerra fria” entre o Irã e a Arábia Saudita também acabou por favorecer o fortalecimento do EI, uma vez que intensificou a rivalidade entre sunitas e xiitas, especialmente na Síria. O Irã, país de maioria xiita, passou a apoiar o regime de Maliki, primeiro-ministro do Iraque, após a retirada das tropas anglo-americanas do Iraque, ampliando o temor dos sunitas iraquianos em relação ao regime de Malaki. Na Síria, o Irã passou a dar suporte, inclusive militar, ao regime de Bashar al-Assad, direcionando muitos rebelados para a área de influência de grupos extremistas de viés salafista, uma vez que esses grupos defendiam uma perspectiva mais favorável aos sunitas e, em última instância, prometiam garantir a segurança das comunidades sunitas leais contra as forças de Assad e seus aliados. Forte o suficiente para romper definitivamente com a al-Qaeda Central (AQC), Abu Bakr al-Baghdadi, líder do EII, declarou, então, a criação do Estado Islâmico do Iraque e da Síria (EIIS) que, depois alguns meses, foi rebatizada apenas de Estado Islâmico (EI). Essa “guerra fria” existente entre a Arábia Saudita e o Irã, destaca-se, acabou sendo potencializada por uma segunda “guerra fria”, mas agora mais ampla, entre os EUA e a Rússia.

Durante o período de 2013-2016, o Estado Islâmico implementou nos territórios ocupados uma estrutura administrativa muito similar a de um Estado de fato, mas estruturado para seguir estritamente os preceitos religiosos adotados por ele. A economia do EI era estruturada em torno da venda de petróleo, de cobrança taxas e impostos, de doações e da venda de relíquias históricas. À medida que a organização foi perdendo terreno, sua economia passou a ser drasticamente impactada pela perda territorial. O processo de contenção do EI contou com um número expressivo de forças militares, incluindo, entre outros países, forças do EUA, da Rússia, do Reino Unido e da França.

#### **4. Resumo e conclusões**

Essa pesquisa procurou analisar o processo de formação, expansão e contenção da organização terrorista conhecida como “Estado Islâmico” desde a invasão militar liderada pelos norte-americanos ao Iraque, em 2003, até ano 2017, ano em que o EI começou a perder o controle das principais cidades sobre seu controle, incluindo capital sua capital, al-Raqa.

Em decorrência da magnitude de suas ações, a reação militar internacional provocada e o “proto-califado” que constituiu, o Estado Islâmico diferencia-se de outras organizações terroristas e justificou a atenção dessa pesquisa. O objetivo principal desse trabalho foi identificar os mecanismos causais que levaram à formação, à expansão e a contenção dessa organização terrorista. Argumentou-se que, dentre as diversas variáveis que influenciaram esses processos, destacam-se a política externa norte-americana para o Oriente Médio, em especial, para o Iraque, principalmente no que diz respeito à invasão militar desse país em 2003, ao processo de emponderamento xiita nos anos que seguiram à invasão, ao processo de *state-building* engendrado pelos norte-americanos no Iraque, entre 2003 e 2011 e à precoce retirada de suas tropas do Iraque, entre 2009 e 2011.

Utilizando-se o método de *process-tracing*, buscou-se identificar mecanismos e sequências causais, utilizando-se observações particulares, de contextos específicos, que possam explicar o surgimento, a expansão e o declínio do Estado Islâmico. A análise prosseguiu no tempo, acompanhando as diversas fases evolutivas do Estado Islâmico: (1) formação al-Qaeda do Iraque (AQI); (2) contenção da al-Qaeda do Iraque e sua reformulação como Estado Islâmico do Iraque (EII); reformulação do EII como Estado Islâmico do Iraque e da Síria (EIIS); (4) contenção do Estado Islâmico. Utilizou-se, para tal, dados secundários a partir da extensiva revisão da literatura pertinente, da análise de

documentos e discursos dos líderes do EI ao longo do seu processo de desenvolvimento, e de inúmeros índices e bancos de dados de organizações especializadas.

Recentemente, Oriente Médio tem passado por um processo de revitalização tanto das tensões sub-estatais (étnicas e religiosas) como de aumento das rivalidades indenitárias supra-estatais (pan-islamismo, sunismo, xiismo) (HINNEBUSCH, 2017 p.173; FAWAS, 2016 p.290). Procurou-se evidenciar que o Estado Islâmico, uma organização extremista de viés salafista-jihadista derivada da al-Qaeda, com notável retórica “anti-Occidente” e com perspectivas apocalípticas, que tem como objetivo instituir um califado transnacional<sup>123</sup> na região do Oriente Médio e da África do Norte, fundamentado na estrita aplicação da *Sharia* em seus territórios, assim como apagar as linhas fronteiriças idealizada pelos Britânicos e pelos Franceses por ocasião do Acordo Sykes-Picot (1916), derrotar apóstatas e infiéis e, derradeiramente, subverter radicalmente a ordem westfaliana.

É verdade que a politização da rivalidade entre sunitas e xiitas do Iraque se aprofundou após a Revolução Iraniana (1979), mas provavelmente foi o processo de empoderamento das comunidades xiitas iraquianas, engendrado, pelo governo dos EUA após a invasão militar de 2003 e a consequente dispensa das antigas “forças baathitas” que escalou essa rivalidade a níveis nunca antes alcançados. Essas forças, composta majoritariamente por militares do exército iraquiano e por ex-partidários do Partido Baath, em busca de segurança, passaram a apoiar, com notável eficiência, as principais forças de oposição ao processo de liberalização política arquitetado pelos EUA no Iraque, passando a compor, em muitos casos, até mesmo as organizações extremistas. Entre essas organizações citam-se al-Qaeda do Iraque, e, conseqüentemente, o Estado Islâmico do Iraque (EII), o Estado Islâmico do Iraque e da Síria (EIIS) e, finalmente, o Estado Islâmico (EI) (LEGRENZI; CALCULLI, 2017 p.226; JONES et AL, 2017).

Oportunamente, aproveitando-se da Guerra Civil na Síria, uma das conseqüências imediatas da Primavera Árabe nesse país, membros da AQI/EII passaram a expandir sua área de influência para a Síria, aumentando rapidamente sua capacidade de recrutamento, de combate e de financiamento. O despreparo das forças de segurança iraquianas e sírias permitiu que essa organização terrorista, o Estado Islâmico do Iraque e da Síria (EIIS),

---

<sup>123</sup> Bernard Lewis ressalta, ademais, que a unidade básica da organização humana, no mundo ocidental, é a nação – um conceito que, no uso norte-americano, mas não no europeu, é virtualmente sinônimo de país. Os muçulmanos, entretanto, tendem a ver seus países não uma nação subdividida em grupos religiosos, mas sim uma religião subdividida em nações. (LEWIS, 2003 pp.14-27).

conseguisse obter uma quantidade expressiva de armamentos e munição, permitindo, assim, que o EIIS se expandisse rapidamente pelo Oriente Médio. Com o efetivo controle de vasta e rica região no Iraque e na Síria, o EIIS lançou seu próprio processo de “*state-building*”, criando um novo “califado” e passando a se autodenominar, então, “Estado Islâmico”.

Dentre os principais fatores que se destacam para a formação e expansão do Estado Islâmico pela região do Iraque e da Síria, citam-se as consequências da invasão do Iraque pelos Estados Unidos e seus aliados, em 2003, o acirramento de tendências sectárias no Iraque e na Síria, as quais foram ainda potencializadas pela “guerra fria” entre o Irã, líder do “mundo xiita” e a Arábia Saudita, líder do mundo sunita; a internalização “Jihad Global” no Iraque, a Primavera Árabe e a conseguinte reação autoritária dos ditadores no poder a esse processo, especialmente na Síria; e a retirada precoce das tropas americanas no Iraque, deixando esse país fraturado politicamente, inseguro e instável.

“O Califado”, liderado por extremista Abu Bakr al-Baghdadi, que se proclamou califa, logo passou a ter elevada autonomia financeira, grande capacidade de se defender militarmente e notável complexidade institucional, que muito se assemelhava a um Estado de fato. Mais do que isso, o Estado Islâmico conseguiu atrair um número expressivo combatentes e profissionais qualificados de todas as regiões do mundo, pessoas que viam essa organização extremista muito mais como o precursor de uma utopia islamista do que uma distopia terrorista.

Os resultados dessa pesquisa evidenciaram a forte relação entre a política externa dos EUA para o Oriente Médio e o fenômeno do surgimento, da expansão e da contenção do EI. Entre as consequências da invasão americana, citam-se: a dissolução das forças de segurança iraquianas, com muitos dos militares dispensados passando a engrossar as fileiras da insurgência, e a integrar organizações terroristas; *Foreign Fighters* provenientes das mais diversas regiões do mundo passaram a afluir para o Iraque para combater as tropas da coalização liderada pelos Estados Unidos; o escândalo de Abu Ghraib acelerou esse processo. A retirada precoce das tropas americanas, deixando vastos territórios sem a presença do Estado, abriu caminho para o EI, em seu formato final, com a fundação do seu Califado. Além disso, três outros fatores contribuíram para o crescimento do EI: (i) a intensificação de medidas de viés sectárias perpetradas pelo Governo de al-Maliki, que induziu os grupos sunitas a uma aliança com as organizações salafistas-jihadistas; (ii) o transbordamento das consequências do conflito civil na Síria,

decorrente, em grande medida, da Primavera Árabe para o Iraque; (iii) as “guerras frias” existentes na região, em especial a “guerra fria” entre o Irã, de maioria xiita, e a Arábia Saudita, principal líder do “mundo sunita”.

O Estado Islâmico, entretanto, passou a perder terreno rapidamente, à medida em que que coligações lideradas pelos EUA e pela Rússia intensificaram os bombardeios às áreas ocupadas pela organização terrorista e o passaram a apoiar o avanço das forças militares iraquianas e sírias, bem como de um grande número de atores sub-estatais, com destaque ao Hezbollah e aos peshimerga. A perda territorial não significa, no entanto, que o Estado Islâmico tenha sido efetivamente derrotado. Na verdade, é de se esperar que, nos próximos anos, o número de ações terroristas perpetradas pelo Estado Islâmico aumente no Iraque, na Síria e nos territórios dos países que fizeram parte de alguma coligação anti-Estado Islâmico.

A reconstrução dos territórios que estavam sob o controle do EI é um fator determinante na estratégia para evitar que organizações terroristas voltem a se reorganizar nas regiões do Iraque e da Síria. Estima-se que, só na cidade de Mosul, cerca de 900 mil pessoas tenham sido deslocadas de suas residências entre os anos de 2014 e 2017 e mais de 700 mil ainda continuam desabrigadas (WATLING, 2017; THE ECONOMIST, 2017). Assim, apesar de conter o EI âmbito militar e financeiro, as forças anti-EI não garantem uma solução política duradoura para oferecer às populações do Iraque e da Síria. De fato, Bashar al-Assad saiu vitorioso na Síria, ao menos no curto prazo, e a sociedade iraquiana perigosamente fragmentada e descrentes das instituições democráticas que os EUA tentaram impor ao país em 2003.

Outra consequência do surgimento do EI foi a “reconstrução” da imagem de outras organizações consideradas terroristas, como, por exemplo, a o Hezbollah, que tem sido um ator destacado na luta anti-EI ou, até mesmo, da al-Qaeda Central (CLARKE, 2017), considerada mais moderada do que o EI, em especial sob o ponto-de-vista das comunidades xiitas.

O retorno dos ex-combatentes do EI para seus países de origem, muitos deles da Europa, é mais um aspecto que tem causado grande preocupação entre as autoridades ocidentais e russas, uma vez que ainda não é possível afirmar que esses combatentes tenham sido “desradicalizados” ou que tenham se “desencantado”, efetivamente, com a utopia proposta pelo EI. Esses jihadistas podem passar a se constituir, em última instância, como uma “ponta-de-lança” de organizações terroristas no Ocidente e na Rússia. No caso

dos jihadistas que viviam em países árabes da região, pode-se se esperar também que, além de formarem novas células terroristas, muitos migrem para partidos políticos radicais ou movimentos islamistas revolucionários que tenham por objetivo reinstaurar, de outras formas brandas, o projeto de “califado” idealizado pelo Estado Islâmico.



## ANEXO – I

### Nomenclaturas do Estado Islâmico, organizações precedoras e líderes (2002 – 2017)

ANO	NOME	FASE	LÍDER
2002	<i>Jama'at al-Tawhid wa'al-Jihad</i> (JTJ)	Formação da AQI/EII	Abu Musab al-Zarqawi
2003			
2004	Al-Qaeda do Iraque (AQI)		
2005			
2006	Estado Islâmico do Iraque (EII)	Contenção da AQI/EII	Abu Omar al-Baghdadi
2007			
2008			
2009		Formação do EIIS/EI	
2010			
2011			
2012	Estado Islâmico do Iraque e da Síria (EIIS)	Retração do EIIS/EI	Abū Bakr al-Baghdadi
2013			
2014			
2015	Estado Islâmico (EI)		

## ANEXO – II

### Fontes de Dados

NOME	AUTODEFINIÇÃO
Iraq Study Group	The Baker-Hamilton Commission (aka Iraq Study Group) < <a href="https://rebecca.cfr.org/background/baker-hamilton-commission-aka-iraq-study-group">https://rebecca.cfr.org/background/baker-hamilton-commission-aka-iraq-study-group</a> > Acesso 15/08/2017.
The Empirical Studies of Conflict Project (ESOC)	The Empirical Studies of Conflict Project (ESOC) identifies, compiles, and analyzes micro-level conflict data and information on insurgency, civil war, and other sources of politically motivated violence worldwide. ESOC empowers the nation’s best minds with the quality of data and information needed to address some of the most enduring and pressing challenges to international security. Ultimately, ESOC is committed to providing war fighters and policy makers with greater expert analyses and recommendations for responding to security threats” (ESOC, 2017) < <a href="https://esoc.princeton.edu/about-us">https://esoc.princeton.edu/about-us</a> > Acesso em 15/05/2017.
The Global Terrorism Database (GTD)	The Global Terrorism Database (GTD) is an open-source database including information on terrorist events around the world from 1970 through 2015 (with additional annual updates planned for the future). Unlike many other event databases, the GTD includes systematic data on domestic as well as transnational and international terrorist incidents that have occurred during this time period and now includes more than 150,000 cases. For each GTD incident, information is available on the date and location of the incident, the weapons used and nature of the target, the number of casualties, and--when identifiable--the group or individual responsible < <a href="https://www.start.umd.edu/gtd/about/">https://www.start.umd.edu/gtd/about/</a> >.
The RAND databas	The RAND database covers the time from 1968 through 2009 < <a href="http://www.rand.org/nsrd/projects/terrorism-incidents.html">http://www.rand.org/nsrd/projects/terrorism-incidents.html</a> >.
The Chicago Project on Security and Terrorism (CPOST)	The Chicago Project on Security and Terrorism (CPOST) maintains a searchable database on all suicide attacks from 1982 through December 2015. The database includes information about the location of attacks, the target type, the weapon used, and systematic information on the demographic and general biographical characteristics of suicide attackers < <a href="http://cpostdata.uchicago.edu/search_new.php">http://cpostdata.uchicago.edu/search_new.php</a> >.
The University of Uppsala Conflict Data Program (UCDP)	The University of Uppsala Conflict Data Program (UCDP) features 14 datasets that focus on armed conflict; conflict termination; non-state conflict; one-sided conflict; battle-related deaths; managing intra-state conflict and/or low-intensity conflict, and more < <a href="http://ucdp.uu.se/downloads/">http://ucdp.uu.se/downloads/</a> >.

Center for  
International Security  
and Cooperation,  
Stanford University

Mapping Terrorist Organizations, Center for International  
Security and Cooperation, Stanford University, (September  
2010) <  
[https://cisac.fsi.stanford.edu/sites/default/files/res/mapping\\_terrorist\\_organizations.pdf](https://cisac.fsi.stanford.edu/sites/default/files/res/mapping_terrorist_organizations.pdf)> Accesso 18/05/2017.



## ANEXO – III

### Definições de Terrorismo

REFERÊNCIA	DEFINIÇÃO
Lei nº 13.260/2016 (Lei Antiterrorismo do Brasil)	“O terrorismo consiste na prática por um ou mais indivíduos dos atos previstos neste artigo, por razões de xenofobia, discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia e religião, quando cometidos com a finalidade de provocar terror social ou generalizado, expondo a perigo pessoa, patrimônio, a paz pública ou a incolumidade pública”.
Glossário das Forças Armadas (MD35-G-01)	“Forma de ação que consiste no emprego da violência física ou psicológica, de forma premeditada, por indivíduos ou grupos, apoiados ou não por Estados, com o intuito de coagir um governo, uma autoridade, um indivíduo, um grupo ou mesmo toda a população a adotar determinado comportamento. É motivado e organizado por razões políticas, ideológicas, econômicas, ambientais, religiosas ou psicossociais”.
UN Security Council Resolution 1566 (2004)	“Criminal acts, including against civilians, committed with the intent to cause death or serious bodily injury, or taking of hostages, with the purpose to provoke a state of terror in the general public or in a group of persons or particular persons, intimidate a population or compel a government or an international organization to do or to abstain from doing any act”.
EU Framework Decision on Combating Terrorism (2002)	“Given their nature or context, may seriously damage a country or an international organization where committed with the aim of: seriously intimidating a population; or unduly compelling a Government or international organization to perform or abstain from performing any act; or seriously destabilizing or destroying the fundamental political, constitutional, economic or social structures of a country or an international organization”.
U.S. Department of Defense Definition of Terrorism (Dictionary of Military Terms)	“The calculated use of unlawful violence or threat of unlawful violence to inculcate fear; intended to coerce or to intimidate governments or societies in the pursuit of goals that are generally political, religious, or ideological”.
Uniting and Strengthening America by Providing Appropriate Tools Required to Intercept and Obstruct Terrorism Act of 2001 ( <i>USA PATRIOT Act</i> )	“Activities that (A) involve acts dangerous to human life that are a violation of the criminal laws of the U.S. or of any state, that (B) appear to be intended (i) to intimidate or coerce a civilian population, (ii) to influence the policy of a government by intimidation or coercion, or (iii) to affect the conduct of a government by mass destruction, assassination, or kidnapping, and (C) occur primarily within the territorial jurisdiction of the U.S.”
Arab Convention for the Suppression of Terrorism	“Any act or threat of violence, whatever its motives or purposes, that occurs in the advancement of an individual or collective criminal agenda and seeking to sow panic among people, causing fear by harming them, or placing their lives, liberty or security in danger, or seeking to cause damage to the environment or to

	public or private installations or property or to occupying or seizing them, or seeking to jeopardize a national resources.”
--	--



## ANEXO – IV

### Ex-membros das forças armadas iraquianas que ocuparam posições importantes no Estado Islâmico (AQI/EII/EI)

<b>FUNÇÃO NO ESTADO ISLÂMICO</b>	
Fadel Ahmad Abdullah al-Hyali (Abu Muslim al-Turkmani)	Emir (Iraque)
Abu Ali al-Anbari	Emir (Síria)
Adnan Isma‘il Najm (Abu Abdulrahman al-Bilawi)	Conselho Militar
Muwafak Mustapha al-Karmoush (Abu Salah)	Ministro
Abdul Wahab Khatmayar (Abu Ali)	Ministro
Bisher Isma‘il al-Hamadani (aka Abu Mohammad)	Ministro
Abdullah Ahmad al-Mashadani (Abu Qassem)	Ministro
Shawkat Hazem al-Farhat (aka Abu Abdul Kadir)	Ministro
Adnan Latif Hamid al-Suweidani (Abu Abdulsalam)	Governador
Nimer Abdul Latif al-Jabouri (Abu Fatima)	Governador
<b>POSTO NAS FORÇAS ARMADAS IRAQUIANAS</b>	
Assem Mohammed Nasser	Oficial General
Azhar al-Obeidi	Oficial General
Ahmed Abdul Rashid	Oficial General
Samir Abd Muhammad al-Khlifawi (Haji Bakr)	Oficial Superior
Abu Ayman al-Iraqi	Oficial Superior
Saud Mohsen Hassan	Oficial Superior
Taha Taher al-Ani.	Oficial Intermediário
Walid Jassem al-Alwani	Oficial Intermediário
<b>EXPERIÊNCIA</b>	
Abdul Karim Muta‘a Kheirallah	Inteligência
Mohammad al-Jabbouri	Inteligência
Ayad Hamid al-Jumaili	Inteligência
Abdullah al-Brawy	Inteligência
Far‘e Rafa‘a Nu‘emi (Abu Shayma)	Logística
Khayri Mahmud al-Tai (Abu Kifah)	Explosivos



## ANEXO – V

### Principias grupos que operaram se formaram no Iraque entre 2003 e 2007.

ORGANIZAÇÃO	ANO DE FUNDAÇÃO
1920s Revolution Brigades	2003
Islamic Army in Iraq	2003
Al-Faruk Brigades	2003
Jaish al-Ta'ifa al-Mansura	2003
Jama'at Ansar al-Sunnah	2003
Mahdi Army	2003
Mujahideen Army	2004
Jihad Martyr's Companies in Iraq	2004
Islamic Movement of Holy Warriors	2004
Saraya Usud al-Tawhid	2004
Kata'ib al-Karbala	2004
Khalid ibn Walid Brigade (Iraq)	2004
Islamic Jihad Brigades of Muhammad's Army	2004
Ansar al Jihad	2004
Ansar al Din	2004
Ansar Ahl al-Sunnah wal Jamaa	2004
Saraya al-Shuhuada al-jihadiyah fi al-Iraq	2004
Brigades for the Defense of Holy Shrines	2004
Mutassim Bellah Brigade	2004
Abu Bakr Al Siddiq as Salafi Army	2004
al Ahwal Brigades	2004
Islamic al Waqqas Brigade	2004
Death Squad of Mujahideen of Iraq	2004
Kata'ib al-Ghadab al-Ilahi	2004
Jihad Pegah	2005
Junaid Jihadist Battalion	2005
Swords of Righteousness Brigade	2005
Salah al Din al Ayyubi Brigades	2005
Jasyh Taifa al Mansura	2005
al Fursan Brigades	2005
Al-Isawi Martyr Brigade	2005
Ali Bin Abu Talib Brigades	2005

Brigade of Monitoring for Iraq	2005
Brigades of Imam al-Hassan al-Basri	2005
al Imam Ali Brigades	2006
Brigade of Ansar al-Tawhid Wa-Sunna	2006
Jund al-Sahabah Group	2006
Asa'ib Ahl al-Haq	2006
Jaysh Rijal al-Tariqa al-Naqshbandia (JRTN)	2006
Hamza Brigade	2006
Al Qaeda Kurdish Battalions	2007
Ansar al-Sunna Shariah	2007
Hamas Iraq	2007
Kata'ib Hezbollah	2007
Just Punishment Brigades	2007
Ansar al-Mahdi	2008
Iraq's Jihadist Leagues	2008

FONTE: MAPPING MILITANT ORGANIZATIONS, 2017; TRAC,<sup>124</sup> 2017

---

<sup>124</sup> Cf. TRAC <https://www.trackingterrorism.org/groups> . Além dessas organizações, ainda pode-se mencionar a Hamza Brigade (Shapiro, 2012), a Ali Bin Abu Talib Jihad Organization, o Ansar Ahl al-Sunnah wal Jamaa, o Ansar al Din, o Ansar al Jihad, a Brigade of Ansar al-Tawhid Wa-Sunna, a Brigades for the Defense of Holy Shrines e a Brigades of Imam al-Hassan al-Basri

**ANEXO - VI**

**Grupos armados que se formaram no Síria após 2011**

NOME	DATA DE FUNDAÇÃO
Hayy'at Tahrir al-Sham	2017
Katiba Ibaad al-Rahmaan	2016
Jaysh al-Fateh	2015
The Southern Front	2014
Al-Kafn Al-Abyad	2014
Dawn of Freedom Brigades (Tajammu' Alwiya Fajr al-Hurriya)	2014
Ansar al-Deen Front	2014
Expedition in Revenge of Our People in Baniyas	2013
Katibat Moussaab bin Omeir	2013
Liwa Thuwar Raqqa	2013
Jabhat al-Islamiyya	2013
Jaysh al-Islam	2013
Jund al-Aqsa	2013
Kata'ib Sayyid al-Shuhada	2013
Ajnad-Sham Islamic Union	2013
al-Katiba al-Khadra	2013
Liwa'a 'Ammar Ibn Yasir	2013
Jund al-Sham	2013
Ansar al-Sham	2012
Badr Organization of Reconstruction and Development	2012
Idlib Tawhid Brigade	2012
Diraa al-Shahbaa Rebel Brigade	2012

Direh al-Aasmeh	2012
Jund al-Aqsa	2012
Liwa al-Haqq	2012
Liwa al-Tawhid*	2012
Ahfad al-Rasul Brigade	2012
Jabhat al-Islamiyya as-Suriya	2012
Brigade of Islam	2011
al Ansar Brigades	2012
al Fajr Islamic Movement	2012
Liwa al Islam*	2011
Ahrar al-Sham	2011
Hay'at Tahrir al-Sham ( <i>antigo Jabhat al-Nusra</i> )	2011
Martyrs of Syria Brigade	2011
Suqour al-Sham	2011
Kata'ib Hezbollah	2007
Asa'ib Ahl al-Haq	2006

Fonte: Elaboração própria baseada em informações do *Mapping Militants Project* e do TRAC.

## ANEXO - VII

### Principais Armamentos utilizados pelo Estado Islâmico

<b>Equipamentos</b>
Carros de Combate
M1A1 Abrams
T-55
T-62
T-72
Leopard 2A4
Viaturas Blindadas de Transporte
M1114 HUMVEE
BMP-1
M113
BRDM-2/BRDM-2s
MRAP Badger (Cougar)
MT-LB
M1117 Guardian
Dzik-3
M113
Viaturas Leves
TOYOTA HILUX
Veículos de Engenharia
Caterpillar D7R
Viaturas Blindadas de Combate Antiaéreas
ZSU-23-4s
MANPADS
9K310 Igla-1/-1M
9K38 Igla/-S
9K32 Strela-2/-2M/-3
FIM92-Stinger
FN-6
Obuseiros Autopropulsados
2S1 Gvozdika 122 mm

Obuses
M198 155mm
Metralhadoras
Browning M2HB
M249 (FN Herstal Minimi)
M240 (FN Herstal MAG)
Type 80
Sistemas Anti-Carro (ATGW)
M79 Osa 90mm
RPG-22
HAR-66
FGM-148 (Javelin)
9K135 (Kornet)
MILAN
Agentes Quimicos
Mostarda

Fonte: o autor, com base em CONFLICT ARMAMENT RESEARCH, 2014; AMNESTY INTERNATIONAL, 2015; OPALL-ROME, 2015; SENGUPTA, 2014; NAYLOR, 2015; WILSON ET AL, 2016.

## ANEXO - VIII

### Artigos do “Wathīq at al-Madīnah” (a “Constituição do Estado Islâmico)

<b>WATHIĀ AT AL-MADIĀAH (DOCUMENTO DA CIDADE)</b>	
<b>ARTIGO</b>	<b>TEXTO</b>
1º	“We [the Islamic State] bear responsibility for restoring the glories of the caliphate and obtaining retribution for the oppression and injustice suffered by [...] our Muslim brothers”.
2º	“We do not make accusations without evidence and proof [...] We show mercy to a Muslim, unless he has apostasized or given aid to criminals”.
3º	“The people in the shadow of our rule are secure and safe [...] Islamic governance guarantees to the ri’aya <sup>125</sup> their rights. The wronged will be given justice against a violator of his right”.
4º	“We order that the funds that were under the control of the apostate government (public funds) must be returned to the public treasury under the authority of the caliph of the Muslims who bears responsibility for spending these funds in the maslaha [interest] of the Muslims. No one is permitted to reach out his hand to loot or steal [...] or else be brought before the sharia judiciary [...]. Whoever steals private property in the form of money, furniture and [other] goods from a private place without doubt will have his hand cut o, and anyone who collaborates with armed gangs who engage in brigandage will be subject to [...] deterrent punishments”.
5º	“Tracking and dealing alcohol or drugs, or smoking, or other taboos, are prohibited”.
6º	“Mosques are the houses of God [...] We urge all Muslims to build them and pray”.
7º	“Beware of employment with the apostate government and the tawaghit [...] He who repents of sin is not guilty of sin. To the apostates of the army and police and the rest of the unbelieving apparatus we say that the door of repentance is open to any- one who wants it, and we have designated speci c places to receive those wishing to repent subject to conditions [...] For those who insist on remaining apostate, there is no alternative but death”.
8º	“Councils and associations and banners [bearing the names of other groups] are unacceptable.”.
9º	“God commands that you join the society [the Islamic State] and renounce factions and strife [...] Division is one of the traps of the devil”.
10º	“Our opinion regarding [...] polytheistic and pagan shrines is that of the Prophet [who prohibited them”.
11º	“To the virtuous and dignified women: Dress decently and in loose tunics and robes [...] Do not leave the house except out of necessity”

<sup>125</sup> “an-Nā” e “ri’aya” são alguns dos termos que o EI utiliza para designar seus cidadãos.

12º	“[...] [God commands that we] establish Islamic governance and [...] release the people from the shackles of rotten positive laws”.
13º	“We listen to the council of the small and the great and the free and the slave, and there is no difference among us between red and black, and we judge ourselves before others [...]”.

Fonte: Elaboração própria com base Revkin, 2016.



## BIBLIOGRAFIA

- Conflict Armament Research. (2014). *Islamic State Weapons in Kobane: Analysis of weapons and ammunition captured from Islamic State forces in Iraq and Syria*. London: iTrace.
- Financial Action Task Force. (2015). *Financing of the Terrorist Organisations on Islamic State in Iraq and the Levant - ISIL*.
- Airforce Technology . (27 de Jan de 2017). *Russian Tu-22M3 long-range bombers launch air strike against ISIS in Syria*. Acesso em 23 de Fev de 2017, disponível em <http://www.airforce-technology.com/news/newsrussian-aerospace-forces-launches-air-strike-against-isis-in-syria-5724272>
- Al Jazeera . (29 de Mar de 2017). *Turkey ends 'Euphrates Shield' operation in Syria* 29 MARCH 201. Acesso em 29 de Mar de 2017, disponível em <http://www.aljazeera.com/news/2017/03/turkey-ends-euphrates-shield-operation-syria-170329211428970.html>
- Alex P. Schmid. (2011). *The Routledge handbook of terrorism research*. Routledge.
- al-Jaffal, O. (16 de Dec de 2016). *Can Iraq's parliament regulate the country's tribes?* Fonte: Al-Monitor: <http://www.al-monitor.com/pulse/originals/2016/12/council-tribes-clans-iraq-parliament.html>
- Al-Monitor. (15 de Nov de 2016). *Russian aircraft carrier jets conduct first Syria strikes: military*. Acesso em 07 de Dez de 2016, disponível em <http://www.al-monitor.com/pulse/afp/2016/11/syria-conflict-russia-navy.html>
- Amnesty International. (2015). *TAKING STOCK: The arming of islamic state*.
- Amorim, C. (2016). Prefácio. Em A. C. FERREIRA, *Religião e Relações Internacionais - Dos Debates Teóricos ao Papel do Cristianismo e do Islã*. Juruá Editora.
- Amos, D. (2010). *Eclipse of the Sunnis: Power, Exile, and Upheaval in the Middle East* (Kindle Edition ed.). PublicAffairs.
- Anderson, L., & Stansfield, G. (2004). *THE FUTURE OF IRAQ*. New York, NY, USA: Palgrave Macmillan.
- Anna Carletti; Marcos Alan S. V. Ferreira. (2016). *Religião e Relações Internacionais: dos debates teóricos ao papel do cristianismo e do Islã*. Curitiba, PR, Brasil: Editora Juruá .
- Armstrong, K. (2016). *Campos de Sangue: Religião e a História da Violência*. (R. Galindo, Trad.) São Paulo, SP, Brasil: Companhia das Letras.
- Bandeira, L. A. (2016). *A desordem mundial: o espectro da total dominação: guerras or procuração, terror, caos e catástrofes humanitárias*. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Civilização Brasileira.
- Baram, A. (8 de Jul de 2003). *The Iraqi Tribes and the Post-Saddam System*. (S. C. Institution, Produtor) Fonte: The Brookings Institution: <https://www.brookings.edu/research/the-iraqi-tribes-and-the-post-saddam-system/>
- Barry Buzan, A. G.-P. (2009). *International Society and the Middle East: English School Theory at the Regional Level (Palgrave Studies in International Relations)*. UK: Palgrave Macmillan.
- Benraad, M. (2011). *Iraq's Tribal "Sahwa": Its Rise and Fall*. Fonte: Middle East Policy Council: <http://www.mepc.org/journal/iraqs-tribal-sahwa-its-rise-and-fall>
- Bjørge, T. (2005). *Root causes of terrorism: myths, reality, and ways*. Oxon: Routledge.
- Bowker, D. W., Goodall, L., & Haciski, R. A. (14 de Jul de 2016). Confronting ISIS's War on Cultural Property. *The American Society of International Law*, 20(12). Acesso em 05 de Mai de 2017

- Brahim Al-Marashi, & Salama, S. (2008). *Iraq's Armed Forces: An Analytical History*. New York, USA: Routledge.
- Breehner, L. (12 de Nov de 2015). How Proxy Wars Work And What That Means for Ending the Conflict in Syria. *Foreign Affairs*.
- Brito, B. d. (2016). *Iraque: dos primórdios à procura de um destino* (2.ed. ed.). Florianópolis, SC, Brasil: Editora UFSC.
- Brynjar, L., & Katja, S. (2004). *CAUSES OF TERRORISM: An Expanded and Updated Review of the Literature*. Norwegian Defence Research Establishment (FFI/RAPPORT-2004/04307).
- Burke, A. A. (3 de Fev de 2014). *Saudi Arabia, Iran, and the "Clash within a Civilization*. Fonte: Center for Strategic and International Studies.
- Bush, G. H. (16 de Sept de 2001). *Remarks by the President Upon Arrival* . (T. W. Archives, Produtor) Acesso em 15 de Fev de 2017, disponível em The White House President George W. Bush: <https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2001/09/20010916-2.html>
- Buzan, B., & Hansen, L. (2012). *A evolução dos Estudos de Segurança Internacional*. (F. Lira, Trad.) São Paulo, SP, Brasil: Editora Unesp.
- Buzan, B., Weaver, O., & Wilde, J. (1998). *Security: a new framework for analysis*. Boulder: Lynne Rienner.
- Calvocoressi, P. (2011). *Política Mundial a partir de 1945* (9 ed. ed.). Porto Alegre, RG, Brasil: Editora Penso.
- Casanova, J. (1994). *Public religions in the world*. Chicago: Chicago University Press.
- Castro, T. (2012). *Teoria das relações internacionais*. Brasília, DF, Brasil: Funag.
- Cato Institute. (2015). *The Human Freedom Index: A Global Measurement of Personal, Civil, and Economic Freedom*.
- Cenciotti, D. (2016 de Jun de 2016). *The most up-to-date F-22 Raptor jets are currently fighting Daesh*. Acesso em 2016 de Ago de 26, disponível em The Aviationist: <https://theaviationist.com/2016/07/05/the-most-up-to-date-f-22-raptor-jets-are-currently-fighting-daesh/>
- CJTF–OIR. (2017). *Combined Joint Task Force - Operation Inherent Resolve*. (C. J. Force, Produtor) Acesso em 07 de 11 de 2017, disponível em Combined Joint Task Force Operation Inherent Resolve Fact Sheet : <http://www.inherentresolve.mil/Portals/14/Documents/Mission/20170717-%20Updated%20Mission%20Statement%20Fact%20Sheet.pdf?ver=2017-07-17-093803-770>
- Cordesman, A. H. (14 de Sept de 2015). *War and the Iraqi Economy: A Case Study*. Acesso em 23 de 02 de 2017, disponível em The Center for Strategic and International Studies (CSIS): <https://www.csis.org/analysis/trends-iraqi-violence-casualties-and-impact-war-2003-2015>
- Council on Foreign Relations. (Fev de 2016). *The Sunni-Shia Divide*. Acesso em 25 de 02 de 2017, disponível em [http://www.cfr.org/peace-conflict-and-human-rights/sunni-shia-divide/p33176#!/?cid=otr-marketing\\_url-sunni\\_shia\\_infoguide](http://www.cfr.org/peace-conflict-and-human-rights/sunni-shia-divide/p33176#!/?cid=otr-marketing_url-sunni_shia_infoguide)
- Cronin, A. K. (23 de Mar de 2016). ISIS Is More Than a Terrorist Group: The Case for Treating It Like a State Sponsor. *Foreign Affairs*.
- Curry, A. (01 de Set de 2015). *Here Are the Ancient Sites ISIS Has Damaged and Destroyed: Shocking destruction in the Syrian city of Palmyra is part of the militant group's ongoing campaign against archaeology*. Acesso em 01 de 12 de 2016, disponível em National Geographic: <http://news.nationalgeographic.com/2015/09/150901-isis-destruction-looting-ancient-sites-iraq-syria-archaeology/>

- Dearden, L. (02 de 01 de 2016). *Isis: Israel is the only country terrorist group fears, says first Western journalist to survive 'Islamic State'*. Acesso em 2017 de 06 de 03, disponível em <http://www.independent.co.uk/news/world/middle-east/isis-israel-is-the-only-country-terrorist-group-fears-says-first-western-journalist-to-survive-a6793876.html>
- Department, U. S. (22 de Mar de 2017). *The Global Coalition - Working to Defeat ISIS*. Acesso em 01 de 05 de 2017, disponível em <https://www.state.gov/r/pa/prs/ps/2017/03/268609.htm>
- Dupas, G., & Vigevani, T. (2002). *Isrrael-Palestina: a construção da paz vista de uma perspectiva global*. São Paulo, SP, Brasil: Editora UNESP.
- Elster, J. (1989). *Nuts and Bolts for the Social Sciences*. Cambridge , UK: Cambridge University Press.
- Esposito, J. L. (2002). *UNHOLY WAR: Terror in the Name of Islam* . Oxford University Press.
- F. Gregory Gause III. (11 de Nov de 2014). *Beyond Sectarianism: e New Middle East Cold War*. (T. B. Institution, Produtor) Fonte: BROOKINGS DOHA CENTER ANALYSIS PAPER: <https://www.brookings.edu/wp-content/uploads/2016/06/English-PDF-1.pdf>
- Fawaz, G. A. (2014). *The Rise and Fall of Al-Qaeda*. UK: Oxford University Press.
- Fawcett, L. (2016). *International Relations of the Middle East* (4 ed.). Oxford University Press.
- Ferrara, P. (2016). Religiões e Relações Internacionais: um enquadramento teórico. Em A. Carletti, & M. A. Ferreira, *Religiões e Relações Internacionais: dos debates teóricos ao papel do cristianismo e do Islã* (A. Carletti, Trad.). Curitiba, PR, Brasil: Juruá .
- FFP. (2014). *Conflict Assessment System Tool (CAST)*.
- Fisher, M. (19 de Nov de 2016). How the Iranian-Saudi Proxy Struggle Tore Apart the Middle East *The New York Times*. *The New York Times*.
- Flannery, F. (2015). *Understanding apocalyptic terrorism: Countering the radical mindset*. Routledge.
- Flannery, F. L. (2016). *Understanding Apocalyptic Terrorism: .* Abingdon, Oxon, UK: Routledge.
- Fox, J., & Sandler, S. (2004). *Bringing Religion Into International Relation*. Basingstoke , UK: Palgrave Macmillan.
- Frank, R. (2012). *Pour l'histoire des relations internationales*. Paris, France: Presse Universitaires de France.
- Fromkin, D. (2011). *Paz e guerra no Oriente Médio: a queda do Império Otomano e a criação do Oriente Médio moderno*. Rio de Janeiro, RJ: Contraponto/Biblioteca do Exército.
- Gause, F. G. (17 de Sept de 2015). Ideologies, alliances and underbalancing in the new Middle East Cold War. *International Relations Theory and a Changing Middle East*(16).
- Gordon, L. A., & Oxnevad, I. (2016). *Middle East Politics for the New Millennium: A Constructivist Approach* . Lexington Books .
- GREGG, H. (8 de Apr de 2014). *Defining and Distinguishing Secular and Religious Terrorism*. Acesso em 19 de Out de 2017, disponível em Perspectives on Terrorism: <http://www.terrorismanalysts.com/pt/index.php/pot/article/view/336>
- Gregg, H. S. (2014). Defining and Distinguishing Secular and Religious Terrorism. (T. R. Studies, Ed.) *Perspectives on Terrorism*, 8(2), pp. 36-51.

- Halliday, F. (2005). *The Middle East in International Relations: Power, Politics and Ideology*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Haynes, J. (2012). *Religions transnational acts and Soft Power*. Aldershot: Ashgate.
- Heißner, S., Neumann, P. R., Holland-McCowan, J., & Basra, R. (2017). *Caliphate in Decline: An Estimate of Islamic State's Financial Fortunes*. The International Centre for the Study of Radicalisation (ICSR), London.
- Hinnebusch, R. (2003). *The International Politics of the Middle East*. Manchester, UK: Manchester University Press.
- Hinnebusch, R. (2017). *International Relations of the Middle East*. Em L. Fawcett, *International Relations of the Middle East* (4 ed.). Oxford University Press.
- Horgan, J. (2003). *The Search for the Terrorist Personality*. Em A. Silke, *Terrorists, Victims and Society: Psychological Perspectives on Terrorism and its Consequences*. John Wiley & Sons.
- Hosmer, S. T. (2007). *Why the Iraqi resistance to coalition invasion was so weak*. Santa Monica, CA, USA: RAND Corporation.
- Hourani, A. (2006). *Uma História dos Povos Árabes*. Brasil: COMPANHIA DE BOLSO.
- House of Commons. (2015). *ISIS and the sectarian conflict in the Middle East*. London: House of Commons Library.
- Human Rights Watch. (05 de Abri de 2016). *Iraq: Women Suffer Under ISIS: or Sunnis, Lives Curtailed; for Yezidis, New Accounts of Brutal Rapes*. Acesso em 07 de 05 de 2017, disponível em <https://www.hrw.org/news/2016/04/05/iraq-women-suffer-under-isis>
- Institute for Economics & Peace. (2015). *Global Terrorism Index 2015: Measuring and Understanding the impact of terrorism*. Sydney.
- Isakhan, B. (2012). *Democracy in Iraq : history, politics, discourse*. Burlington, VT, USA: Ashgate.
- Isakhan, B. (2015). *The Legacy of Iraq: The Legacy of Iraq: From the 2003 War to the Islamic State*. Edinburgh, UK: Edinburgh University Press.
- Jawad, S. N. (2013). *The Iraqi Constitution: Structural Flaws and Political Implications*. *LSE Middle East Centre Paper Series*, 01, 1-24.
- Jeremy Wilson, A. R. (18 de 01 de 2016). *The Independant*. Fonte: These are the weapons that make up Isis's arsenal: <http://www.independent.co.uk/news/world/middle-east/these-are-the-weapons-that-make-up-the-isis-arsenal-a6819551.html>
- Johnson, C. (06 de 09 de 2006). *Transcript: President Bush, Part 2*. Acesso em 05 de 11 de 2017, disponível em CBS: <https://www.cbsnews.com/news/transcript-president-bush-part-2/>
- Johnston, I. (03 de Set de 2014). (T. Independent, Produtor) Acesso em 06 de Mai de 2017, disponível em *The rise of Isis: Terror group now controls an area the size of Britain, expert claims*: <http://www.independent.co.uk/news/world/middle-east/the-rise-of-isis-terror-group-now-controls-an-area-the-size-of-britain-expert-claims-9710198.html>
- Kaplan, J. (2016). *Radical Religion and Violence: Theory and case studies*. Abingdon, Oxfordshire, UK: Routledge.
- Kaplan, R. D. (2013). *A vingança da geografia: a construção do mundo geopolítico a partir da perspectiva geográfica*. (C. d. Serra, Trad.) Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Elsevier.
- Kassab, H. S. (2017). *Prioritization Theory and Defensive Foreign Policy: Systemic Vulnerabilities in International Politics*. Palgrave Macmillan.

- Kaya, Z. N. (17 de Sept de 2015). When sovereignty and self-determination overlap in claims to statehood: e case of Iraçi Kurdistan. *International Relations Theory and a Changing Middle East*(16).
- Kazi, N. (2015). Ahmed Mohamed and the Imperial Necessity of Islamophilia. *Islamophobia Studies Journal*, Vol. 3(1), 115-126.
- Khader, J. (2015). Repeating Fundamentalism and the Politics of the Commons: The Charlie Hebdo Tragedy and the Contradictions of Global Capitalism. *Islamophobia Studies Journal*, Vol. 3(1), 12-28.
- Khatteeb, L. A., & Kadhim, A. (18 de Out de 2015). How to Work With Russia in Syria. What Cooperation Would Look Like. *Foreign Affairs*.
- Kirişçi, K. (03 de Set de 2015). *Why 100,000s of Syrian refugees are fleeing to Europe*. Acesso em 15 de 12 de 2016, disponível em Brookings Institution: <https://www.brookings.edu/blog/order-from-chaos/2015/09/03/why-100000s-of-syrian-refugees-are-fleeing-to-europe/>
- Kissinger, H. (2015). *Ordem Mundial*. (C. Figueiredo, Trad.) Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Objetiva.
- Koslowski, R., & Kratochwil, F. V. (1995). Understanding Change in International Politics: The Soviet Empire's Demise and the International System. Em R. N. Risse-Kappen, *International Relations Theory and the End of the Cold War*. New York, NY, USA: Columbia University Press.
- Kratochvíl, P. (2009). The Religious Turn in IR: A Brief Assessment. *Perspectives*, 17(2), 5-11.
- Laqueur, W. (1977). *Terrorism*. Toronto, CA: Little Brown and Company.
- Lawrence. (2016). *The terror years : from al-Qaeda to the Islamic State*. Vintage .
- Lecker, M. (26 de 08 de 2014). *The Constitution of Medina*. Acesso em 01 de 11 de 2017, disponível em Oxford Bibliographies: <http://www.oxfordbibliographies.com/view/document/obo-9780195390155/obo-9780195390155-0209.xml>
- Legrenzi, M., & Calculli, M. (2017). Middle East Security: Continuity Amid Change. Em L. Fawcett, *International Relations of the Middle East* (4 ed.). Oxford University Press .
- Lia, B. (2005). *Globalisation and the Future of Terrorism: Patterns and Predictions*. Routledge.
- Lister, T., Sanchez, R., Bixler, M., O'Key, S., Hogenmiller, M., & Tawfeeq, M. (13 de 02 de 2017). *ISIS goes global: 143 attacks in 29 countries have killed 2,043*. Acesso em 17 de 07 de 2017, disponível em CNN: <http://edition.cnn.com/2015/12/17/world/mapping-isis-attacks-around-the-world/index.html>
- Lowe, N. (2011). *História do Mundo Contemporâneo* (4 ed. ed.). Porto Alegre, RG, Brasil: Penso.
- Lynch III, T. F. (2009). Sunni and Shi'a Terrorism: Differences that Matter. *Combating Terrorism Center at West Point*. Brookings Institution/The Combating Terrorism Center at West Point.
- MacFARQUHAR, N. (20 de Nov de 2015). For Russia, Links Between Caucasus and ISIS Provoke Anxiety. *The New York Times*.
- Mahoney, J., & Goertz, G. (2004). The possibility principle: Choosing negative cases in comparative research. 98, 653-69.
- Malkasian, C. (2017). *Illusions of Victory: The Anbar Awakening and the Rise of the Islamic Stat*. (O. U. Press, Ed.) UK.

- Malmvig, H. (17 de Sept de 2015). Coming in from the Cold: How we may take sectarian identity politics seriously in the Middle East without playing to the tunes of regional power elites. *International Relations Theory and a Changing Middle East* .
- Mandaville, P. (2017). Islam and International Relations in the Middle East. Em L. Fawcett, *International Relations of the Middle East*. Oxford University Press.
- Markakis, D. (2016). *US Democracy Promotion in the Middle East: The pursuit of hegemony*. Oxon, UK: Routledge.
- Marsden, S. V., & Schmid, A. P. (2011). Typologies of Terrorism and Political Violence. Em A. P. Schmid, *The Routledge handbook of terrorism research*.
- McAllister, B., & Schmid, A. P. (2011). Theories of Terrorism. Em A. P. Schmid, *The Routledge handbook of terrorism research*. Routledge.
- McCants, W. (3 de October de 2014). *ISIS fantasies of an apocalyptic showdown in northern Syria*. Acesso em 21 de Outubro de 2017, disponível em The Brookings Institution: <https://www.brookings.edu/blog/markaz/2014/10/03/isis-fantasies-of-an-apocalyptic-showdown-in-northern-syria/>
- McCulloh, T., & Johnson, R. (2013). *Hybrid Warfare*. United States Special Operations Command (USSOCOM), Joint Special Operations University (JSOU) . Tampa, Fl.: JSOU Press.
- Mills, C. (2017). *ISIS/Daesh: the military response in Iraq and Syria*. House of Commons, London.
- Mills, C. (2017). *Syria, ISIS/Daesh: the military response in Iraq and Syria*.
- Moubayed, S. (2015). *Under the Black Flag: An Exclusive Insight into the Inner Workings of ISIS*. I.B.Tauris & Co Ltd.
- Naji, A. B. (2004). *The Management of Savagery: The Most Critical Stage Through Which the Umma Will Pass*. (H. University, Ed., & W. McCants, Trad.) John M. Olin Institute for Strategic Studies .
- Napoleoni, L. (2016). *A fênix islamista: o Estado Islâmico e a reconfiguração do Oriente Médio* (3. ed. ed.). (M. C. Almeida, Trad.) Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Bertrand Brasil.
- NAYLOR, S. D. (2015). *The Islamic State's Best Weapon Was Born in the USA*. Fonte: Foreign Policy: <http://foreignpolicy.com/2015/06/04/hell-on-wheels/>
- Niruthan, N. (25 de 06 de 2016). *How Hybrid Warfare Could Change Asia: What the future of warfare might look like in Asia*. Acesso em 28 de 05 de 2017, disponível em The Diplomat: <https://thediplomat.com/2016/06/how-hybrid-warfare-could-change-asia/>
- Nye, J. (2004). *Soft Power: The Means to Success in World Politics*. *New York Public Affairs*.
- Opall-Rome, B. (15 de 10 de 2015). *Iraqi Forces Add Russian Guns to US Tanks for ISIL Fight*. Fonte: Defense News: <https://www.defensenews.com/home/2015/10/15/iraqi-forces-add-russian-guns-to-us-tanks-for-isil-fight/>
- Orton, K. W. (23 de Dez de 2015). How Saddam Hussein Gave Us ISIS. *The New York Times*.
- Otterman, S. (14 de Nov de 2003). *Iraq: The Role of Tribes*. Fonte: Council on Foreign Relations (CFR): <http://www.cfr.org/iraq/iraq-role-tribes/p7681>
- Pape, R. (2005). *Dying to Win: The Strategic Logic of Suicide Terrorism*. Random House.
- Parvizi, A. M. (2007). *The Greater Middle East in global politics : social science perspectives on the changing geography of the world politics*. Leiden, Boston, USA: Brill.

- Paschoal, A. E. (2014). *Nietzsche e o Ressentimento*. São Paulo, SP, Brasil: Humanitas.
- Pew Global Attitudes Project. (2007). *A Rising Tide Lifts Mood in the Developing World: Sharp Decline in Support for Suicide Bombing in Muslim Countries*. Washington, DC: Pew Research Center.
- Qaidaari, A. (28 de Abr de 2016). *Who sent Iranian Green Berets to Syria?* Acesso em 11 de Mai de 2017, disponível em Al-Monitor: <http://www.al-monitor.com/pulse/originals/2016/04/iran-army-brigade-65-green-berets-syria-deployment.html>
- Rapoport, D. (2004). The four waves of modern terrorism. Em J. M. Audrey Kurth Cronin, *Attacking terrorism: elements of a grand strategy*. Georgetown University Press.
- Rear, M. (2012). *Intervention, Ethnic Conflict and State-Building in Iraq: A Paradigm for the Post-Colonial State*. Routledge.
- Revkin, M. (10 de Jan de 2016). ISIS' Social Contract What the Islamic State Offers Civilians . *Foreign Affairs*.
- Revkin, M. (23 de Jul de 2016). *The legal foundations of the Islamic State*. (T. B. Institution, Produtor) Fonte: The Brookings Project on U.S. Relations with the Islamic World - ANALYSIS PAPER: [https://www.brookings.edu/wp-content/uploads/2016/07/Brookings-Analysis-Paper\\_Mara-Revkin\\_Web.pdf](https://www.brookings.edu/wp-content/uploads/2016/07/Brookings-Analysis-Paper_Mara-Revkin_Web.pdf)
- Rights, T. O. (19 de Mar de 2015). *ISIL may have committed war crimes, crimes against humanity and genocide: UN report*. Acesso em 17 de 04 de 2017, disponível em <http://www.ohchr.org/EN/NewsEvents/Pages/DisplayNews.aspx?NewsID=15720>
- Sahliyah, E. (1990). *Religions resurgence and politics in contemporary world*. Albany, USA: State University of New York Press.
- Schwartzstein, P. (07 de Abr de 2017). *The Dangerous State of Iraq's Rivers: Letter From Abu Ghraib*. Acesso em 13 de Abr de 2017, disponível em Foreign Affairs: <https://www.foreignaffairs.com/articles/iraq/2017-04-07/dangerous-state-iraqs-rivers>
- Scott Burchill, Andrew Linklater, Richard Devetak, Jacq Donnelly, Mathew Paterson, Christian Reus-Smit, Jacqui True. (2005). *Theories of International Relations* (3 ed. ed.). New York, N.Y, USA: Palgrave Macmillan.
- Séville-Lopez, P. (2006). *Geopolíticas do Petróleo*. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget.
- Seddon, D. (2004). *A Political and Economic Dictionary of the Middle East*. UK: Taylor & Francis.
- Seiple, R. A., & Hoover, D. R. (2004). *Religion and Security: The New Nexus in International Relations*. London: Sheed & Ward.
- Sengupta, K. (29 de 08 de 2014). *It's not just the savagery of Isis that is shocking – its weaponry is too: The jihadists have taken equipment belonging to both the Syrian regime and America*. Fonte: The Independent: <http://www.independent.co.uk/voices/comment/the-savagery-of-isis-is-shocking-and-so-too-is-its-weaponry-9700476.html>
- Shadi Hamid, W. M. (Jan de 2015). *Islamism after the Arab Spring: Between the Islamic State and the nation-state*. (I. W. Papers, Produtor) Acesso em 2017 de 10 de 16, disponível em The Brookings Project on U.S. Relations with the Islamic World U.S: [https://www.brookings.edu/wp-content/uploads/2017/01/islamism-after-the-arab-spring\\_english\\_web\\_final.pdf](https://www.brookings.edu/wp-content/uploads/2017/01/islamism-after-the-arab-spring_english_web_final.pdf)
- Shapiro, J. N. (2013). *The Terrorist Dilemma: Managing Violent Covert Organizations*. Princeton, NJ, USA: Princeton University Press.

- Shapiro, J. N. (2017). *Iraq Overview*. Acesso em 23 de 07 de 2017, disponível em The Empirical Studies of Conflict Project (ESOC): <https://esoc.princeton.edu/country/iraq>
- Shlapentokh, D. V. (20 de Out de 2015). Russia's approach to ISIL: the hidden benefit of evil. *NATO Review Magazine*.
- Silke, A. (01 de 12 de 2001). The Devil You Know: Continuing Problems with Research on Terrorism. *Terrorism and political violence*, 13(4), 1-14.
- Silva, T. d. (2016). *Islão e Fundamentalismo Islâmico das Origens ao Século XXI*. Lisboa, Portugal: Pacto.
- Simon, A. (10 de Nov de 2016). *Tribalism in Transition: Iraq's Sunni Tribes Before, During and After the Islamic State – Part II*. Acesso em 15 de Apr de 2017, disponível em The SAIS Review of International Affairs: <http://www.saisreview.org/2016/11/10/tribalism-in-transition-partii/>
- Sky, E. (March/April de 2011). *Iraq, From Surge to Sovereignty: Winding Down the War in Iraq*. Acesso em 07 de 03 de 2017, disponível em Foreign Affairs: <https://www.foreignaffairs.com/articles/middle-east/2011-03-01/iraq-surge-sovereignty>
- Solomon, H. (2016). *Islamic State and the coming global confrontation*. Ney York, USA: Springer Publishers.
- Sondhaus, L. (2013). *A Primeira Guerra Mundial: história completa*. São Paulo, SP, Brasil: Editora Contexto.
- Spring 2015 Global Attitudes Survey*. (2015). (P. R. CENTER, Produtor) Fonte: Pew Research Center.
- Sputnik. (15 de Nov de 2016). *Russia's Admiral Kuznetsov Aircraft Carrier Begins Combat Operations in Syria*. Acesso em 07 de Dec de 2016, disponível em <https://sputniknews.com/military/201611151047453340-admiral-kuznetsov-syria/>
- Stansfield, G. (2009). Submission to the Iraq Inquiry: What were the causes and consequences of Iraq's descent into violence after the initial invasion? . *Expert seminar - Kings College London* (pp. 1-9). London: Institute of Arab and Islamic Studies - University of Exeter.
- Stansfield, G. (July de 2014). Kurdistan Rising: To Acknowledge or Ignore the Unraveling of Iraq. (33), 1-16.
- Stansfield, G. (2016). *Iraq: People, History, Politics* (2.ed ed.). Polity Press.
- Stern, J. (2004). *Terror em nome de Deus: Por que os militantes religiosos matam*. São Paulo, SP, Brasil.
- Stern, J., & Berger, J. (2015). *Estado Islâmico: Estado de Terror*. Amadora, Portugal: Vogal.
- Stratfor. (18 de 09 de 2015). *In Iraq, Regional Players Try to Gain Influence*. Acesso em 03 de 08 de 2017, disponível em Stratfor: <https://worldview.stratfor.com/image/iraq-regional-players-try-gain-influence-0>
- STRATFOR. (5 de May de 2015). *Why Sunni Unity Is a Myth*. Acesso em 2017 de 10 de 25, disponível em <https://www.stratfor.com/analysis/why-sunni-unity-myth>
- SVIRSKY, M. (28 de Jun de 2015). *ISIS Has Up To 42 Million Supporters in the Arab World*. Acesso em 15 de Out de 2017, disponível em The Clarion Project: <https://clarionproject.org/isis-has-least-42-million-supporters-arab-world/>
- Swanson, A. (4 de Janeiro de 2016). How the Islamic State makes its Money. *The Washington Post*.
- Table, A. J. (11 de Aug de 2015). The New Great Game: How Regional Powers are Carving Up Syria. *Foreign Affairs*.



- Tannenwald, N. (2015). Process Tracing and Security Studies. *Security Studies*, 24, 219–227.
- Teixeira, U. T. (2016). *PROMOÇÃO DE DEMOCRACIA E APOIO A GOVERNOS AUTORITÁRIOS PELOS ESTADOS UNIDOS: TRANSIÇÕES DE REGIME E REALINHAMENTOS DE POLÍTICA EXTERNA NO IRÃ E NO EGITO*. UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais.
- The Economist. (08 de 10 de 2016). *From Aleppo to Mosul: The liberation of Iraq's second-largest city offers a rare chance to assuage Sunni anger*. Acesso em 02 de 06 de 2017, disponível em <https://www.economist.com/news/leaders/21708259-liberation-iraqs-second-largest-city-offers-rare-chance-assuage-sunni-anger>
- The Economist Intelligence Unit. (2005). *Special Report - The dynamics of democracy in the Middle East*. London.
- THE ECONOMIST INTELLIGENCE UNIT. (12 de Mar de 2014). *The Middle East's cold war*. Acesso em 10 de Out de 2017, disponível em <http://country.eiu.com/article.aspx?articleid=1451616729>
- Tim Lister, R. S. (13 de Fev de 2017). *ISIS goes global: 143 attacks in 29 countries have killed 2,043*. Fonte: CNN: <http://edition.cnn.com/2015/12/17/world/mapping-isis-attacks-around-the-world/>
- Tripp, C. (2007). *A History of Iraq*. Cambridge.
- VALBJORN, M. (2004). Toward a 'Mesopotamian turn': disciplinarily and the study of the international relations of the Middle East. *Journal of Mediterranean Studies*, 4(1-2), 47-75.
- Victoroff, J. (2005). The Mind of the Terrorist: A Review and Critique of Psychological Approaches. *Journal of Conflict Resolution*, 49(1), pp. 3-42.
- Visser, R., & Stansfield, G. (2007). *An Iraq of Its Regions: Cornerstones of a Federal Democracy?* UK: Hurst & Columbia University Press.
- Weiss, M., & Hassan, H. (2015). *Estado Islâmico: desvendando o exército do terror*. Seoman.
- Wendt, A. (1987). The agent-structure problem in international relations theory. 41(3).
- Wendt, A. (1992). Anarchy is what states make of it: the social construction of power politics. *International Organization*, 46(2), 391-425.
- Wood, G. (2017). *A Guerra do Fim dos Tempos: O Estado Islâmico e o Mundo que Ele Quer*. (L. T. Motta, Trad.) São Paulo, SP, Brasil: Companhia das Letras.
- Wright-Neville, D., & Smith, D. (02 de Mar de 2009). Political rage: terrorism and the politics of emotion. *Global Change, Peace & Security*, 85-98.
- Yin, R. K. (2015). *Estudo de caso: planejamento e método* (5a ed.). (C. M. Herrea, Trad.) Porto Alegre, RS, Brasil: Bookman.
- Zehfuss, M. (2002). *Constructivism in International Relations: The Politics of Reality*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Zhirkov, K., Verkuyten, M., & Weesie, J. (2014). Perceptions of world politics and support for terrorism among Muslims: Evidence from Muslim countries and Western Europe. *Conflict Management and Peace Science*, 481-501.
- Zimmermann, E. (4 de Out de 2011). Introduction: World out of balance. *European Journal of Political Economy*, 27(1), 152-161.